«A ESTRUTURA DA ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA» — POR VITORINO MAGALHÃES GODINHO (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 28 DE JULHO DE 1970 N.º 17 098 ANO 50.º PREÇO 1$50

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

A urna de Salazar, transportada aos ombros de militares, atravessa os jardins de S. Bento, sob os olhares do Presidente do Conselho e de outras personalidades

A morte de Salazar

Cortejo fúnebre até Belém

Após um lento cortejo de 10 minutos, desde o palacete onde Salazar viveu 35 dos seus 42 anos de Poder até ao Palácio da Assembleia Nacional, o préstito fúnebre do antigo Chefe do Governo saiu esta manhã, às 11 e 15, a caminho do Mosteiro dos Jerónimos.

Desde manhã cedo, os portões verdes do jardim da residência do falecido Presidente mantiveram-se abertos, deixando os transeuntes entrar para os jardins do palacete de paredes claras e 50 janelas, de onde o País foi governado durante as quatro décadas que findaram em Setembro de 1968.

As mais altas individualidades do País acorreram ali, esta manhã, a partir das 10 horas, a fim de assistirem á missa de corpo presente celebrada pelo pároco da Estrela. No seu escritório, situado numa das salas do primeiro piso do palacete, Salazar repousava no sono da morte. À sua cabeceira, a sr.ª D. Maria de Jesus Caetano Freire, a governanta fiel de tantos anos do velho político, a irmã mais velha de Salazar, sr.ª D. Marta do Resgate; os sobrinhos (filhos da outra irmã, sr.ª D. Laura Salazar), D. Maria Carlota Salazar Antunes, D. Marília Salazar Melo, e dr. António Salazar; os sobrinhos netos, filhos de D. Marília, António e Rui; a prima do antigo governante, D. Manuela Branquinho da Fonseca e seu marido, tenente-coronel Branquinho da Fonseca. Ali, também, os mais indefectíveis seguidores de Salazar, entre eles o dr. Paulo Rodrigues, discretamente recolhido.

(Continua na página central)

ENTRE PORTO AMÉLIA E O IBO

Um caixeiro viajante tentou desviar um táxi aéreo para país estrangeiro

LOURENÇO MARQUES, 28 — (L.) — O Centro de Informação e Turismo (C.I.T.) distribuiu a seguinte informação:

«Em 25 do corrente, o nacional Luís Manuel Chacatas Fabião de Campos, caixeiro-viajante, natural da freguesia de Santa Maria da Graça em Setubal, de 26 anos de idade e residente na Rua do Jardim, n.º 456, em Lourenço Marques, ao utilizar um táxi aéreo da ETAPA, de Porto Amélia para Ibo, tentou, sob ameaça com arma de fogo, obrigar o piloto a desviar o avião para país estrangeiro.

O referido piloto, dando provas de muita coragem, conseguiu aterrar na Ilha do Ibo, onde o Luís de Campos foi detido pelas autoridades de Segurança a quem declarou que o tresloucado acto se deve á sua desesperada situação financeira. Acompanhava-o, naquela viagem, Anabela Ferreira da Silva, empregada de escritório, de 20 anos de idade e residente em Lourenço Marques».

férias no MUNDO

ESGOTADOS MUITOS NÚMEROS DO «DIÁRIO DE LISBOA»

O êxito do concurso FÉRIAS NO MUNDO obrigou-nos a repetir a publicação de muitos números do nosso jornal em que vieram publicados os cupões que habilitam os concorrentes aos magníficos prémios deste concurso. A decisão de repertirmos a publicação destes cupões foi-nos imposta pelas circunstâncias mas não previmos — nem podiamos

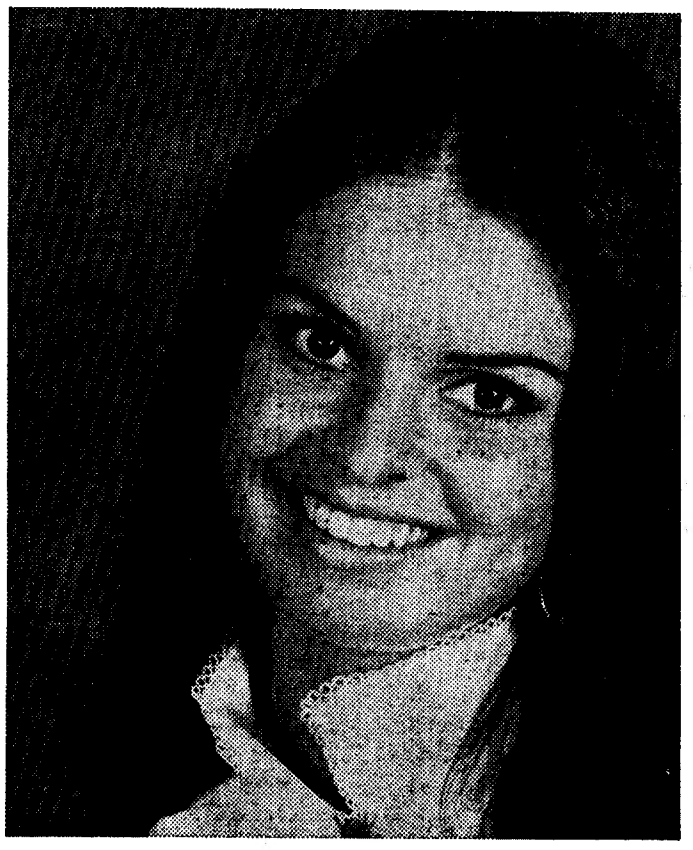
(Cont. na pág. seguinte)

NIXON: uma guerra mais barata

SAN CLEMENTE (Califórnia), 28 — (R.) — O secretário da Defesa, Melvin Laird, afirmou a noite passada que o custo da guerra no Vietnam fora reduzido a metade desde que o Governo de Nixon assumiu o seu mandato há 18 meses.

(Ler mais noticiário na pág. 11)

HOJE 32 PÁGS. VISADO PELA CENSURA



NORUEGUESA DE 18 ANOS ELEITA PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS»

A jovem norueguesa Elisabeth Krögh, de 18 anos, é a nova princesa mundial das «Teen-Agers». Bailarina da Ópra de Oslo, o título não oferece discussão a ninguém

(Ler rep. na pág. 5)

«LISBOA, DIA E NOITE»

Dezenas de leitores premiados no nono sorteio do concurso

Arminda da Conceição entrega á sr.ª D. Beatriz da Silva Moreira da Mota, oficial do Governo Civil, uma das colecções de cupões ontem premiadas

Pode afirmar-se que o nosso concurso tem encontrado o maior entusiasmo em todos quantos participam na iniciativa. E somam já alguns milhares de leitores que, semanalmente, se habilitam aos sorteios, o 9.º dos quais se realizou ontem, nos nossos serviços administrativos, com a colaboração de Arminda da Conceição, há poucos dias em Lisboa, vinda do Brasil, onde actuou com êxito. Dirigindo os trabalhos do sorteio a sr.ª D. Beatriz da Silva Moreira da Mota, oficial do Governo Civil. Representando o nosso jornal, o sr. Afonso Valente, chefe do departamento de promoção e vendas do «Diário de Lisboa».

Mais algumas dezenas de leitores foram premiados no nosso concurso. Constituem a relação que publicamos, com os respectivos estabelecimentos onde vão utilizar os seus prémios.

Os CONCORRENTES PREMIADOS

1.º, Ivone Fernandes de Sousa Marques, Estrada de Benfica, 373, 3.º, esq., Lisboa (Adaggio); 2.º, José Maria de Carvalho, Travessa de Beirolas, 2, Olivais, Lisboa (Adega Machado); 3.º, Maria Celeste da Silva Dias, Estrada de Benfica, 451, 2.º, esq., Lisboa (Arabita de Alfama); 4.º, Silvestre Matos da Costa, Estrada de Moscavide, lote 5, 5.º, esq., Olivais, Lisboa (Archote Club); 5.º, Maria Teresa Santos Falcão, Rua Viscondessa de Alvor, 50, 2.º, esq., Portimão (Baiúca); 6.º, Basílio Albino Lopes, Estrada dos Ciprestes, Lote 3, 4.º, esq., Setúbal (Bonapart Bar); 7.º, Carlos Alberto Soares da Silva, Estrada do Vale Mourão, Cacém (Casino Estoril); 8.º, Maria Helena Correia Barata, Rua Luciano Cordeiro, 46, 4.º, dt.º, Lisboa (Folclore); 9.º, Manuel Alexandrino Vaz da Silva Augusto, Praceta Pedro Ivo, 2, 2.º, dt., Amadora (Forte Velho); 10.º, Teolindo Pais Farinha Coelho, Calçada do Galvão, 131, 2.º, dt., Lisboa (Galeria Real); 11.º, Joaquim Angélico Silva Barradas, Largo Félix Avelar Brotero, Santo Antão do Tojal, Loures (Hippopotamo); 12.º, Ramiro Pereira Nunes, Av. Duque de Ávila, 40, 4.º, dt., Lisboa (Kaverna); 13.º, Fernando M. M. Lobão de Carvalho, Rua de S. Bernardo, 9, 3.º, dt., Lisboa (Lar Português); 14.º, António Gil Antunes dos Reis, Rua Oliveira Martins, 4, 2.º, Lisboa (Lord); 15.º, Luís Silva Filipe, Alvito, Alentejo (Maxime); 16.º, Leonel Domingos Rocha, Rua do Lavra, 13, 1.º, Esq., Linda-a-Pastora (Marcia Condessa); 17.º, Rosalina Eloi de Oliveira Mendes Valente, Rua António Nobre, 44, 1.º, Esq., Lisboa (Mil e Um); 18.º, Amaro Pereira Jorge, Rua Castro Matoso, 12-A, Coimbra (O Forcado); 19.º, Maria Manuela Araujo de Sousa Otto, Av. D. Rodrigo da Cunha, 15, 1.º-C, Lisboa (Parreirinha de Alfama); 20.º, Pedro Alberto Idelas Ribeiro Rosa, Rua Timor, 2, 2.º-F, Lisboa (Pop-Fado); 21.º, Artur Sousa Nogueira, Largo Canelas, Almargem do Bispo (Solar da Madragoa); 22.º, Fernanda Mendes da Conceição, Rua Tomás Ribeiro, 9, 2.º, Lisboa (Snob); 23.º, Manuel Nunes, Rua Médico Sousa Refoios, 54, Castelo Branco (Tágide); 24.º, Milton Augusto de Azevedo de Morais Sarmento, Praça S. Sebastião, 59, cave-E-A, Coimbra (Taverna do Embuçado); 25.º, Camilo Queirós de Barros, Quinta do Lameiro, lote 10, 1.º, dt.º, Carcavelos (Timpanas); 26.º, Acácio Cheta da Silva, Rua S. Filipe Nery, 37, 3.º, esq., Lisboa (Terraço das Estrelas); 27.º, Guilherme Maria da Costa, Rua Sant'Ana á Lapa, 157, 1.º, dt.º, Lisboa (Fragata Real); 28.º, Maria Amélia Pancada Neves, Rua de Lisboa, 1, Beja (Severa); 29.º, Carlos Manuel Pancada Neves, Rua de Lisboa, 1, Beja (Guitarra da Madragoa); 30.º, José António Henriques Matildes, Rua da Lapa, 114, 3.º, Lisboa (Solar do Minho); 31.º, António Alberto Cardoso Lopes, Av. Estados Unidos da América, 127, 9.º, C, Lisboa (Sanzala).

A todos estes concorrentes, o «Diário de Lisboa» enviará as credenciais que os vão habilitar á utilização dos prémios.

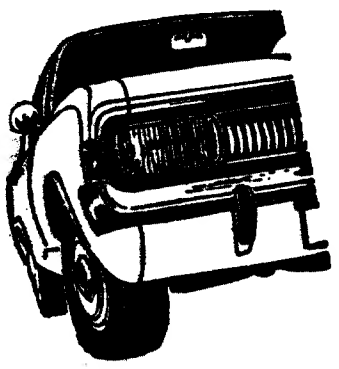
OPEL

KADETT
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE
KAPITAN
ADMIRAL

peça uma demonstração a

LICAR

AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA



Diario de Lisbôa — CUPÃO N.º 15

férias no MUNDO

TAP — PRESENÇA PORTUGUESA NAS ROTAS DO MUNDO

ATENÇÃO AO «DIÁRIO DE LISBOA» DE AMANHÃ

(Cont. da página anterior)

prever — que os números do «Diário de Lisboa» em que vieram publicados estes cupões também se esgotassem. Efectivamente, sem que tivessemos previsto o resultado que viria a ter a repetição dos cupões de FÉRIAS NO MUNDO, aumentou de tal forma o número dos concorrentes a este concurso que já se esgotaram muitos dos números do «Diário de Lisboa» em que repetimos a publicação dos cupões. O problema é sério na medida em que somos forçados a admitir a hipótese de repetir novamente a publicação dos cupões. Atenção, portanto ao «Diário de Lisboa» de amanhã.

DE ONTEM PARA HOJE

AUTOMÓVEL DE MORTE

A conduzir um automóvel, ia para a estação da Guarda a estudante Maria Elisa Moreira Ardérios, de 18 anos, de Unhais da Serra. Era acompanhada de António José Saraiva, de 19 anos, e de Dulce Saraiva, de 17. Em dada altura a condutora saltou do carro por este ter guinado para a mão contrária. Saltou do carro em tão má hora, que o próprio carro a foi colher. E tanto a feriu que dos ferimentos viria a expirar pouco depois de socorrida.

CARRINHA QUE SE VOLTA

Hoquistas de Estremoz iam para Oeiras disputar um desafio de hóquei em patins. À saída da Mota, porém, a carrinha voltou-se não se sabe bem porquê. Feridos ficaram alguns hoquistas, sendo grave o estado do jogador Apolinário, de 18 anos. Ficou internado no Hospital Ortopédico de Lisboa, com costelas partidas e suspeita de fractura da coluna vertebral.

DESCARRILAMENTO

Ontem á tarde, uma composição ferroviária realizava manobras na estação de Granja do Ulmeiro. Em dada altura, foi embater numa série de carruagens velhas ali estacionadas, na linha que liga Alfarelos á Figueira da Foz. O embate foi muito violento e o furgão saltou fora, ficando atravessado sobre a linha. Teve de haver trasbordos para os passageiros de alguns combóios.

MORTO POR UM AUTOMÓVEL

Na Avenida de Berlim, o menor de 5 anos Luís Inácio Pinnal Leitão morador aos Olivais, foi colhido por um automóvel. Morreu logo recolhendo o corpo ao Instituto de Medicina Legal.

CIRURGIA PLÁSTICA

Na assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica e Reconstrutiva, foram eleitos os corpos gerentes para o biénio de 1970-1972, que ficaram assim constituídos: Presidente, dr. António Gentil Martins; secretário-geral, dr. José Boléo Tomé; secretário substituto, dr. João Sacadura.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

MANPOWER

PRECISA PESSOAL COMPETENTE

Se está interessada/o em trabalho temporário, inscreva-se. Temos certamente um lugar para si, qualquer que seja a sua actividade.

Pode fazer a sua inscrição das 9 ás 12,30 ou das 14,30 ás 17,30.

Praça José Fontana, 9-C Lisboa

Ajuda a suprimir a preocupação das folgas dos Dentes postiços

Não se preocupe mais nem se apoquente com a dentadura postiça solta. DENTOFIX, um pó alcalino especial (não ácido) para polvilhar as suas placas, fixe as mesmas firmemente de modo que lhe proporcione maior conforto. Acalma e refresca as gengivas causticadas pelo ácido excessivo na boca. Evite aborrecimentos ocasionados pelas placas folgadas. Peça hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULIÃO. Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir — Telef. 59288. Orçamentos grátis

A ESTRUTURA DA ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA

V — FACTORES DA EVOLUÇÃO

por VITORINO MAGALHÃES GODINHO

A composição social não permanece, evidentemente, estática, inalterável durante estes três séculos, já não é bem a mesma quando a Grã-Bretanha inicia a Revolução da máquina a vapor e a França a Revolução da cidadania. Em todo o caso, em 1787 ainda em Espanha o clero, a nobreza, a exército e a administração pública, as profissões liberais, os estudantes e serviçais somam 30 por cento da população adulta masculina, e os agricultores, se aumentaram numèricamente, não ultrapassam 60 por cento. Mesmo nas condições renovadas desta época (a agricultura beneficiou já de algumas transformações) não há dúvida de que é este um número ainda baixo de actividade primária para uma sociedade de antigo regime que não está a fazer uma revolução de técnica agrícola.

Cabe perguntarmo-nos se não é precisamente nesta constituição estrutural da sociedade peninsular que residem as razões pelas quais, tendo iniciado a grande faina do descobrimento do mundo, depois não participou na revolução industrial. E como foi possível essa atrofia do sector primário e essa não menos espectacular e estranha hipertrofia do sector que «come» a renda sem fomentar a produção? Uma e outra resultaram da expansão ultramarina, quer para Portugal quer para Espanha, com o correlativo crescimento mercantil e a possibilidade de satisfazer, graças aos circuitos comerciais, as necessidades que a produção nacional não pode satisfazer. Sabemos hoje que a revolução industrial foi precedida, tanto na Grã-Bretanha como em França e na Alemanha, por uma revolução agrícola, ligada á pressão demográfica; o aumento da produtividade na produção de subsistências libertou mão-de-obra que afluiu ás cidades e constituiu a base do mercado do trabalho industrial, podendo, graças ás trocas internas, ser alimentado pelo trabalho do camponês. Foi o que não se processou na Península.

Ritmos de mudança social

A estrutura de antigo regime não é, claro, um bloco monolíticamente isento de mudanças, repetindo-se homogèneamente ao longo destes três séculos e tal. Assim como a percorreram ritmos demográficos, ritmos na distribuição da população através do território peninsular, assim como pulsou consoante os ritmos económicos e a sua diversa configuração espacial, ritmaram-na também alternancias sociais que ora avolumaram ora contraíram a importancia da burguesia comercial - marítima ou das classes artesanais.

Esses ritmos da sociedade, foi Jaime Cortesão quem pela primeira vez os pôs em relevo. A sua ideia, afinal bem simples, é de que até ao ocaso do século XV a burguesia se desenvolve no nosso País e desempenha um papel motor, tem as iniciativas fundamentais. No século XVI dá-se uma reacção nobre (de igual modo Veiga Simões acentuava o papel, para ele decisivo e irreversível, desta reacção), recuperando quer o poderio económico quer o poder político; teria sido necessário o açúcar do Brasil, ao findar Quinhentos e no século XVII, para que de novo a burguesia, ligada á actividade dos portos provincianos, renascesse e readquirisse a sua influência. Mas uma vez mais, para fins do século de Seiscentos, a nobreza e o clero conseguiram reaver ás mãos as alavancas da obtenção das riquezas e do poder político; definhara a classe média, há agora rigidez social em castas (*Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid*, Parte I, t. I, pp. 69-89). Esquema rítmico talvez demasiado simples, em todo o caso significa, válidamente, que por várias vezes no nosso país, como no resto da Península, a burguesia tentou forjar os quadros da sociedade, chamar a si a iniciativa económica e a influência política mas também por várias vezes esses esforços se goraram e a nobreza e o clero conseguiram recuperar o terreno perdido; a longo prazo, a sociedade assume por isso esse carácter ambíguo que lhe empresta uma ordem nobiliárquico-eclesiástica assente numa economia mercantilista até á medula.

Aquela alternancia rítmica não é, aliás, exclusivamente portuguesa, nem sequer sempre unicamente hispanica. Sabemos que em toda a Europa, especialmente mediterranea, o fim do século XVI representa uma decadência da burguesia e uma nova ascensão senhorial e nobre. bem como do poderio eclesiástico. Em Espanha, Juan Reglá constata, do ocaso de Quinhentos a cerca de 1680, a opressão senhorial e a miséria camponesa, a concentração da propriedade fundiária na nobreza, clero e coroa, a ruína da burguesia, a diminuição do artesanato, o alastrar de pícaros, vagabundos e bandoleiros; essa nobreza compõe-se aliás de uma minoria rica e que detém o poder, e de uma numerosa fidalguia pobretana: a economia sofre ciclos desastrosos de inflações e deflações. A partir de 1680 dá-se uma recuperação comercial e industrial da periferia, especialmente da Catalunha, mas também da costa setentrional e da Andaluzia.

O problema da mentalidade

Em todo o caso, o que é característico da evolução social peninsular é que, depois daquela reacção nobiliárquico-eclesiástica, a burguesia não tenha conseguido vingar e formar uma sociedade moldada pelo seu sistema de valores. Juan Reglá acentua, com Filipe II, a «impermeabilização ideológica de Espanha»; o barroco, aqui, traduz-se no passionalismo e na preocupação da honra cavaleiresca, nos autos sacramentais e numa teatralidade popularucha, na poesia ascético-mística e no discurso contra a ciência. A Descartes e ao seu *Discurso do método* contrapõe-se o Quixote, «discurso de la falta de método» (José Ferrater Mora).

Se acompanharmos a nossa literatura, como todos os testemunhos relativos á nossa vida social nos séculos XVII e XVIII, constatamos na verdade que a cultura portuguesa é essencialmente nobiliárquica e eclesiástica, extremamente atrasada em relação á Europa além-Pirenéus. Na mentalidade das classes dirigentes está sem duvida a outra razão da travagem da evolução social peninsular. Em 1560 o embaixador francês Nicot, referindo-se ás camadas dominantes portuguesas, escreve: «L'excés de ces gens d'ici est si grand en nombre de criades superflus, que l'écuyer veut tenir train de duc et le duc de roi: ce qui leur fait donner du nez en terre á toutes heures». Lembremo-nos de *O fidalgo aprendiz* — o escudeiro que quer parecer cavaleiro, enquanto em *Le bourgeois gentilhomme* é o burguês que quer ascender a gentil-homem. Em 1578 o italiano Sassetti diverte-se com a vaidade dos fidalgos: como não lhes deixa andarem a pé, e Lisboa é toda ás subidas e descidas, havendo lugares por onde não podem passar carros nem cavalos, nunca por lá passam. Os portugueses cristãos-velhos (ao contrário dos cristãos-novos) das classes superiores são gente de pouco saber mas muita soberba, e tão teimosos que demovê-los das suas opiniões é impossível. Eles é que sabem tudo, e fazem tudo, e a sua terra é a melhor do mundo. Pecam

(Continua na 6.ª página)

Nota do dia

A PALAVRA QUE FALTA

É UMA PÁGINA VOLTADA. Como aqui se disse ontem e o seu sucessor o sublinhou também, não é hoje, mas no futuro, através da perspectiva do tempo e com a serena gravidade da História, que a figura de Salazar haverá de ser julgada. Mas, retomando a síntese do próprio «Diário de Lisboa» de ontem, com a sua morte «encerra-se um período da vida nacional. Pode dizer-se que foram quarenta anos em que a sua forte personalidade impôs ao País um estilo próprio, um estilo de pensamento e acção de que ficará sinal profundo e prolongado, que os historiadores, passadas que forem as paixões do tempo, terão de julgar com serenidade impossível nesta hora de emotividade».

Salazar passou, pode dizer-se, por todos os departamentos da administração pública. A título interino, talvez tenha passado mesmo por todas as pastas. Mas daquelas cuja responsabilidade não tenha chegado a assumir pessoalmente, o dedo da sua maneira estava presente, porque o «presidencialismo do Presidente do Conselho» não renunciava a uma polegada do Poder. Todos os seus ministros, que foram capazes de confidências ou desabafos, algumas vezes deixaram filtrar, entre palavras de admiração e respeito, o sentimento dessa espécie de decepção. Via tudo, resolvia tudo, não se resignava a estar ausente fosse do que fosse, porque ele próprio sentia encarnar, e efectivamente encarnava, uma concepção do Poder.

Quando em 1928 tomou conta das Finanças, na véspera de completar 39 anos, a sua principal condição foi exactamente a do «contrôle» efectivo sobre a actividade e a iniciativa de todos os demais departamentos ministeriais. Tudo quanto implicasse movimentação de valores deveria ter o seu acordo e o seu visto. Era, em certa medida, a mesma inspiração que tinha ditado a famosa «lei-travão» de Afonso Costa. O ministro das Finanças, votado à preocupação de restabelecer o equilíbrio orçamental, chamava a si a fiscalização de todas as despesas, com aquela minúcia que se tornou proverbial. Daqui resultou o estreito contacto que manteve com todos os sectores da administração.

As Finanças, a Guerra e os Estrangeiros foram, porém, aquelas pastas onde mais pessoalmente se empenhou, tomando ele próprio a responsabilidade de reformas e de orientação que concretizavam o que se fixara como o pensamento do regime. A reorganização do Exército e a condução da política externa, nos anos perturbados que abrangeram primeiro a guerra da Espanha, depois a conflagração mundial, foram evidentemente, depois da gestão financeira, os pontos capitais da intervenção directa e activa que Salazar teve e manteve durante os quarenta anos que passou ao leme da vida política portuguesa, e que imprimiu a marca de um estilo cujos sinais levarão anos a apagar-se.

A morte de Salazar, que há perto de dois anos pareceu iminente, vem fechar um período que não pode deixar de se considerar como de interregno entre o «seu» regime e o que lhe sucedeu. Substituído no Poder, mas guardando todas as honras e títulos, o Presidente Salazar permaneceu como presença no horizonte político do País, com todas as alternativas que a sua forte compleição beiroa foi permitindo e prolongando. Esse derradeiro capítulo encerra-se agora. O corpo que está nos Jerónimos vai regressar à terra onde nasceu e onde se recolhia nalgumas horas críticas de meditação. A palavra que falta não nos compete a nós, seus contemporâneos. A palavra que falta é o julgamento da História.

RECTÂNGULOS DA VIDA

POBRES FILHOS

Pobres filhos, que têm de realizar tudo aquilo que os pais não realizaram. Mais tarde serão gente mais importante, mais feliz, mais considerada decerto do que os progenitores, alguns usarão mesmo aquele mítico dr. antes do nome. Mais tarde. Porque quando disse — escrevi — «pobres filhos», eu estava a pensar neles crianças-ainda-sem-ambições, simples massa que as ambições dos pais vão moldando. «Eu não fui isto nem aquilo, mas o meu filho há-de conseguir chegar lá», pensam esses pais, homens (e mulheres) frustrados. Só os filhos podem salvá-los do descalabro total, sendo aquilo que eles sonharam.

Pobre filho, pensei há dias, num praia de Verão, ao ver um pai obrigando entusiàsticamente um apavorado menino de cinco anos a aprender natação, metendo-lhe a cabeça debaixo de água entre duas inspirações. Não era um homem do povo, não. Era simplesmente um homem que aprendera a nadar — mal — já adulto e pelos seus próprios meios. Tivera uma doença qualquer, em criança, uma pleurisia, creio, e ficara débil. Depois era filho único, e a mãe tinha um medo doentio de o perder. Agora ei-lo a exigir que o filho de cinco anos aprenda a nadar, e o medo aos gritos. À volta uma multidão embasbacada, rindo, censurando, aplaudindo. Ele, o homem, estava-se nas tintas. Queria era que o filho soubesse nadar melhor do que as outras crianças e perdesse aquele medo da água que ele, homem, ainda hoje tem. Claro que não procedia da melhor maneira e talvez até conseguisse criar no garoto um verdadeiro pavor do mar. Isso, porém, ignorava-o ele. Agia assim por orgulho, embora sem o saber. Como se recuasse no tempo, chegasse de novo à infância perdida, fizesse as coisas que lhe haviam proibido.

E no dia em que o filho de cinco anos ficasse muito leve sobre as águas, e mergulhasse como um peixe, sendo talvez o menino mais pequeno de toda a praia a saber nadar, ele então deitar-se-ia ao sol, repentinamente sereno e tranquilizado, liberto de um dos seus muitos complexos. Aos outros perdê-los-ia, assim o esperava, conforme o filho fosse crescendo.

Por MARIA IUDITE DE CARVALHO

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

QUINZENA DO CINEMA NOVO FRANCÊS—2

JEAN CLAUDE CARRIÈRE E MARGUERITE DURAS—DA DESTRUIÇÃO

No segundo programa da *Quinzena do Cinema Novo Francês* foi apresentada uma curta-metragem de Jean-Claude Carrière *(Le Pince à Ongles,* 1969) e o filme de fundo de Marguerite Duras — *Détruir, dit-elle,* 1970.

1

Le Pince à Ongles (O Corta-Unhas), assinala, ao que julgamos, a estreia de Jean-Claude Carrière na realização. Argumentista dos melhores que actualmente trabalham em França (onde colaborou já com Luis Buñuel, Louis Malle, Pierre Etaix, etc.), Claude Carrière é um homem de formação surrealista que o presente trabalho desde logo confirma. Sátira vigorosa á sociedade burguesa, *O Corta-Unhas* inicia-se pela chegada de um casal a um hotel e pelos primeiros gestos maquinais da ocupação de um quarto. Silêncio. Indiferença. Subito, a ruptura. Um corta-unhas que desaparece, nota discordante num universo de um cómodo equilíbrio. Atrás do corta-unhas, porém, tudo principia a ruir. O que era deixa de o ser a estabilidade vê-se seriamente comprometida. Até ao vazio, ao nada, ou seja: um décor desocupado que acaba por engolir as próprias figuras. Quer dizer que os objectos criados pelo homem acabam por o submergirem. Claude Carrière assim o pensa. À revolta dos objectos exemplificada por Tashilin e Jerry Lewis) segue-se agora um universo que á força de se aceitar nos acaba por assimilar, reduzindo-nos ao nada, destruindo-nos. Um (luxuoso) quarto de hotel, um casal e o silêncio. Tudo sem história — inexistente.

Narrado com uma notável economia de meios e um humor amargo, *O Corta-Unhas* (que conta com o nome de Milos Forman no genérico — co-autor do argumento) ganhou o 1.º Prémio da Curta-Metragem no Festival de Cannes de 1969.

2

Marguerite Duras chega ao cinema vinda da literatura. Os primeiros contactos estabeleceram-se há muito. De um seu romance de 1950, René Clement fez um filme *(Barrage contre le Pacifique).* Depois, duas outras obras suas conheceram adaptações cinematográficas: *Le Marin de Gibraltar* (dirigido por Tony Richardson), *Une Aussi Longue Absence* (Henri Colpi). Por várias vezes foi chamada a escrever directamente para o cinema.

É em 1968 que ela própria se lança na realização de um filme, extraido de um outro romance seu: *La Música* (co-realizado por Paul Seban). No ano seguinte surge finalmente *Détruire, dit-elle,* de que é totalmente responsável. No entanto continua a dizer: «*Não sou uma cineasta. Sou uma escritora que ás vezes faz cinema.*» No que tem inteira razão.

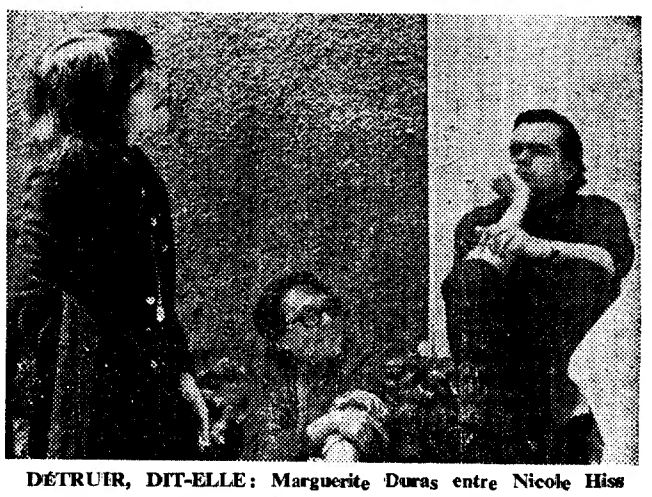
Na verdade *Détruire, dit-elle,* é um filme profundamente literário, uma obra que se nos afigura falhada, mas mesmo assim interessante como experiência ou proposta de trabalho.

Num hotel, no meio de um parque, duas mulheres e dois homens. Um jogo de olhares. Max Thor que observa uma mulher, Elisabeth Alione. Stein, que os observa a ambos. Uma tarde, Stein aborda Max Thor. Este espera uma jovem (Alissa, sua mulher) «*que podia ser sua filha*». Stein tem uma estranha maneira de falar, interrogando. Através dessas perguntas vai descobrindo os outros e fazendo eles próprios conhecerem-se a si mesmos. As revelações surgem: Alissa descobre que seu marido a «*deixou de amar de uma certa maneira*». Enquanto Alissa adivinha o que se passa com Max Thor, descobre também Stein. E Stein descobre Alissa, a mulher que ele sempre procurou. Esta revelação reciproca processa-se num tom natural, mas simultaneamente fulgurante. Alissa descobre-se também a ela mesma: uma mulher que deixou de ter a necessidade de um amor em exclusivo. Uma tarde procura Elisabeth Alione, quando esta dorme no jardim. Elisabeth sedu-la e repele-a. Por isso a convida a ir até à floresta. Para além dos limites do conhecido, a floresta pode ser a morte. E, pelo menos, uma ameaça que se prolonga por todo o filme.

Num hotel perdido no interior de um parque temos agora quatro personagens que reinventam o amor. Thor e Alione, Stein e Alissa. Mas também poderiam ser outras (e no entanto as mesmas) as relações. Um dia, Elisabeth Alione anuncia que telefonou ao seu marido para a vir buscar mais cedo do que estava previsto. Bernard Alione chega. Stein propõe-lhe um almoço em conjunto. Bernard aceita. Vindo de um outro tempo (uma mentalidade, uma lógica, uma moral que Duras quer identificar como burguesas), Bernard sente-se deslocado e deixa escapar a dúvida: «*São todos loucos!*» Os Alliones deixarão nessa tarde aquele hotel e regressarão a Bencate. Stein anuncia o desejo de ir ao seu encontro: Elisabeth não poderá ficar só.

Este o esquema (muito reduzido) de *Détruir, dit-elle.* Esquema que enquanto tal não deixará de ser simplista, não abarcando de forma alguma a vastidão de interpretações possíveis que um filme vago e impreciso como este de Duras comporta. Mas ele servir-nos-á como base para uma análise posterior.

A primeira crítica (e grave) que teremos de fazer a *Detruir, dit-elle* é precisamente o desajustamento existente entre aquilo que



DÉTRUIR, DIT-ELLE: Marguerite Duras entre Nicole Hiss (Alissa) e Michael Lonsdale (Stein)

Marguerite Duras afirma ele significar e aquilo que ele realmente significa para o publico em geral. Na verdade, esta narrativa *marienbadesca* (mas muito aquém de Resnais, e muito posterior para poder ter o mesmo impacto) nunca deixa de referenciar um suporte literário, pesado, asfixiante. A lentidão da narrativa aparece sempre co-

(Continua na 6.ª página)

ÚLTIMOS DIAS!!!

RAUL SOLNADO

O VISON VOADOR

(ADULTOS)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET

HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
DOMINGO, «MATINÉE» ÀS 16 H.; NOITE, ÀS 21.45 H.
COM RAUL SOLNADO
IO APOLONI ★ FERNANDA BORSATTI ★ YOLA ★ GEORGINA CORDEIRO ★ MARIA e ainda ARTUR SEMEDO ★ VASCO DE LIMA COUTO ★ DAVID SILVA ★ ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
■ AR REFRIGERADO ■
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.
Sábados domingos também às 16 horas
ÚLTIMAS SEMANAS!
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
(Maiores de 17 anos)
Produção de Igrejas Caeiro

NOVIDADES LITERÁRIAS

AS GRANDES CONTROVÉRSIAS DO TEMPO PRESENTE 1945-1965
por JACQUES DE LAUNAY
Uma larga panorâmica sobre a história que se está processando
Colecção Documentos de Todos os Tempos
90$00

UM RAIO DE SOL NA ÁGUA FRIA
por FRANÇOISE SAGAN
O conflito entre os sortilégios de Paris e a virtude provinciana
Colecção Autores Universais
45$00

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS
por JÚLIO VERNE
Sob o comando de um intrépido explorador, um grupo de homens decididos descobre as paragens glaciais do setentrião terrestre
Ilustrações de Riou
Nova Colecção ilustrada de Júlio Verne
Volume I — 25$00

LIVRARIA BERTRAND

5.ª semana

Contra números, não há argumentos!

Aproveitando a entrada, em plena época de Verão, da 5.ª SEMANA e do 50.000.º espectador a Rivus e o Monumental agradecem ao público de Lisboa a forma entusiástica como recebeu este filme excepcional.

UM SONHO DE REIS

A confirmação de um grande actor
anthony quinn (o grego Matsoukas)
irene papas · inger stevens sam levene
Prod. JULES SCHERMER Real. DANIEL MANN Mús. ALEX NORTH
Adultos Titulo orig. "A DREAM OF KINGS" TECHNICOLOR®

«A DREAM OF KINGS»
um excl. RIVUS
Maiores de 17 anos

ÊXITO INDISCUTÍVEL no MONUMENTAL

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

UMA NORUEGUESA DE 18 ANOS É A NOVA PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS»

Uma bailarina do Grupo de Ballet da Opera de Oslo ganhou o 5.º Concurso Mundiol de Teen-Agers, realizado em Berlim. Chama-se Elisabeth Krögh, tem 18 anos e é extraordinàriamente bonita e elegante. Os concursos anteriores haviam sido ganhos por uma japonesa, uma finlandesa, uma persa e uma israelita.

Tendo como cenário a cidade de Berlim, o concurso realizou-se pela primeira vez na Europa. Nas edições anteriores, realizou-se em Chicago, nos Estados Unidos.

Vera Maria Ferreira de Castro, eleita princesa das «teen-agers» portuguesas num concurso organizado pelo «Diário de Lisboa»

Organizado pela revista «Bravo» de Munique, o certame teve o patrocínio da cidade de Berlim e, ao contrário do que acontecera em Chicago, em que as concorrentes eram obrigadas a cumprir horários rígidos, em Berlim, as representantes de 21 países que estiveram presentes, tiveram apenas uma agradável obrigação: conhecer a cidade e contactar com o povo berlinense.

Com efeito, a revista «Bravo», de colaboração com o Senado de Berlim, elaborou um agradável programa que incluía passeios turísticos pela cidade, festas de confraternização com jovens berlinenses, e convívio com famílias alemãs. Elaboraram o programa, por parte da revista «Bravo», as sr.as Krakauer e Maria Muller e o sr. Ahrendt.

RECORDE DE CONCORRENTES

O concurso deste ano registou um recorde de inscrições: 21 países (contra 11 em 1969) dos cinco continentes. A representante da Noruega, pela sua beleza invulgar, sobressaía á primeira vista. E embora o Concurso de Teen-Agers não seja um concurso de beleza, o certo é que esta não deixa de constituir um factor da maior importancia.

Excluindo, portanto, a norueguesa que só não ganharia se demonstrasse ser de uma ignorancia e falta de personalidade totais (mas provou estar, se não a nível superior, pelo menos ao nível das suas adversárias) podemos dividir as restantes em três grupos: as que aspiravam aos lugares de honra (Suécia, Austria, Suiça, Grécia, França, E. U. A. e Portugal); as que lutavam por um dos três prémios especiais (África do Sul, Filipinas, Venezuela, Índia, Israel, Alemanha, Jugoslávia, Espanha e Irão); finalmente, as que reuniam de menores possibilidades de se classificarem (Bélgica, Luxemburgo, Equador e Inglaterra).

OS NOMES E OS PRÉMIOS

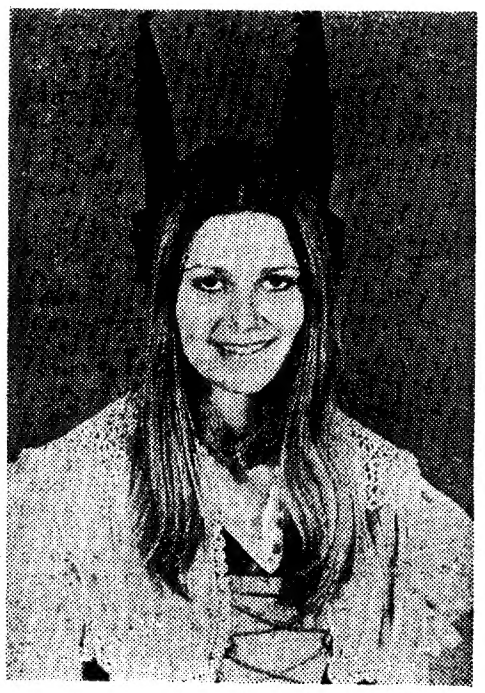
O júri, constituído por actores, jornalistas e canconetistas, e do qual faziam parte a lindíssima Marianne Koch, Joachim Fuchsberger e o cantor «pop» inglês Barry Gibb, atribuiu a seguinte classificação final: 1.º Prémio — Elisabeth Krögh, da Noruega (18 anos, bailarina); 2.º Prémio — Helène Lefort, da França (14 anos, estudante); 3.º Prémio — Jeannette Hecht, da Suiça (17 anos, estudante); Prémio Especial de Charme — Gina Velasco, das Filipinas (16 anos, estudante); Prémio Especial de Temperamento — Beth Bennett, dos E. U. A. (17 anos, estudante); Prémio Especial de Personalidade — Vani Ganapathy, da India (18 anos, estudante).

Apenas o Prémio Especial de Charme não teria sido bem atribuido: Gina Velasco conseguiu impressionar o júri, á força de uma encenação que nada tem a ver com «charme».

A filipina Gina Velasco, Prémio Especial de Charme

A estudante indiana Vani Ganapathy, de 18 anos, que ganhou o Prémio Especial de Personalidade

Beth Bennett, dos Estados Unidos, que conquistou o Prémio Especial de Temperamento



Helène Lefort, da França, e Jeannette Hecht, da Suíça, que se classificaram, respectivamente, em 2.º e 3.º lugar

EM ÚLTIMOS DIAS NO POLITEAMA: «A RATOEIRA»

Já ninguém ignora que no cantaz do Politeama figura um dos grandes êxitos do momento em ultimos dias de exibição: «A Ratoeira». Trata-se de um filme policial, tecnicamente perfeito e emocionante, condicionado ás clássicas directrizes de efabulação da mais prestigiada literatura do género. Tudo nele se concilia para corresponder aos vaticínios dos mais exigentes.

Reveste-se de permanente expectativa, evidencia-se bem delineado e manifesta, pela feliz concatenação dos elementos que alicerçam a sua contextura, um nível de espectáculo a cujo domínio, sempre subjugante, não é possível fugir. É que a densidade de «suspense», que envolve a sequência da acção; o vigor de pormenorização dos violentos contrastes de cada personagem e os frequentes lances de dramatismo que irrompem da criação dos ambientes em que se processa a realização de Hal Brady, para manter os nervos sempre tensos, representam requisitos de interesse que acentuam, a par do carácter austero da sua plasticização, o mérito de «A Ratoeira» não transigir com soluções previsíveis, para estimular a ansiedade, com despistes, suspeitas e desvios psicológicos, que se cruzam, num ritmo obsessivo, sem dar margem a prever o que vai passar-se.

Durante cerca de hora e meia, o publico sente-se acorrentado á cruciante odisseia de um «detective», como consequência de ser vítima de uma cilada, que lhe custa ser demitido das funções do seu cargo. No desempenho distinguem-se, em magníficas criações, Henry Silva, Beber Loncar, Keenan Wynn e outros.

FRIGORIFICOS
DESDE 80$00 MENSAIS
OFERTA DA DESPENSA JOVICA
SEM ENTRADA | FIADOR
JOVICA
Av. 5 de Outubro n.º 53 - C — Telefs. 535010 - 47769
FILIAIS: — CACEM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA E
AGORA TAMBÉM NO LARGO DE D. ESTEFÂNIA N.º 12-D

Um mundo de maravilhas ao alcance de toda a gente
A
FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
VISITE OS GRANDES PAVILHÕES DAS GRANDES — INDÚSTRIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS —
Abertura às 19 horas — Entrada 2 escudos

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Manhã na praça

Tomara o Verão passado

— O Verão está no princípio e tomara eu o Verão passado!

A vendedeira lamentava-se. Verão significa férias, viagens, praia, campo. Saída da cidade. Sonha-se o ano inteiro com os poucos dias em que se fica livre da rotina do quotidiano, do trabalho e dos estudos. Quando chega o Verão, como é agradável. Mas agradável para os que saem, para os que se libertam!

O Verão não é agradável para as vendedeiras dos mercados. O calor estraga-lhes a fruta, estraga-lhes o peixe, estraga-lhes a hortaliça. E as donas de casa não aparecem ou só aparecem no mercado as de menor poder de compra, que são afinal as que, por isso mesmo, não partiram para férias.

— O Verão está no princípio e tomara eu o Verão passado!

— Nem todos pensam o mesmo — respondemos á vendedeira.

Já vínhamos de regresso quando uma mulherzinha se acercou de nós e nos perguntou:

— Quanto ganha por andar a fazer isso?

PREÇO DOS PRODUTOS

No mercado do Rato, o molho dos grelos estava a 8$00; das nabiças, a 10$00; dos espinafres, a 8$00; e da beterraba, a 4$00. A alface vendia-se a 1$00, 1$50 e 2$00; a couve portuguesa, de 1$00 a 3$50; a lombarda, a 3$50, 5$00 e 6$00; o alho francês, a 1$00; a murciana, a 3$00, 6$00 e 7$. O quilo do tomate estava a 4$00; do feijão verde, a 6$00 e 7$00; do pepino, a 4$00; da abóbora, a 2$00 e 3$00; dos pimentos, a 8$00 e 10$00; e da cebola, a 2$00.

PEIXE

Vimos o quilo do pargo a 11$50 e 14$80; da garoupa, a 16$00 e 39$00; da ameijoa, a 36$00; da pescada, a 30$00, 44$00 e 45$00; do linguado, a 44$00, 50$00 e 60$00; das lulas, a 36$00; do peixe espada, a 12$00 e 13$80; do carapau, a 20$00; da sarda, a 6$00; do carapau de gato, a 18$00; dos rabos de pargo, a 12$60; da pescada negra, a 24$50; do gorás a 19$50; da pescadinha de rabo na boca, a 19$00; do cachucho, a 12$00; da corvina, a 12$; do salmonete, a 38$00; da chaputa, a 7$90; da dourada, a 8$90; das choupas, a 9$50; do carapau negrão, a 8$00; da pescada congelada, a 16$00; do camarão negro, a 30$; e da azevia, a 45$00.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo do frango vivo vendia-se a 18$00; e limpo, a 22$00; do coelho vivo, a 23$00; da galinha do campo limpa, a 32$00, do aviário limpa, a 25$00; e viva, a 18$00; do pato limpo, a 29$00; e cada pombo a 12$00. A duzia dos ovos estava tabelada a 8$40 e 12$00.

FRUTA

O quilo da pêra apresentava o preço de 7$80, 8$50, 10$40 e 11$00; do limão, a 7$80; da laranja, a 13$00 e 16$90; das rainhas cláudias, a 7$80; do pêssego, a 12$$ e 13$; da banana, a 11$00; das uvas, a 10$00; da ameixa encarnada, a 4$00 e 7$50; e da maçã riscadinha, a 7$80.

FLORES

Vimos, por fim, o preço das flores: a duzia dos cravos estava a 5$00 e 7$00; das rosas, a 15$00; dos gladíolos, a 30$00; das dálias, a 5$00, e o molho dos malmequeres, a 5$00

DONA DE CASA

A ESTRUTURA DA ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA

(Continuação da 3.ª página)

pela loquacidade vã, três quartos das palavras consistem em «Vossa Mercê» e em juras — «pelos Santos Evangelhos», «e por estas barbas». Com o que concorda surpreendentemente um relatório francês de 1684 (*Estat du royaume de Portugal*, ed. Veríssimo Serrão, p. 20): «Quoique les Portugais aient tous de l'esprit, il ne faut pas néantmoins s'estonner de leur présomption: ils n'ont aucune éducation, et comme ils n'aprennent rien des autres pays, et qu'on ne leur parle que de la grandeur de leurs maisons, et des belles actions de leurs prédecesseurs, ils croient qu'il n'y a point de noblesses plus illustre que la leur, ni nation ou il y ait tant de grands hommes. Ceux qui veulent s'appliquer aux sciences apprennent avec beaucoup de facilité, mais il y en a peu parmy les fidalgues. La pente naturelle qu'ils ont á la débauche, á laquelle ils s'abandonnent de trés bonne heure, leur oste l'envie et de s'instruire, et de voyager. Ils sont fins, dissimulez tous, extremement paresseux, et trés supertitieux.» «Um testemunho respeitante ao clero: no século XVII os enviados franceses procuravam com frequência apanhar manuscritos e livros, respeitantes especialmente aos descobrimentos, mas também sobre outros temas. Eis o que diz o embaixador d'Oppede, em 1682 (Paris, Arch. Nationales, Aff. Etr. B1): «J'ai cherché dans plusieurs couvents de cette ville/Lisboa/des manuscrits, mais les moines sont si ignorantes et si peu curieux qu' ils n'en ont presque point.»

As duas causas do bloqueio

Deste modo acabámos talvez por rastrear as duas ordens de causas que podem explicar que os mecanismos das sociedades hispanicas ficassem bloqueados nos séculos XVII-XVIII. Por um lado, essa peculiar estrutura em que há uma incrível intumescência das classes não produtoras, o terciário de antigo regime, e uma inesperadíssima contracção da população ocupada na produção das subsistências de base. Por outro lado, formas de mentalidade (conexas dessa estrutura) que permaneciam demasiado voltadas para o passado, arcaizantes, só de onde a onde se entreabrindo ás tentativas isoladas e sempre frustradas dos estrangeirados. Aos «estrangeirados» (ver entrada correspondente), a essa minoria que no estrangeiro se enrijara ao contacto com ventos de todos os quadrantes, opunham-se os «castiços», aqueles que, julgando defender valores, defendiam principalmente uma ordem de interesses estabelecidos. Essa mentalidade informava muitas vezes a acção do poder, orientada por isso para a travagem. Já nas Cortes de 1472 vêm os agravos: o rei tem «Vosos regnos mal aforados, nem livres, nem exsemtos, como outras terras, de costumes muitos que liberdade e ffranqueza tolhem... e ao povo leixaes muyta perda e dano com pouca liberdade e franqueza, tirando a faculdade aos vosos naturaes per onde ajam de viver, apermando-os em maneira que nam posam levantar as cabeças e fiquem minguados e pobres». (citado por Costa Loba, *Hist. da sociedade no séc.XV*, p. 283). E dois terços de século volvidos, Garcia de Resende não esconde que Portugal se «a terra nom tem igual nas fructas, nos mantimentos», todavia «governo, bons regimentos lhe falesce, e nom al.» (*Miscellanea*, n.º 187). Também nas Cortes de 1697-1698 se bertara a desigualdade da justiça: «só a experimenta em seu dano o pobre» (J. Pedro Ribeiro, *Dissertações*, t. I, capítulos da Camara do Porto, pp. 368-378).

A segunda metade do século XVIII trouxe algumas transformações que preludiavam a mudança estrutural a processar-se lá fora. Assim, em 1761 um alvará estabelece que todo o escravo negro que entrar no Reino (metrópole) obtém a manumissão sem qualquer outra formalidade. Trata-se de conseguir que o tráfico não seja desviado do Brasil (Damião Peres, *Hist. de Portugal*, t. VI, p. 374), mas o que é certo é que não podia deixar de levar á extinção da escravatura metropolitana, e portanto de vir a pôr em novos termos o problema da mão-de-obra. Uma lei de 9 de Setembro de 1769 declara os religiosos professos incapazes de possuirem bens (alodiais ou prazos), e uma outra desse mesmo ano proibe a instituição de capelas sobre bens de raiz autorizando-a sómente sobre quantias de dinheiro. Em 3 de Agosto de 1770 é simplificado e unificado todo o direito de morgados, extinguem-se muitos e exige-se de futuro autorização régia para a sua instituição. Por lei de 19 de Julho de 1790 são extintas todas as isenções de correição e as jurisdições de donatários.

Parece, pois, que a velha ordem está a ceder. Mas até que ponto conseguirá manter-se através das tormentas oitocentistas?

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

CINEMA NOVO FRANCÊS

(Continuação da 4.ª página)

mo algo exterior a um processo que se quer ilustrar de fora para dentro. Neste universo *marienbadesco* onde o tempo se suspende, Duras pretende encontrar significados contraditórios os quais muitas das vezes não se acham expressos nem pelo diálogo, nem pela imagem. Dizer que *Détruir, dit-elle* é um filme profundamente político, porque nele se diz, a certa altura, *nous sommes tous des juifs allemands, nous sommes tous des estrangers*, parece-nos simplesmente ridículo. Mas vejamos o que diz Duras sobre o assunto:

«É um filme político? — Sim, profundamente. — É um filme onde nunca se trata de política? — Nunca» Aí eu estou completamente a nadar. «Que é que entende pela destruição capital? — A destruição do ser individual. — Por oposição a quem? — Ao desconhecido.

Détruir, dit-elle é assim uma passagem do homem pelo vazio, um reflexo ao estado de pureza. Curiosamente a obra reflecte um paradoxo comum a muita da arte moderna que, recusando uma certa cultura onde se acha inscrita, acaba por não poder funcionar senão em função dela. Duras é peremptória: *é necessário esquecer tudo.* Se o fizermos, porém, como chegaremos ao entendimento de obras como o *nouveau roman* ou películas como *Détruir, dit-elle?*

O caminho de Duras parece-nos, portanto, não só paradoxal como perigoso. Recusar a cultura e trocá-la pela *ignorancia, afigura-se*-nos proposta de um inquietante nihilismo. Não é tanto a cultura (ou a técnica) que tem de ser julgada, como o uso que dela se tem feito.

Mas, todos estes problemas são levantados por declarações da autora acerca do filme e não pelo próprio filme que está muito longe de possuir a riqueza de implicações que Marguerite Duras lhe encontra. Aliás, para além de duas sequências muito curiosas (um jogo de cartas e a sequência final, desde o almoço com Daniel Gélin até ao plano derradeiro), de *Détruir, dit-elle* pouco mais fica do que os rostos de cinco actores (onde se destaca o desempenho de Michaél Lonsdale) e a recordação monótona de um vazio que uma certa cultura francesa não sabe preencher ou se limita a constatar, impotente. *Détruir, dit-elle* fala-nos mais de impotência do que de destruição.

LAURO ANTÓNIO

(1) Excertos de uma entrevista de Marguerite Duras aparecida na revista *Cahiers du Cinéma*, n.º 217, de Novembro de 1969.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ENGENHEIRO DE MINAS

Com experiência admite grande empresa mineira no Sul de Angola. Boa remuneração e vantagens sociais.

Resposta com «curriculum» detalhado ao Apartado 1389 — LISBOA

xau é apresentado em pacotes e em sacos de 3 quilogramas

Canções portuguesas no Festival de Aranda —apesar de nada aconselhar a excursão...

Atirado para as urtigas o veredicto do júri

Complicado imbróglio está a rodear a realização do décimo Festival da Canção de Aranda del Duero, previsto para decorrer de 7 a 9 do próximo mês na praça de touros daquela localidade espanhola.

Tal como noticiámos oportunamente, o juri encarregado de seleccionar as canções portuguesas apenas recebeu 18 candidaturas. E, pelo fraco nível dos seus poemas e da sua musicalidade, a todas negou o «visto» na passagem de fronteira. Isto é: por decisão do juri oficial (o sr. Manuel Chaves e Castro, chefe da Repartição de Turismo da Câmara Municipal do Porto; o jornalista Vitorino de Sousa e o maestro-compositor Resende Dias) nenhuma composição candidata tinha o mínimo mérito exigível a representação em Espanha dos nossos poetas e dos nossos musicos.

— *Desconhecemos os nomes dos autores, pois não chegámos a abrir os envelopes, já que nenhum dos trechos apresentados foi aprovado.*

Isto disse o dr. Chaves e Castro, nessa altura. Parecia que o Festival ficaria reduzido à presença espanhola. Mas não...

Uma casa portuguesa «selecciona» a nossa representação

Dois dias mais tarde, a Livrolândia, Lda. (Grande Feira do Disco) enviava aos jornais um comunicado em que dizia o seguinte:

Por terem sido rejeitadas pela Repartição de Cultura Popular e Turismo da Camara Municipal do Porto todas as canções concorrentes ao Festival de Aranda do Douro, recebidas por aquele organismo, foi a Grande Feira do Disco convidada pela organização do festival a seleccionar 8 canções portuguesas, e a escolher, entre os artistas do seu elenco, os respectivos intérpretes, sendo a seguinte a escolha feita:

«A grande roda» — Letra de António José, musica de Ferrer Trindade; canta Fernando Lito.

«Abraço de irmãos» — Letra de Hernâni Correia, musica de Joaquim Luís Gomes; canta Cidália Meireles.

«Aguarela duriense» — Letra de Luís Simão, musica de Mariana Filomena; canta Maria Adelaide.

«Aleluia por viver» — Letra de António José, musica de Verónica; canta Luís Miguel.

«Apelo de Paz» — Letra de António José, musica de Ferrer Trindade; canta António Frazão.

«Gisela» — Letra de Natalina Catarina, musica de Joaquim Luís Gomes; canta Raimundo.

«Ontem sonhei» — Letra de António José, musica de Manuel Viegas; canta Maria José Valério.

«Raiz do mal» — Letra de António José, musica de José Alberto Belo da Cunha; canta Dino Rodrigues.

A Grande Feira do Disco convidou, para dirigir os artistas portugueses, o maestro Joaquim Luís Gomes que aceitou o convite.

Desacreditado um júri consciente

Isto provocou grande celeuma no meio da nossa musica ligeira, onde se propagou a notícia de que as canções que vão «excursionar» são as mesmas que o juri de selecção recusou, apenas com ligeira mudança de títulos. Será assim?

Disse-nos o jornalista e locutor Vitorino de Sousa:

— *Julgo que as oito canções que irão ao Festival não devem ser as mesmas que foram apresentadas ao juri mas não me recordo já bem, pois foi há mais de um mês que me passaram pelas mãos. Entretanto o maestro Joaquim Luís Gomes (que compõe lindas canções), não figurava em nenhuma delas e agora aparece uma que é musicada por ele.*

Por seu lado, o dr. Chaves e Castro, presidente do juri, declarou-nos:

Em boa fé, entendo que as canções anunciadas como «viajantes» não são as mesmas que se apresentaram ao juri. Mas, acho que foi uma desautorização: não a nós (que cumprimos o nosso dever honestamente) mas sim ao Festival. Pediram a nossa colaboração. Foi dada, editámos o regulamento, formámos um juri, fizemos o julgamento, mas agora verificamos que a organização pretende justificar o «nome internacional» do Festival, incluindo até canções que nem do rio Douro falam...

E acrescenta:

— *Vão atribuir um prémio a uma canção portuguesa, mas que será apresentada por uma casa editora de discos. Portanto, interesse meramente comercial, unica e exclusivamente.*

Depois:

— *Até agora não tivemos qualquer resposta do «alcaide» de Aranda ao nosso oficio e ao nosso telegrama já enviados.*

Comenta o maestro Resende Dias:

— *Bom: eu fui convidado para fazer parte do juri e fiz o meu dever. Fui também convidado para dirigir a orquestra em Aranda. Tinha portanto, um certo interesse em que canções portuguesas estivessem presentes no Festival. Mas, infortunadamente, verificou-se que elas não tinham nível para dar bom nome ao País.*

Sorrindo:

— *Li, nos jornais, que diversos artistas tinham já tudo pronto para seguirem para Aranda, etc., etc.... O tempo de brincar já passou. Mas, devo dizer-lhe: Eu cumpri o meu dever e nada mais tenho com isso. A Camara é que deve responder. A Camara Municipal do Porto é que deve tomar conta do assunto.*

Concluí:

— *E, repare: no Festival para a Eurovisão, o juri, das 300 canções apresentadas, teve dificuldade em arranjar dez. Nós, sómente com 18 por onde escolher, mais dificuldades tivemos. E procedemos de bem com a consciência.*

O que soa nos bastidores

O estranho, para os mais desapaixonados exames da questão, é que, ainda a semanas de ser conhecido o veredicto do juri, já se sabia que Ferrer Trindade indicava Fernando Lito como seu intérprete, Jorge Machado escrevera uma musica para Luís Miguel, Mariana Filomena destinava uma canção para a voz de Maria Adelaide e a dupla Rocha Oliveira-Luís Simão pensava em Maria da Glória para interpretar a composição que fora denominada «Hino á vida». Também ninguém ligado ao meio radiofónico desconhecia que Maria José Valério ensaiava há mutio tempo «Ontem, sonhei», de Manuel Viegas e António José, o mesmo sucedendo a Dimantino em relação a «Para além da tua esperança», musicada por Rocha Oliveira.

Pois na lista agora tornada publica pela Livrolandia, Lda. (Grande Feira do Disco), lá vem Fernando Lito a interpretar uma canção de Ferrer Trindade, Luís Miguel indigitado como cantor de uma musica de Verónica (esposa de Jorge Machado), Maria Adelaide a permanecer como «defensora» da lira de Mariana Filomena e Maria José Valério a «servir» a dupla António José- Manuel Viegas.

Evidentemente, o facto dos intérpretes e autores coincidirem, nada quer significar de absolutamente decisivo, porque qualquer cançonetista profissional está em condições de aprender (e decorar, em 15 dias, uma composição feita para o seu estilo. Mas já não parece tão natural que os compositores tenham ido a concurso com más canções e tenham guardado na manga outras melhores. Por isso, está a ser muito comentado o facto de coincidirem autores e intérpretes «excursionistas» com autores (e, logo, também intérpretes) anteriormente recusados pelo juri de selecção.

Excepções: Raimundo em lugar de Diamantino (que não pertence ao «cast» da editora interessada no Festival de Aranda), Verónica no «posto» de Jorge Machado e troca de Rocha Oliveira por Joaquim Luís Gomes. Mas, excepções apenas confirmam regras...

E para o futuro?

De qualquer maneira, o que importa salientar é que nova «machadada» está a ser dada na musica ligeira portuguesa: logo depois do juri qualificativo para o Festival no Casino da Figueira da Foz ter estado em «palpos de aranha» para seleccionar 10 composições de entre mais de centena e meia de candidaturas, outro juri (igualmente idóneo) debruça-se sobre 18 «aspirantes» ao passeio á praça de touros de Aranda del Duero e recusa-as abdicando da presença portuguesa no certame. Mas, desta feita o juri não foi respeitado: a entidade organizadora (subordinada ao «alcalde» de Aranda) delibera, por si própria, fazer uma espécie de *leilão* e atribuir a representação portuguesa a uma casa comercial: neste caso foi a Livrolandia, Lda. (Grande Feira do Disco) como poderia ter sido outra qualquer.

Ora, cremos que já é tempo que seja o Secretariado Nacional de Informação, ou a Emissora Nacional, ou a Rádiotelevisão Portuguesa ou um Juri idóneo e respeitado quem deve indicar autores e intérpretes para festivais de canções extra-fronteiras. Para evitar situações desagradáveis como esta: desacreditar-se um juri de personalidades a quem antes se reconhecia todo o mérito para bem julgar e deitar ás urtigas as suas opiniões.

Resta saber se, na verdade (mesmo com títulos diferentes) as 8 canções que vão ser entoadas no «ruedo» de Aranda não terão feito parte do lote de 18 apontadas pelo juri como «*sem o menor nível poético e, até, com erros de ortografia nos poemas*».

Evidentemente que o bom senso obrigaria a organização espanhola a adiar para melhor oportunidade a presença portuguesa no Festival, ou a abrir rápidamente outro concurso, porque os prazos anteriores não estavam a ser respeitados. Mas não se entendeu assim: e a maioria dos autores que não tinham tido inspiração durante muitos meses, passaram a tê-la apenas em dois dias.

Mas isso, se calhar, não ficará na história mais próxima: há uns passeios e uns prémios á espera dos portugueses como engodo para a arena de Aranda e isso (para muito boa gente) é tudo quanto importa. Pelo menos até que, a nível antênticamente oficial, alguém faça luz por suas mãos e acabe com estas «fantochadas» que só desprestigiam (ainda mais...) a desprestigiada musica ligeira portuguesa.

NEVES DE SOUSA

ora diga-nos...

— Porque se dedicou ao teatro?

Três elementos do Grupo «Proscenium», constituído por profissionais de escritório, respondem hoje ao «Ora, diga-nos...». O leitor tem aqui para meditar em como as horas livres podem ser, desde que bem orientadas, as espiritualmente mais compensadoras.

● *Respondeu-nos, em primeiro lugar, Léu Ricardo:*

— Tinha necessidade de ocupar horas livres, e procurava fazê-lo de uma forma que, dando-me prazer, transmitisse alguma coisa aos outros. Ora, o teatro era uma dessas formas. Já fiz uma experiência profissional, no «Pecado de João Agonia», e gostava de me dedicar apenas ao teatro. A situação humana do actor português, porém, não oferece quaisquer garantias. Mas quando sentir necessidade de me profissionalizar no teatro, faço-o.

● *Seu marido, que assistia á conversa, e também pertence ao «Proscenium», afirmou:*

— E terá todo o meu apoio! No que me toca, estudei nas Belas-Artes, e, por razões económicas, tornei-me empregado de escritório. Assim, a minha tendência artística manifesta-se através da actividade teatral, como figurinista, como actor... Quanto á profissionalização no teatro, não penso nisso, até porque me faltaria preparação de base. E, depois, profissionalizar a arte...

● *O jovem Nuno Carinhas disse-nos:*

— Os meus pais já pertenciam ao «Proscenium», e isso teve, sem dúvida alguma, bastante importância. Comecei a entusiasmar-me. Aliás, quando pequeno, já desempenhava pequenos papéis.

Artes plásticas

Nova galeria de Artes Plásticas

Em Coimbra, na Rua Castro Matoso, 18, foi agora inaugurada a nova galeria CAP, com uma exposição dos associados do Círculo de Artes Plásticas, que desde há anos vem exercendo profícua actividade no sector da educação e divulgação estética.

O Círculo de Artes Plásticas, que a Fundação Calouste Gulbenkian patrocina, expôs nos ultimos anos em diversas galerias, como a do «Primeiro de Janeiro». Conta agora com galeria própria, o que virá dar-lhe novo animo e possibilidades de animar mais os praticantes da arte.

A exposição presente, que tem obtido assinalado êxito, conta uns dez artistas, sobrelevando sobretudo a actividade de Tulia Saldanha. Com ela Albuquerque Mendes, Berta Cabral, Fernanda Pires, Gama Mendes, João Chichorro, Pinto Coelho, Teresa Cunha e Segorbe Luís.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TERTÚLIA DO LIVRO
OBRAS EXCLUSIVAMENTE EDITADAS PARA OS SEUS MEMBROS
PUBLICADO
DICIONÁRIO INFERNAL, de Collin de Plancy
ARTE DE AMAR, de Ovídio
E SEGUIR
TROVAS DE D. DINIS, Jan Potecky
GALERIA PANORAMA
Galeria Panorama
Rua Alberto Aldrin — Alfragide (Damaia)
Telefone 97 13 79
FAÇA-SE MEMBRO DA
TERTÚLIA DO LIVRO
ENVIANDO-NOS DEVIDAMENTE PREENCHIDO O RECORTE DESTE ANÚNCIO
Peço que me enviem literatura elucidativa e boletim de inscrição para a TERTÚLIA DO LIVRO.
NOME .....
ENDEREÇO .....
LOCALIDADE ..... (D. L.)

A MORTE DE SALAZAR

O CHEFE DO ESTADO CHEGA AMANHÃ À NOITE PARA ASSISTIR AO FUNERAL

O Chefe do Estado decidiu interromper a sua visita oficial ás ilhas de S. Tomé e Príncipe para tomar parte nos funerais do prof. Oliveira Salazar, tal como noticiámos ontem. O avião em que viajará o sr. Presidente da Republica é esperado na Portela ás 22 e 30 de amanhã.

O almirante Américo Thomaz sufragou Salazar

S. TOMÉ, 28 — (L.) — Hoje, ás 11 horas (12 h de Lisboa), a catedral de S. Tomé foi pequena para o numero extraordinário de pessoas que quiseram assistir á missa de sufrágo celebrada por intenção do Presidente Salazar. Estiveram presentes o Presidente da Republica, almirante Américo Thomaz, sua esposa e filha. o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista e todas as individualidades da comitiva presidencial, assim como o governador de S. Tomé e Príncipe, tenente-coronel Silva Sebastião e esposa.

Foi celebrante o vigário-geral da diocese, monselhor Manuel Honorato Antunes que, no momento próprio proferiu uma comovida homília, recordando a figura do prof. Oliveira Salazar.

Voto de pesar das Corporações

Os presidentes das Corporações da Lavoura, dos Transportes e Turismo, do Crédito e Seguros, da Pesca e Conservas, da Industria, do Comércio, da Imprensa e Artes Gráficas, dos Espectáculos e da Assistência, respectivamente, srs. Manoel de Almeida e Vasconcelos, eng.º João Pedro Neves Clara, drs. Arnaldo Pinheiro Torres, António Duarte Silva, Augusto de Sá Viana Rebello, Manoel Alberto de Andrade e Sousa, Luís Borges de Castro, Manuel Telles e António Maria de Mendonça Lino Neto, aprovaram um voto de pesar pelo falecimento do prof. Oliveira Salazar e deliberaram estar presentes nas cerimónias fúnebres, em representação das actividades económicas e profissionais do País.

Repercussões no Estrangeiro

Logo que no estrangeiro foi conhecida a notícia da morte do dr. Oliveira Salazar, foram remetidos inumeros telegramas de condolências ao Chefe do Estado e ao Governo. De Espanha, foram recebidas em Lisboa mensagens do general Franco, do vice-presidente do Governo espanhol, almirante Carrero Blanco, e do ministro dos Assuntos Exteriores, Lopez Bravo que, como ontem noticiámos, chefiará a delegação de Espanha aos funerais de Salazar.

O Governo brasileiro decretou luto oficial e o ministro das Relações Exteriores, Mário Gibson Barbosa, enviou uma mensagem de condolências.

Também enviaram telegramas de pesar o Papa Paulo VI; o presidente da Argentina, general Roberto Livinsgton; a rainha Isabel II, de Inglaterra; e, de um modo geral, dos Governos que mantêm relações diplomáticas com Portugal

Um posto da Cruz Vermelha nos Jerónimos

A Cruz Vermelha Portuguesa pede-nos a publicação do seguinte comunicado:

«Pelas formações sanitárias da C. V. P. foi instalada numa dependência dos Jerónimos um posto de socorros permanente, guarnecido por médicos, pessoal de enfermagem e auxiliar, destinado a prestar quaisquer tratamentos a quem deles necessite. A instalação foi dirigida pelo tenente Nóvoa Caeiro, comandante do primeiro grupo, e a direcção clínica confiada ao dr. Carlos Santos, médico das formações sanitárias.»

O CORPO DE SALAZAR FOI EMBALSAMADO

A sugestão oficial para que o corpo de Salazar fosse embalsamado levantou algumas dificuldades técnicas, dado que nos ultimos anos de vida o antigo Presidente do Conselho fora sujeito a intensivos tratamentos. Principalmente certos produtos injectados em elevadas doses poderiam prejudicar o êxito visual da embalsamação.

A decisão final caberia, pois, á familia. Só depois da chegada da sr.ª D. Marta do Resgate, irmã do prof. Oliveira Salazar, o assunto ficaria decidido. A familia optou pela embalsamação, já na madrugada de hoje.

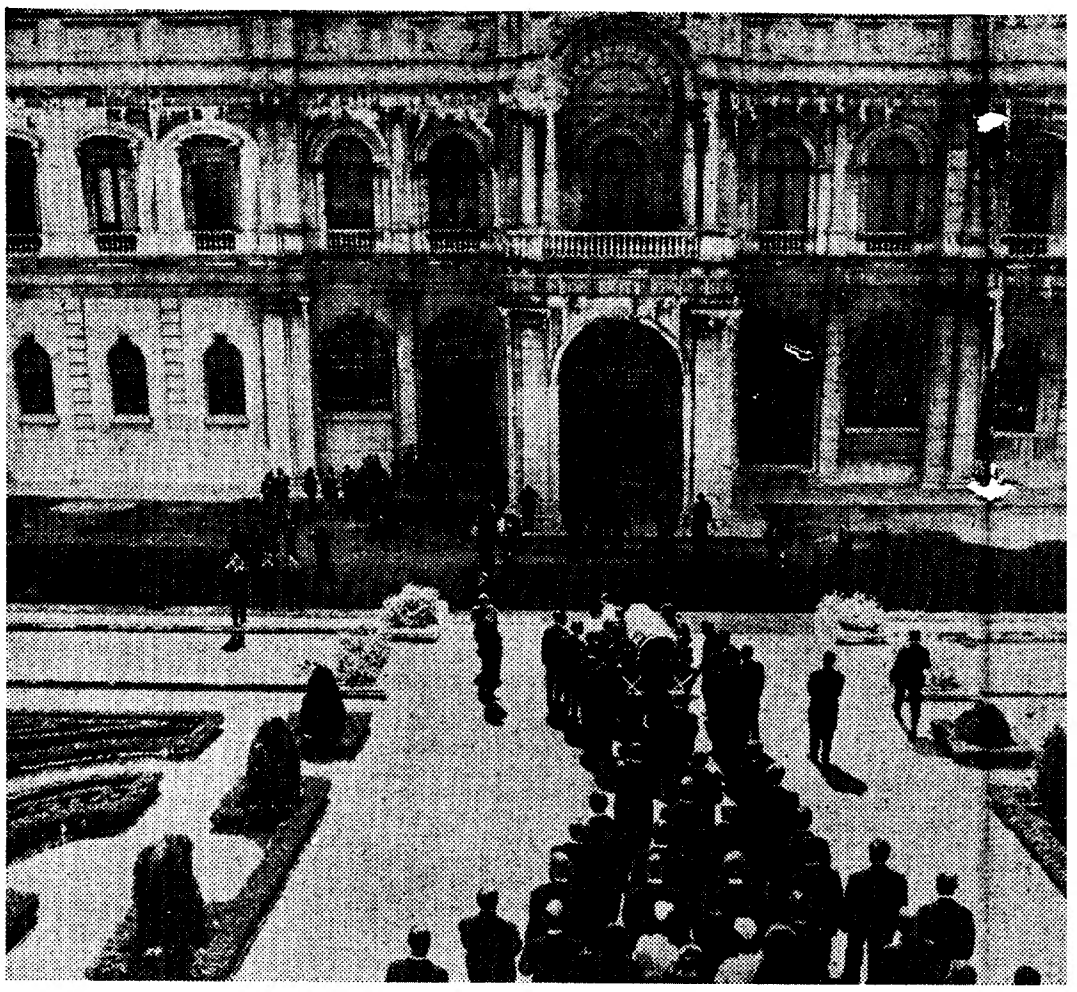
Assim, só a partir das 6 horas o prof. Arsénio Nunes, director do Instituto de Medicina Legal, e os seus assistentes, procederam ás delicadas operações conducentes á conservação do cadáver do antigo Chefe do Governo.

ESPECTÁCULOS E CERIMÓNIAS ANULADOS OU ADIADOS

Em consequência da morte do prof. Oliveira Salazar, não houve ontem nem haverá na quinta-feira espectáculos publicos.

Do mesmo modo estarão encerrados recintos de diversões.

Porém, além destas determinações resultantes do decreto-lei ontem aprovado pelo Conselho de Ministros, muitas outras realizações e cerimónias previstas e marcadas para estes dias, foram adiadas ou anuladas pelos respectivos organizadores. Na impossibilidade de nos referirmos a todas nessas circunstancias, lembramos aos nossos leitoes — convidados ou interessados em participar em manifestações do género — a conveniência de se assegurarem da sua realização.



Esta seria a última vez em que Salazar atravessaria os jardins do Palácio de S. Bento, da a Assembleia Nacional. Aos ombros de militares, a urna contendo os restos mortais do antigo Pr segue a caminho do átrio do Palácio de S. Bento — onde foi organizado o cortejo para

OS COMPONENTES DO GOV O PRIMEIRO TURNO NOS

Cerca de uma hora depois de ter saído de São Bento, o cortejo funebre chegou ao Mosteiro dos Jerónimos. A urna ficou colocada no transepto. Do lado do Evangelho, foi reservado lugar para a esposa do sr. Presidente da Republica, família do Presidente Salazar, esposas dos presidentes da Assembleia Nacional, Camara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça, membros do Governo e outras altas autoridades; do lado da Epístola, tomaram lugar membros das famílias reais, elementos do Corpo Diplomático e das Missões Estrangeiras acreditadas em Portugal.

Seguindo a nave lateral, do lado do Evangelho, ocuparam os seus lugares, a partir do transepto, oficiais generais, presidentes das Câmaras e vereações, procuradores e deputados e altos funcionários. Do lado da Epístola, e seguindo a respectiva nave lateral, ocuparam os seus lugares oficiais generais e antigos membros do Governo, altos funcionários e funcionários dos Organismos Corporativos.

Os turnos formados por diversas entidades começaram ás 13 horas, sendo constituído pelos membros do Governo. Cada turno tem a duração de meia hora, seguindo-se as dos membros do Governo, ás 13 e 30, o turno constituído por altas autoridades. Os turnos das 14 e 14 e 30 foi constituído por membros do Corpo Diplomático, tendo participado no segundo o almirante americano Sluckey, comandante-em-chefe da Área Ibero-Atlântica (comando da NATO). Seguiram-se das 15 e 30 ás 18 e 30, turnos de deputados da Assembleia Nacional e procuradores á Câmara Corporativa.

Os turnos prolongar-se-ão até ao princípio da madrugada, devendo neles participar, por ordem, as seguintes espécies de entidades: membros da Fundação Salazar, antigo Oficia res U dos, I dente cianal

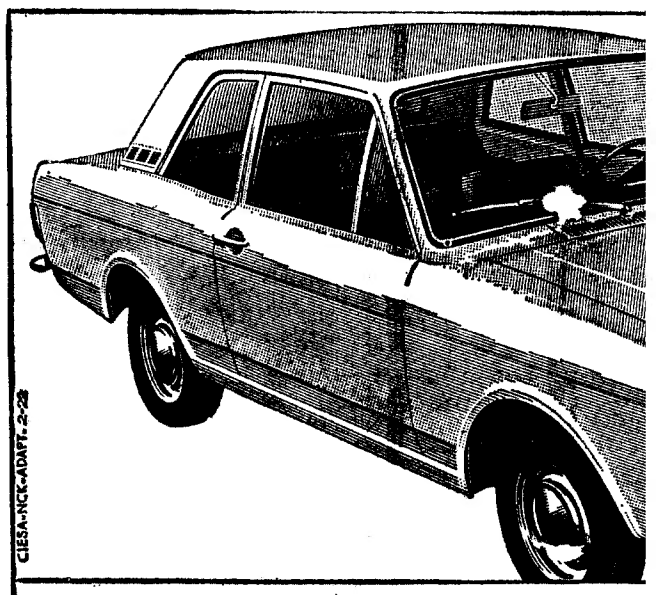
Ni no

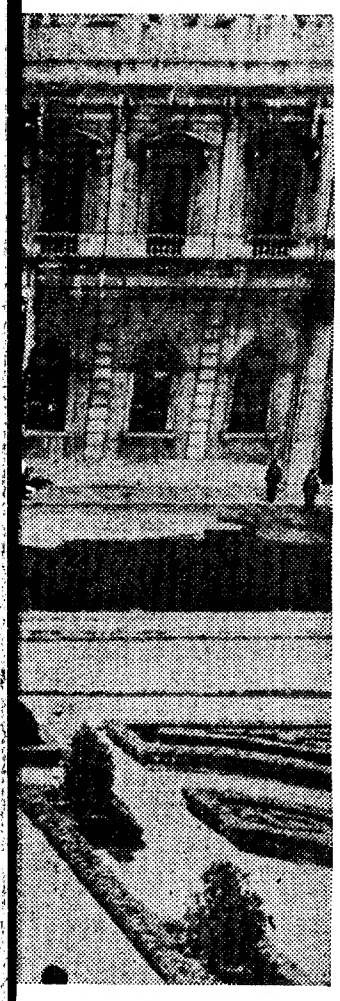
Com de In da d que c cio do rice S nete, especi nas c do Pr

Mau aeropo a viã

RELÓGIOS PARA JOVENS
GRANDE SORTIDO
ÚLTIMOS MODELOS
SENSACIONAIS
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO


A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA



o, da sua residência para
tigo Presidente do Governo
para os Jerónimos.

AS ÚLTIMAS HOMENAGENS NA RESIDÊNCIA DE S. BENTO

(Continuação da 1.ª página)

Apenas duas das seis lâmpadas do candeeiro de lustres suspenso do tecto iluminavam a quadra. Revestido do seu capelo de doutor, com um grande cruxifixo e um terço entre as mãos já de mármore, o rosto coberto por um lenço branco, Salazar parecia dormir longamente. O seu corpo embalsamado, estendido no caixão castanho, esperava que chegasse a hora de o irem buscar para o começo da última viagem. Nos corredores, ministros, amigos íntimos do Presidente morto, homens que algum dia fizeram parte de um dos seus Governos, diplomatas, senhoras de lágrimas nos olhos.

O eng.º Sebastião Ramires foi a primeira personalidade que os repórteres assinalaram, esta manhã, á entrada do palacete. O prof. Bissaia Barreto chegou, a seguir, para se despedir do seu velho companheiro e amigo de Coimbra. Seguiram-se o Príncipe das Beiras e sua tia, D. Filipa de Bragança, os drs. João Ameal e Sollari Allegro, o embaixador da Holanda, o eng.º Jorge Jardim, o general Câmara Pina, eng.º Segismundo de Saldanha, comandante Sacramento Monteiro, subsecretário da Administração Ultramarina, que representava o ministro do Ultramar, dr. Bustorff Silva, dr. Esteves da Fonseca, eng.º Teixeira de Sousa, o presidente da Assembleia Nacional, eng.º Amaral Neto, dr. Vieira Machado, o embaixador das Filipinas, os ministros Baltasar Rebelo de Sousa e Sá Viana Rebelo, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, conselheiro José Osório, o prof. Costa Leite (Lumbrales), o governador civil de Lisboa, o embaixador da Inglaterra, o ministro Gonçalves Rapazote, a filha mais velha do Chefe do Estado, D. Maria Manuela Thomaz Figueiredo, o director-geral da Segurança e o secretário de Estado Joaquim da Silva Pinto.

Por fim, chegaram o pároco da Estrela, padre Tobias Duarte, e o prior de Santa Engrácia, os dois sobrinhos-netos de Salazar, e a irmã do falecido Presidente, D. Marta do Resgate. Estava prestes a começar a missa de corpo presente.

Eram 10 e 38 quando chegou ao palacete da Rua da Imprensa o Chefe do Governo, prof. Marcello Caetano, acompanhado pelo seu chefe de gabinete, dr. Quezada Pastor. O Presidente do Conselho subiu imediatamente ao piso superior da residência do seu antecessor na chefia do Governo, cumprimentou os presentes e deteve-se junto da urna.

A saída do palacete

Na álea ajardinada que durante anos e anos inspirou os mais íntimos recolhimentos de Salazar, os repórteres aguardam a saída da urna. São 10 e 50 em ponto, quando, precedido do pároco da Estrela e seus acólitos, a urna, coberta com uma bandeira verde e rubra, surge no limiar, inclinando-se para descer os poucos degraus que conduzem ao pátio. Logo a seguir, vem Marcello Caetano, de fraque, como todas as altas entidades presentes, que o seguem a distancia respeitosa.

Á saída, três antigos membros de governos de Salazar, detêm, nas mãos, a borla, o colar da Torre e Espada e a grã-cruz da Ordem do Império: são eles, respectivamente, o prof. Costa Leite (Lumbrales), o general Gomes de Araujo e o dr. Paulo Rodrigues.

Lentamente, o cortejo dirige-se para a direita, em direcção ao Sul, através das pequenas avenidas do jardim, guarnecidas de bancos vermelhos. Do miradouro, desce-se por uma escadaria alta, de mármore. Lá em baixo, mais repórteres aguardam a chegada da urna, que apenas durante alguns minutos permanecerá no átrio da Assembleia, antes de iniciar a viagem para os Jerónimos.

No passeio fronteiro ao Parlamento, um batalhão — o n.º 2, da G. N. R. — comandado pelo capitão Câmara Lomelino, vai prestar a guarda-de-honra. A distância, o povo, que quis ver a ultima saída de Salazar da sede do Governo. Milhares de pessoas, atrás dos cordões policiais, que escutam respeitosamente a Marcha Fúnebre de Chopin, executada pela banda integrada no batalhão da guarda-de-honra.

Os restos mortais de Salazar recebem, assim, as honras cujo direito o antigo Presidente conservou, mercê da decisão do Chefe do Estado, há dois anos, ao resolver substituí-lo. Junto da urna, o cónego D. João de Castro, presidente do Cabido da Sé, representa agora o cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

À marcha fúnebre segue-se o Hino Nacional. Depois, a urna é deposta sobre um armão militar, conduzido pelo jovem soldado Juscelino Venâncio Dias Rodrigues, de 22 anos, natural de Vendas Novas, em serviço no Grupo de Companhias de Trem Auto. As entidades oficiais aguardam os seus carros. D. Maria de Jesus Caetano Freire afasta-se de braço dado com a irmã de Salazar, e ambas são amparadas por duas enfermeiras.

E o cortejo fúnebre põe-se em movimento.

As ultimas horas de vigília, na residência do prof. Oliveira Salazar. Entre as pessoas que rodeavam a urna, reconhecem-se a irmã do antigo Chefe do Governo, sr.ª D. Marta do Resgate e a sr.ª D. Maria de Jesus Caetano Freire

OVERNO FIZERAM OS JERÓNIMOS

antigos membros do Governo, Oficiais Generais, Professores Universitáros, Magistrados, Presidentes e Vice-Presidentes das Corporações e funcionalismo da Presidência do Conselho, e dos Ministérios do Interior, Justiça, Finanças, Negócios Estrangeiros, Obras Publicas, Ultramar, Educação, Economia, Comunicações, Conporações e Saude.

Nixon faz-se representar nos funerais de Salazar

Comunicam-nos os Serviços de Informação da Embaixada da América, em Lisboa que o secretário do Comércio dos Estados Unidos, Maurice Stans, membro do gabinete, será o representante especial do Presidente Nixon nas cerimónias dos funerais do Presidente Salazar.

Maurice Stans chega ao aeroporto da Portela, em avião militar especial, na noite de quarta para quinta-feira, pelas 24 e 30.

A África do Sul faz-se representar

CIDADE DO CABO, 28 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Hilgard Muller, representará oficialmente a Republica da Africa do Sul no funeral do prof. Oliveira Salazar.

Um informador do Ministério declarou que o dr. Hilgard Muller seguirá hoje ainda para Lisboa.

Quando V. vê o seu Cortina a vencer um ralí -não julgue que o roubaram é outro igual ao seu!

CORTINA DELUXE — CORTINA GT — CORTINA ESTATE CAR
2, 4 E 5 PORTAS

Ford à frente Ford

LISBOA
J. MENDES COELHO, LDA. Rua Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47
AUTO BOAVISTA, LDA. Rua da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41
AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias

Em manifestação de profundo pesar pelo falecimento de Sua Excelência o Presidente Doutor António de Oliveira Salazar, os estabelecimentos bancários estarão encerrados na próxima 5.ª-feira, dia 30 de Julho corrente.

A DIRECÇÃO

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

mini lanche
CHOCOLATES TAGIDES

Actualidade internacional

Washington confiante no «Sim» de Israel

WASHINGTON, 28 — (R.) — Os Estados Unidos aguardavam hoje ansiosamente o esperado «sim» qualificado de Israel ao seu plano de paz para o Médio Oriente.

Israel é o único país que falta ainda responder. Os dois Estados árabes contactados, o Egipto e a Jordânia, anunciaram já a sua aceitação básica da proposta.

Funcionários americanos mostravam-se, entretanto, confiantes em que a senhora Golda Meir, primeiro-ministro israelita, poderia convencer o grupo conservador do seu Governo, que se opõe á proposta, e levar o Gabinete a aceitar o plano de paz, pelo menos em princípio.

Observadores afirmaram que logo que Israel divulgasse a sua aguardada aceitação qualificada do plano era provável que a próxima fase seriam novas discussões em duas frentes paralelas. Uma trataria das condições específicas para o cessar-fogo e a outra dos preparativos para as negociações entre as partes sob os auspícios do medianeiro da O.N.U., dr Gunnar Jarring.

Julgava-se que Israel concordara com essas negociações, embora acentuando que devem ser sem condições prévias.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

JERUSALÉM, 28 — (R.) — O Conselho de Ministros de Israel adiou para amanhã a sessão extraordinária para resolver a resposta a dar ao plano para o estabelecimento da paz no Médio Oriente proposto pelo secretário de Estado norte-americano, William Rogers.

Segundo revelaram alguns funcionários, o Conselho de Ministros decidiu aguardar mais esclarecimentos dos Estados Unidos, principalmente sobre o assunto-chave das propostas, ou seja, as cláusulas relativas ao cessar-fogo limitado.

RECUSA

AMÃ, 28 — (F. P.) — «As massas recusam-se a submeter-se a colaborar com os regimes árabes derrotistas. Proclamam que só as forças da resistência são capazes de decidir o destino do povo palestiniano» — declara a Frente Popular de Libertação da Palestina num comunicado publicado ontem á noite depois das manifestações organizadas em Amã contra a aceitação do plano Rogers, organizadas por este movimento e pela Frente Democrática Popular para a Libertação da Palestina.

PEDIDO DE ENFORCAMENTO

TRIPOLI, 28 — (R.) — Manifestantes exigiram ontem em várias cidades da Líbia a morte por enforcamento dos conjurados que conspiraram contra o Governo revolucionário líbio.

Os seus protestos visavam aparentemente 30 oficiais, que têm estado a ser julgados pela sua alegada cumplicidade numa intentona contra o Estado em Dezembro passado.

Fontes bem informadas disseram que um veredicto sobre o caso, adiado desde Março ultimo, parece estar iminente.

BRASIL: SÉTIMA POTÊNCIA MUNDIAL EM 1980

SÃO PAULO, 28. — (F. P.) — «Em 1980 o Brasil será a sétima potência mundial» — afirmou o senador Manuel Villaça, presidente da União Parlamentar Brasileira, em declarações publicadas pelo diário «Folha de São Paulo».

A taxa de crescimento brasileira em 1969, que foi de 9 por cento permite prever que dentro de 10 anos o Brasil será a sétima potência mundial.

As previsões para este ano ainda são mais optimistas, rematou o parlamentar.

COLOMBO

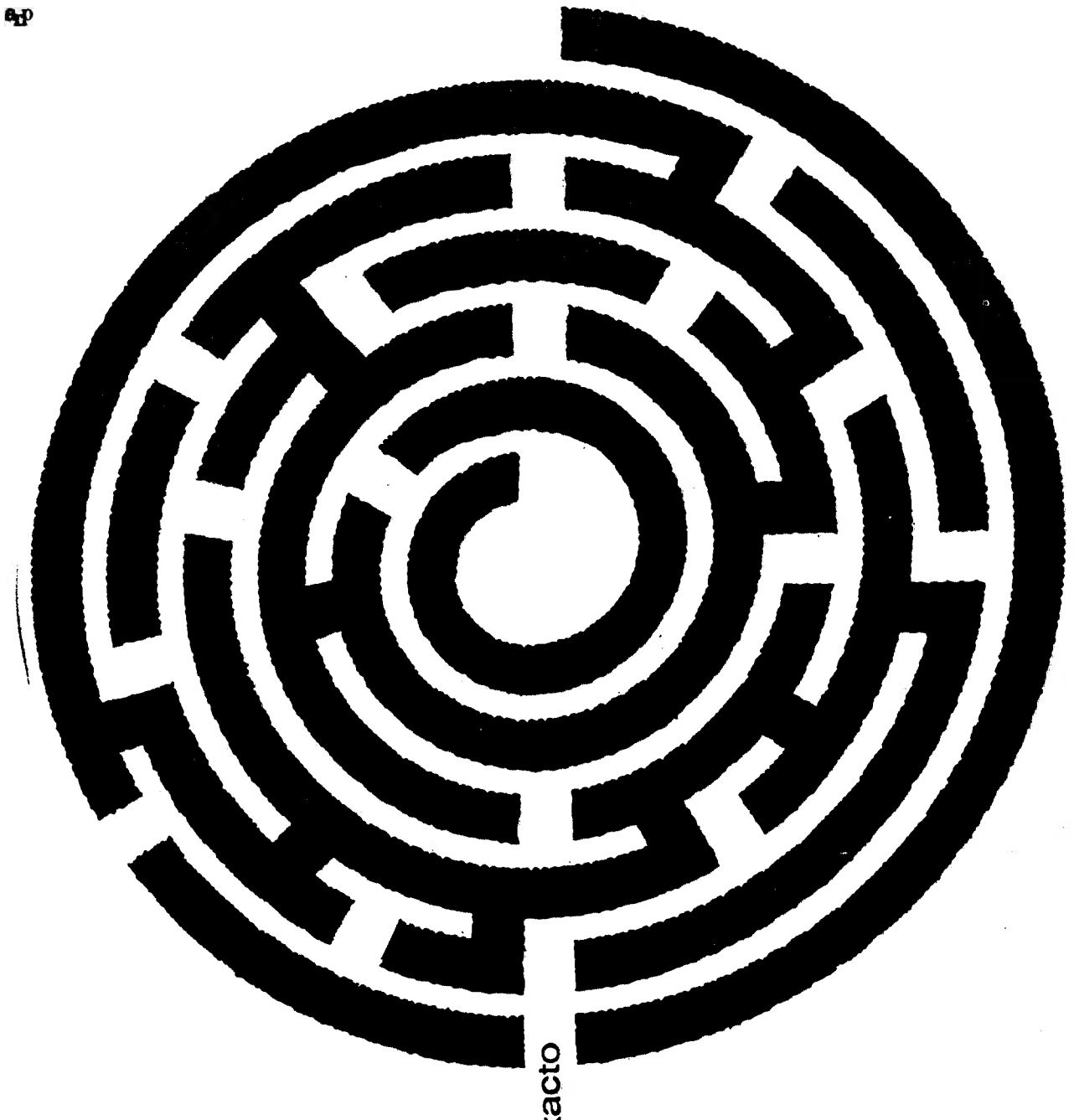
Pouco optimismo dos observadores

ROMA, 28 — (R.) — O primeiro-ministro designado Emílio Colombo inicia hoje consultas formais com o mais pequeno associado da coligação em formação em Itália, o Partido Republicano, ao continuar as suas diligências para encontrar uma solução para a crise governamental.

Colombo, de 50 anos, um democrata-cristão que foi durante os últimos sete anos ministro das Finanças, recebeu a noite passada o apoio formal e os votos de êxito do executivo do seu próprio partido.

Antes, avistara-se com uma delegação nomeada pelo seu partido para conduzir as consultas destinadas a cumprir o mandato que recebeu no sábado do presidente Giuseppe Saragat para formar um «Governo orgânico do centro-esquerda».

A despeito da sua experiência de Governo durante os últimos vinte anos e do seu êxito como ministro das Finanças, a maioria dos observadores está longe de se mostrar optimista acerca das possibilidades de Colombo conseguir levar a cabo a sua missão. Sublinharam que não havia qualquer indício de os socialistas ou de os democratas-sociais estarem preparados para um compromisso acerca da questão comunista. Espera-se que Colombo se aviste amanhã ou na quinta-feira com delegações dos dois partidos.



O Turismo da dividendos.
Invista
nessa realidade palpável.
Conheça as opções
que a TORRALTA
lhe proporciona,
mesmo que disponha
de pouco dinheiro.
Amplie o seu capital,
Informe-se na TORRALTA.

TORRALTA
Av. [illegible] de Louté, 66-A — LISBOA
[illegible]479 - 42139

JOÃO MOHANA

O célebre Autor de
«A VIDA SEXUAL DOS SOLTEIROS E CASADOS»
e «AJUSTAMENTO CONJUGAL»

APRESENTA UM NOVO LIVRO:

«SOFRER E AMAR»

Psicologia e teologia do sofrimento

Uma obra clara e magnífica, em que o Autor, com alto sentido humano, conversa com o leitor sobre os problemas do sofrimento, procurando atingir a sensibilidade de cada um...

editorial LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22
LISBOA

À VENDA EM TODAS
AS LIVRARIAS

ESC. — 40$

DESFAVORÁVEL AOS AMERICANOS A RELAÇÃO DE FORÇAS URSS-EUA —REVELA LAIRD

SAN CLEMENTE (CALIFÓRNIA), 28 — (F. P.) — Na sua conferência de Imprensa de ontem, Melvin Laird, disse que o Governo de Nixon está inquieto quanto á evolução da relação de forças entre a URSS e os Estados Unidos. A União Soviética dispõe agora de maior numero de foguetes intercontinentais terrestres do que os Estados Unidos. Estes ainda conservam vantagem no capítulo do numero dos foguetes para lançar de submarinos «Polaris», mas prevê-se que a União Soviética colmatará a diferença até 1974.

Nessa altura, a URSS terá igualmente ultrapassado os Estados Unidos quanto á Aviação estratégica. Os bombardeiros B-52 estarão então velhos, tendo entre 16 a 20 anos, e, portanto, ultrapassados.

A este propósito, Laird, sublinhou a conveniência em andar para a frente com a construção da rede de mísseis defensivos ABM. O ano passado, o Congresso aprovou a construção de dois pontos de lançamento do ABM e debruça-se agora sobre o projecto governamental de criação de uma terceira localização. «É muito importante—frisou Laird — que o Congresso aprove este terceiro ponto de lançamento, pois isto faz parte da nossa posição nas negociações para a limitação dos armamentos estratégicos que prosseguem em Viena entre a URSS e os Estados Unidos. Espero que o Congresso tenha aprovado este programa antes do fim do ano» — acrescentou.

Centro secreto em Marrocos da Marinha americana

WASHINGTON, 28 — (F. P.) — Os Estados Unidos mantêm um centro de rádiocomunicações da Marinha em Sid Yahia, em Marrocos, nos termos de um acordo secreto concluído com o Governo marroquino quando da evacuação oficial das bases americanas no país em 1963. Foi o que apurou uma comissão senatorial. Mas o Pentágono e o Departamento de Estado recusam-se, por enquanto, a confirmar a existência deste centro, situado a 80 km a Nordeste de Rabat. Segundo os observadores, o barulho que se fizer em volta do assunto poderá levar o rei Hassan II a pedir a partida dos americanos de Sidi Yahia.

A subcomissão também descobriu que os Estados Unidos possuíam outro centro secreto de rádiocomunicação na Etiópia, ainda mais importante que o de Sidi Yahia.

DESORDEM NUM FESTIVAL DE «ROCK» EM CHICAGO

CHICAGO, 28. — (F. P.) — Um festival de «Rock», organizado num grande parque desta cidade para divertimento gratuito da juventude, degenerou, ontem, á noite, numa desordem entre os 4000 espectadores e a Polícia. Sessenta e seis pessoas, entre as quais 24 agentes, ficaram feridas. Três jovens foram atingidos por balas. Teriam sido efectuadas 148 prisões.

As desordens começaram quando os espectadores, brancos e negros, subiram para o palco onde actuava um conjunto conhecido e se recusaram a obedecer aos polícias que lhes pediam para descerem. Foi então que começaram a cair sobre os polícias tijolos, garrafas, caixas de conserva. Os atacantes foram dispersados com granadas lacrimogéneas.

Em seguida os jovens assaltaram os estabelecimentos próximos.

Motim em Londres

LONDRES, 28 — (R.) — Cerca de cem indianos ocidentais cercaram, a noite passada, uma esquadra de Polícia num bairro da classe trabalhadora, ao norte desta capital, após três pessoas terem sido presas num clube nocturno.

Ficaram feridos vários guardas, um deles gravemente, quando cenas de pugilato se registaram na esquadra em Caledonian Road. Mais doze indianos ocidentais foram detidos.

Um informador da Polícia disse que as desordens começaram quando guardas tentaram expulsar do clube cerca de 50 pessoas.

Tiveram de ser pedidos reforços a outras esquadras, devido a cerca de 50 pessoas se concentrarem fora do posto gritando impropérios contra os guardas.

O informador acrescentou que as três primeiras pessoas foram presas por acusações de agredirem polícias no clube.

O ENCONTRO SCHEEL-GROMIKO

MOSCOVO, 28 — (R.) — Espera-se que os ministros alemão ocidental e soviético dos Negócios Estrangeiros efectuem hoje discussões ponto por ponto sobre a minuta de um tratado entre Bonn e Moscovo renunciando ao emprego da força.

As negociações recomeçam ás 10 horas locais (7 TMG) na sala de conferências do palácio Spidironovka, antiga residência de um milionário durante o regime czarista.

Walter Shell, que chefia a delegação de Bonn ás negociações, e o seu homólogo soviético Andrei Gromyko esboçaram as posições básicas dos seus países durante as conversações que travaram ontem durante duas horas.

Não foram divulgados detalhes acerca da substância das discussões iniciais.

Maré negra no Tamisa

LONDRES, 28 — (F. P.) — Umas quatrocentas toneladas de petróleo flutuam hoje no estuário do Tamisa, numa superfície de dez quilómetros, em consequência da colisão de um cargueiro misto espanhol com um «Pipe Line», que rebentou. As praias de Southend são as mais ameaçadas. Foi pedido o auxílio do Exército para participar na luta contra esta maré negra.

TURISMO—TOURIST

ESCLARECIMENTO

200 APARTAMENTOS DE TURISMO

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Esclarece o publico nacional e estrangeiro que se encontra já em funcionamento a sua secção de turismo em Paço de Arcos, com 200 apartamentos destinados ao turismo, junto á praia e com excelente vista de mar. Prontos a habitar, devidamente equipados com louças, roupas, electrodomésticos, onde poderá viver como na sua própria casa.

Informações:

Paço de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Matias Telef. 2433511 ★ **Lisboa** — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º Telefs. 45843-47843 ★ **Reboleira** — Amadora — Serviço Permanente 933670 ★ **Cascais** — Rua Regimento Infantaria 19, n.º 39 — Telef. 282575 ★ Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 283988

MATEMATICAMENTE...
Porque 1 + 1 = 2. E, por serem 2 a viajar em conjunto, a TAP estudou e criou a «expressão» «TE» (tarifas especiais) = «E» (economia). Acompanhe o seu marido na viagem de negócios que ele tem de fazer. Ele, que nunca se esquece de si, apreciará a sua companhia. Uma viagem de negócios é compatível com uma viagem de prazer.

Por isso, a TAP que voa diàriamente para New York* oferece-lhe assim uma viagem que não tem preço, ou, melhor, pode ir até 50 % do preço do bilhete do seu marido. Já reparou que, neste caso, pode acompanhá-lo duas vezes aos Estados Unidos pelo preço duma só viagem? Viaje em boa companhia — na do seu marido... e na nossa!

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

através do mundo
em boa companhia

* e para Boston às 4.as e Sábados

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

J. PIMENTA, SARL

CONSTRÓI DIFERENTE

Nada mais exacto do que as coisas exactas. J. Pimenta, SARL efectivamente, constrói diferente. Em moldes industriais de requintado bom-gosto, visando uma conservação ímpar. Nas fachadas das propriedades que edifica a tinta é projectada sobre reforço de cimento e a caixilharia é de alumínio anodizado. Além disso, as paredes dos Apartamentos Mobilados e dos Andares são revestidas de azulejo japonês de alta resistência, sendo as restantes, incluindo as zonas de serviço, revestidas de papel decorativo lavável.

Andares e Apartamentos Mobilados de J. Pimenta, SARL—a «coqueluche» da vida moderna—e situam-se em Paço de Arcos, Cascais, Reboleira, Amadora, Lisboa e Luanda.

Preços inacreditáveis desde 130 contos.

Consulte-nos porque só nós o poderemos informar convenientemente:

Lisboa—Praça Marquês de Pombal, 15—Telefs. 45843 e 47843; Queluz, Rua D. Maria I, 30 — Telf. 952021; Cascais—Rua Regimento de Infantaria 19, n.º 30 — Telf. 282575 e Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 283988

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

IBELSA

qualidade sinónimo de garantia

DISTRIBUIDORES GERAIS:

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELEFS. 83 81 70 - 4 24 95

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

FEIRA INTERNACIONAL DE FRANCFORT

DE 30 DE AGOSTO A 2 DE SETEMBRO 1970

Artigos de vidro, louças e artigos de cerâmica, porcelana. Bijuteria, jóias, artigos de metal, prendas e artigos para fumadores, Artesanato e arte industrial. Papel, artigos de escritório, artigos para escrever. Utensílios para lojas, decoração e utensílios para montras, artigos de propaganda. Artigos para a higiene do corpo, artigos de «toilette», escovas e pincéis. Artigos para uso doméstico (móveis e acessórios, artigos em vime e verga). Têxteis e acessórios, guarda-sóis. Feira especial para decoradores e alcatifadores.

Para informações e alojamentos:

LASSEN TRANSPORT, LDA.

Av. D. Carlos I, 42-6.º—Tels 669092-669095-669010
LISBOA-2

Comunicado das Forças Armadas

NA GUINÉ

BISSAU, 28. — (A. N. I.) — É o seguinte o texto do boletim informativo das Forças Armadas da Guiné, relativo ao período de 12 a 19 de Julho:

«Na sequência da actividade operacional de reconhecimento e vigilância do interior da província, as nossas forças, explorando informações fornecidas pela população, prosseguiram e aniquilaram, na região do Churo, um grupo inimigo que se havia infiltrado na área em missão de aliciamento e intimidação. O inimigo sofreu, ao longo desta acção, 16 mortos controlados e a captura do respectivo armamento.

De resto, manteve-se em toda a província a actividade normal de vigilância das fronteiras e de apoio ás populações, que continuam a evidenciar a sua adesão e activa participação nos programas de desenvolvimento em curso tendo sido acolhida com entusiasmo a notícia do próximo reordenamento das populações da área de Salancaur-Unal, no Sul da província, sob a protecção de um destacamento militar a instalar na região.

Revestiu-se ainda da maior importância, pela sua incidência no estado de espírito das populações e consequente reflexo na situação militar, o congresso de chefes tradicionais Balantas, cujos trabalhos terminaram durante o período, e que se insere no diálogo contínuo entre o Governo da província e as populações. Recorda-se a recente realização de congressos semelhantes com chefes Mandingas e Fulas, que se integram na política de participação activa das populações na planificação e na execução dos programas de desenvolvimento socioeconómico, que continuam a encontrar a mais alta receptividade.

A actividade inimiga continuou a incidir sobre os núcleos populacionais de fronteira, visando especialmente os centros de recepção de refugiados que continuam a regressar á Guiné e os locais onde a população senegalesa recebe assistência médica gratuita dos nossos serviços de saúde militares. Registou-se, durante o período, o ataque ás povoações comerciais de Pirada e Bajocunda, na fronteira norte, protegidas por um pequeno destacamento militar, onde o inimigo cometeu actos de repugnante selvajaria contra as populações, que sofreram 13 mortos e 10 feridos graves. Na reacção, o inimigo sofreu 31 mortos controlados e 7 capturados, que não só forneceram preciosas informações sobre as bases do PAIGC no Senegal, como também confirmaram a localização das bases de fogos de armas pesadas no território daquele país, e a inequívoca cumplicidade das autoridades fronteiriças do Senegal nas agressões cometidas pelo PAIGC contra as nossas populações.

Registou-se, no período o regresso á província de 212 refugiados, vindos do Senegal e da Gambia.

Receberam também assistência médica gratuita, nos nossos postos militares da fronteira, 1328 cidadãos senegaleses, e 64 cidadãos da República da Guiné. Acrescenta-se que os postos militares que maior assistência prestam ás populações senegalesas são exactamente Pirada, Sarebacar, Cambaju, Cumtima e Guildage, particularmente visados pelas acções inimigas lançadas do Senegal.

Durante o período, o inimigo sofreu o total de 47 mortos confirmados. As nossas forças sofreram dois mortos e um desaparecido em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados.»

EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 28. — (A. N. I.) — Foi distribuído pelo comando das Forças Armadas em Moçambique, o seguinte comunicado:

«1.º — As unidades que, após as operações «Dominha», «Dureza» e «Rodovia» ficaram estacionadas em Omar, continuaram as operações com resultados positivos, mantendo interdição á principal linha de infiltração da Frelimo em Cabo Delgado, progredindo na limpeza das áreas e efectuando apreensão de um novo lote de material de guerra de cerca de 4 toneladas.

2.º — Na operação «Nó Górdio», além de emboscadas e patrulhamentos, que continuam, os agrupamentos «ABC», realizam a exploração com sucesso, sob a forma de pesquisa, de material e de documentação, e limpeza das áreas.

Aqueles agrupamentos, após ocupação das bases «Gungunhana», «Moçambique» e «Nampula», efectuaram acções nas áreas adjacentes aos rios Muera, Muatide e Litembo, e nas regiões de Mtumbate, Capoca, Memba e Chilundo. Nestas acções foram destruídas algumas dezenas de acampamentos e bases de terroristas, nas localidades ocupadas por populações que apoiam o inimigo e numerosos meios de vida. Dos objectivos destruídos destacam-se, como mais importantes, os acampamentos Mtumbate, Ali, Liaute, Luguali e Diancar. Na base de Mueda e as localidades de Quíque e Naengo, os agrupamentos capturaram ainda volumosa quantidade de material de guerra e importantíssima documentação inimiga.

Forças helimóveis, com base e tropas pára-quedistas efectuaram um assalto ao grande acampamento Magude, tendo-o destruído e capturado material de guerra e significativa documentação inimiga.

3.º — Na área onde se situava o coração do terrorismo, em Cabo Delgado, ficará de agora em diante o aquartelamento de Muera, ocupado em permanência por unidades militares nossas.

O comandante-chefe, em cerimónia realizada na própria ex-base de Nampula, fez entrega áquelas unidades da bandeira nacional que ali, pela primeira vez, foi içada com as honras regulamentares.

4.º — Também na presença do comandante-chefe e perante as tropas em formatura, foram lidos os louvores por aquele concedidos ás unidades que mais se distinguiram.

5.º — O total de material capturado desde 10 de Junho em Cabo Delgado, ultrapassa as 35 toneladas, destacando-se uma dezena de armas pesadas, três centenas de armas ligeiras, a maioria das quais automáticas, quatro centenas de minas anticarro e antipessoal, milhares de granadas de morteiro, um canhão sem recuo e uma «bazooka», grande quantidade de material explosivo, 200 mil munições, armas ligeiras e ainda quatro centenas de acessórios de armas pesadas e ligeiras, vitais para o seu funcionamento.

Algumas unidades das nossas forças vão ser equipadas com o armamento apreendido, de origem chinesa, que parece excelente.

6.º — Como se referiu prossegue a exploração do sucesso da operação «Nó Górdio» e, em continuação da acção ofensiva das nossas forças, foi lançada a operação «Parametro», sob forma de heli-assalto contra a base inimiga de Narino, situada pouco ao Sul de Nangololo.

7.º — Prossegue também a acção psicológica diurna e nocturna, agora alargada a novas áreas.»

COMUNICADOS DO S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas divulgou o seguinte comunicado:

«Segundo comunicações do Comando Chefe das Forças Armadas da Guiné, registaram-se novas acções contra povoações fronteiriças com o Senegal.

Assim, no passado dia 20, o inimigo flagelou Guidage com morteiros durante 10 minutos, sem consequências, estando a base de fogo inimigo instalada em território senegalês.

No dia 22, um grupo inimigo atacou a tabanca Tabassi, no itinerário de Tirada para Bajocunda, causando a morte a uma mulher e a uma criança.

Em face das reacções das nossas tropas o inimigo fugiu desordenadamente para o território do Senegal atravessando a fronteira entre os marcos 66 e 67».

A NEGOCIANTES E PARTICULARES

GRANDE ESPÓLIO

LEILÃO

NA RUA PINHEIRO CHAGAS N.º 11 E 13

MORADIA

HOJE, ÀS 21 H. E AMANHÃ ÀS 15 E 21 HORAS

VENDE-SE URGENTE PELAS MAIORES OFERTAS, POR ORDEM DO EX.mo TESTAMENTEIRO TODO O BOM RECHEIO que se encontra nesta boa moradia e que consta em **especial de: Bom mobiliário género antigo e moderno, muitas velharias** diversas, bibelots, **quadros a óleo** contemporâneos ass.dos, **lustres e candeeiros, carpetes de lã, Arraiolos e orientais, maples conjuntos e desirmanados, mobílias completas de quarto de casal e pessoa, sala de jantar** óptima fabricação, **ESCRITÓRIO RENASCENÇA C/ RICO TRABALHO, mobílias de sala de visitas, MÓVEIS C/ TALHA INDIANA, candeeiros em metal** rendilhado trabalho indiano. **Bonitas peças em bronze e mármore, Ass.dos bronzes. Ass.dos. Conjunto de bilros cama e mesas de cabeceira. Roupeiros diversos, toilettes, bom armário de vidrinhos lacado, de 3 corpos; cantoneiras; colunas, credências c/ espelhos; espelhos de parede; cadeirões de couros c/ pregaria; passadeira de lã oriental; 2 SALAS MOBÍLIAS DE QUARTO LUÍS XV c/ TALHA ESMERADA EM PAU-SANTO E LUÍS XVI c/ BONS EMBUTIDOS E BRONZES TRABALHADOS; MOBÍLIA DE CASA DE PEQUENO ALMOÇO D. João V, c/ bom trabalho; Móvel T. S. F. modelo de luxo, muitos móveis desirmanados, muitas roupas:** lençóis, cobertores, vestidos, toalhas, etc. **e muitas velharias para SEREM VENDIDAS PELA MAIOR OFERTA.**

AGÊNCIA DE LEILÕES «ANTIQUÁRIA»

De ANTÓNIO JOSÉ, LDA.
AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 15-1.º
TELEFONES 56 22 68/9 e 77 49 00

os exames do ensino liceal

2.º CICLO

Prova escrita de Português

SOLUÇÃO

I

1) O autor do texto transcrito é Almeida Garrett, de quem foi contemporâneo o grande escritor Alexandre Herculano.

2) Além de «Frei Luís de Sousa», dentro do género dramático, estudámos o «Auto da Alma», de Gil Vicente, autor do séc. XVI. O «Auto da Alma» revela o agudo espírito de observação do criador do nosso teatro, e mostra-nos bem como em todas as épocas — pois tem actualidade permanente — é necessário lutar contra as tentações que nos afastam do caminho do Bem; mostra-nos que «querer é poder».

II

3) O espírito de Telmo está confuso e aterrado: acreditara sempre que D. João de Portugal estava vivo e que seria feliz com o seu regresso; agora, porém, a notícia de que está vivo causa-lhe terror. Ele sabe que isso lançará numa situação vergonhosa Maria, que ele ama agora acima de tudo e de todos e com todas as forças da sua alma.

4) A transformação operada no seu íntimo está bem traduzida na expressão «Virou-se-me a alma toda»; a escolha do verbo «virar» foi feliz, pois exprime concretamente a passagem dos sentimentos de Telmo de um para o outro extremo — da alegria que julgava que iria sentir para o terror que agora o dominava.

5) Telmo não sabia que D. João de Portugal se encontrava no Palácio de Almada, ele esperava «*ir* saber novas certas dele».

III

6)

a) O adjectivo *nobre* apresenta o superlativo *nobilíssimo*, vindo do latim por via erudita, e *nobríssimo*, formado sobre o grau normal do adjectivo vindo por via popular.

b) seniorem > *seniore* > senior > senhor. Deu-se a apócope do *m* e depois do *e* e a palatalização do grupo *ni* em *nh*.

c) O grupo dos *seniores* jogou muito bem. *Seniores* significa *os mais velhos*.

7)

a) A forma pronominal *me* vinca a importância da vida de Maria *para Telmo*.

b) As formas verbais «viverá» e «escapará» exprimem a angustiada dúvida de Telmo em relação ao futuro de Maria.

c) Telmo pediu *ansiosamente* a Deus que levasse o velho, que já não prestava para nada.

IV

Não se apresenta solução, por ser de natureza puramente subjectiva.

Prova escrita de Ciências Naturais

MINERALOGIA E GEOLOGIA

I

1 — a) Quantas arestas tem um cristal com 12 faces e 14 vértices

b) Em que se baseou para dar a resposta?

2 — a) Quais são os caracteres que permitem distinguir a pirite da calcopirite?

b) Como explica que possam ser rectangulares as faces de um cubo de pirite?

II

a) Qual é a rocha que aparece, normalmente, no contacto do granito com o calcário?

b) Como interpreta a sua formação?

ZOOLOGIA

I

1) Que caracteres de adaptação ao voo se verificam no aparelho respiratório do pombo?

2) Relacione a configuração dos membros da rã com a sua locomoção.

3) As escamas do lagarto são de natureza córnea enquanto que as do barbo são de natureza óssea. De onde provêm umas e outras?

II

1) Por que não é possível fazer a criação de lagostas, em viveiro, desde que nascem até poderem ser aproveitadas para comer?

2) Estabeleça a diferença entre Insectos e Aracnídeos, quanto ao número de patas.

III

Organismo humano

1) Qaul é o papel da bílis na digestão?

2) Como se distinguem, morfològicamente, os glóbulos vermelhos dos glóbulos brancos?

3) A contracção do diafragma contribui para a inspiração. Porquê?

BOTANICA

I

1) Por que motivo se diz que o pinheiro é uma planta monoica?

2) Que relação poderemos encontrar entre o desenvolvimento das estípulas e o aparecimento das gavinhas foliares, da ervilheira?

3) Qual das plantas citadas nas alíneas anteriores é Angiospérmica? Porquê?

II

Que órgão resulta da germinação do esporo:

a) da fumária;

b) do polipódio.

III

1) Quais são os tecidos que formam as nervuras das folhas?

2) A equação seguinte, não sendo verdadeira, traduz de uma forma simplificada a síntese do amido.

dióxido de carbono + *água* + *energia* = *amido* + *oxigénio*

a) De onde provém a energia necessária á reacção?

b) A transformação indicada poderá realizar-se no cogumelo? Porquê?

SOLUÇÃO

Mineralogia e Geologia

I

1 — *a*) Tem 24 arestas.

b) Na igualdade de Euller que nos diz: «O numero de faces mais o numero de vértices é igual ao numero de arestas mais dois.

2 — a) A pirite e a calcopirite podem muitas vezes confundir-se. Podem no entanto distinguir-se pelas seguintes características.

1.º — A pirite risca o vidro e a calcopirite não.

2.º — A cor amarela da calcopirite é mais viva que a da pirite.

3.º — A calcopirite apresenta irisações e na pirite não se notam.

b) As faces de um cubo de pirite podem ser rectangulares porque em geral as formas cristalinas que se encontram distorcidas.

II

a) A rocha que aparece normalmente é o marmorito.

b) O marmorito forma-se por metamorfismo de contacto. Os agentes de metamorfismo provenientes do magma são os fluídos de circulação e o calor. Estes transformam os calcários sedimentares em marmorito.

Zoologia

I

1) No aparelho respiratório do pombo existem os sacos aéreos que comunicam com ramificações dos brônquios e com a cavidade interna dos ossos pneumáticos. Os sacos aéreos facilitam o voo por diminuição do peso específico da ave.

2 — Os membros anteriores são curtos e têm 4 dedos. Os membros posteriores muito mais compridos e muito mais fortes que os anteriores, apresentam uma dupla adaptação: — o salto e a natação.

Estes membros estão dobrados em Z quando em repouso e os músculos da coxa são muito poderosos. O pé tem 5 dedos longos e ligados por uma membrana natatória.

3 — As escamas do lagarto provêm da camada superficial da pele — escamas epidérmicas. As escamas do barbo provêm da camada profunda — escamas dérmicas.

II

1 — Esta dificuldade provém de a fêmea depois de pôr os ovos e de os ter aderentes ao corpo durante um certo tempo os largar, sacudindo a cauda. Destes ovos saem larvas diferentes dos animais adultos e que se dirigem para o alto mar. Só quando o seu peso as faz afundar, é que se dirigem para a costa onde podem ser aproveitadas.

2 — Os insectos têm 3 pares de patas locomotoras enquanto que os aracnídeos têm 4 pares de patas.

III

1 — A bílis não contém fermentos digestivos. Tem, no entanto acção sobre as gorduras, emocionando-as. Tem uma acção anti-séptica e renova a mucosa intestinal.

2 — As hemáceas no homem adulto e na maior parte dos mamíferos são discoidais e sem núcleo. São vermelhas devido à existência de uma substância chamada hemoglobina.

Os leucócitos como não têm membrana não têm forma própria. Têm sempre núcleo que pode ser simples ou lobado.

3 — O diafragma ao contrair-se aumenta a capacidade da caixa torácica contribuindo assim para a inspiração.

Botânica

I

1 — O pinheiro é uma planta monoica porque tem flores femininas e masculinas no mesmo pé.

2 — As estípulas são prolongamentos da base do pecíolo das folhas. As gavinhas são modificações dos ultimos folíolos e servem para o caule poder trepar. Quanto maior for o desenvolvimento destes dois órgãos, melhor será a exposição da planta aos raios solares.

Tanto as estípulas como as gavinhas, na ervilheira, têm origem nas folhas.

3 — A ervilheira é uma angiospérmica porque tem sementes encerradas no pericarpo; ovário fechado com estilete e estigma e tem flores completas.

II

a) O órgão que resulta da germinação do esporo na Fumária é o protonema No Polipódio é o protalo.

III

1 — São os tecidos condutores: — liber e lenho. O primeiro conduz a seiva elaborada e o segundo a seiva bruta.

2 — *a*) A energia necessária a esta reacção provém da luz solar.

b) Não. Para esta transformação se realizar além de energia solar necessita também de clorofila. O cogumelo é desprovido desta substância.

Prova escrita de Francês

C'est au début du XX^e siècle. Le docteur Pasquier, qui vient d' acheter sa première automobile, invite son fils et un ami de celui-ci à faire une promenade dans sa voiture, dont il fait l'éloge.

«C'est une voiture à pétrole, disait-il, avec un moteur Daimler, le vrai moteur du progrès. On fait, aujourd'hui, des voitures plus élégantes. Je ne m'y fierais pas: la mécanique est sacrifiée au luxe. Avant tout, la sécurité. Tenez, regardez, jeunes gens, comment se fait la mise en marche. Simplicité parfaite».

Il avait ouvert la cage du moteur On apercevait un lourd volant que mon père saisit à pleine main. La machine renifla longuement, éternua, puis lâcha quelque chose comme un abolement.

«N'ayez pas peur, dit mon père, ce genre de moteur s'appelle, en propres termes, moteur à explosion».

Une dizaine de fois, mon père lança le volant sans résultat. Le moteur toussait, râlait, sans se décider. Et, soudain, il partit: «Tap, tap, tap» et la voiture se mit a trembler tout entière avec un bruit de fusillade. Mon père, toujours souriant, remettait sa jaquette, son haut-de-forme, ses gants jaunes. Il dit:

«Laurent, tu monteras derrière. Ton ami se mettra près de moi».

Mon père, bien droit, semblait parfaitement maître de cette force tempétueuse. Comme nous arrivions sur la place de l'église, il souleva son couvre-chef et salua plusieurs personnes d'une façon fort élégante

A cet instant précis, notre voiture fit un écart à droite et monta sur le trottoir. Elle y roula quelques mètres et vint donner du museau dans la boutique du pharmacien.

«Ma manette de direction est un peu trop délicate, fit mon père, mais ça n'a pas d'importance, car je voulais, justement, passer chez le pharmacien»

D'après GEORGES DUHAMEL, *Vue de la Terre Promise*

I

Répondez aux questions suivantes:

a) De quelle sorte de voiture parle-t-on dans ce texte?

b) Selon l'avis du docteur Pasquier, quels avantages offre-t-elle?

c) Les deux garçons sa-raient-ils d'accord avec les commentaires du docteur sur le fonctionnement de son auto? Porquoi?

d) L'accident sur la place aura-t-il démontré encore une fois l'optimisme du docteur? Comment?

e) Trouvez-vous drôle l'attitude du docteur Pasquier pendant tout le récit? Justifiez votre réponse.

II

Rendez en Français:

1) Mas este passelo tão animado não acabaria assim. Pelo contrário, a corrida continuou, como se nada tivesse acontecido, à velocidade louca de vinte e dois quilómetros à hora.

2) Entretanto, começou a chover. E, como se encontrava numa descida, o automóvel, cuja velocidade aumentava, foi embater num muro.

3) Apesar da violência do choque, nada sofreram. Então, olharam-se, espantados: só o doutor sorria, enquanto apanhava o chapéu.

III

Ce texte nous parle d'une promenade inoubliable, une promenade où l'on a failli mourir. Il y a cinquante ans, l'auto mettait déjà en danger la vie de l'homme... Cependant, la voiture est toujours le moyen le plus commode de voyager en famille...

Vous aussi, vous avez certainement des souvenirs, agréables ou désagréables, d'un voyage en auto. Voulez-vous nous en parler? Vous pourrez choisir comme titre de votre *composition*

UN VOYAGE INOUBLIABLE

IV

Traduisez le texte depuis «*Une dizaine de fois*» digne jusq'à «*ses gants jaunes*».

(Segue-se uma lista de vocábulos a usar no ponto escrito).

O HORÁRIO DOS EXAMES NÃO SOFRE ALTERAÇÃO

Como já ontem noticiámos, as determinações sobre luto nacional promulgadas pelo decreto aprovado na reunião extraordinária do Conselho de Ministros, não têm qualquer reflexo na realização dos exames que decorrem nos vários graus de ensino, nomeadamente os liceais, técnicos, médios e universitários.

Assim, os exames continuaram hoje normalmente em cumprimento dos horários estabelecidos.

O facto de ter sido decretado um período de três dias de luto nacional suscitou algumas dúvidas, nomeadamente nos alunos que estão a repetir as provas do 5.º ano dos Liceus. Um informador do Ministério da Educação afirmou, ainda ontem, que o horário dos exames não sofrerá qualquer alteração.

Escola de Enfermagem Dr. Angelo da Fonseca

As matrículas na Escola de Enfermagem Dr. Angelo da Fonseca estão abertas de 10 a 30 de Agosto. No curso de Enfermagem Geral podem ser ainda admitidos candidatos com o 1.º ciclo liceal ou equivalente.

Os alunos com o 2.º ciclo liceal podem beneficiar de bolsas de estudo mensais de 1000$00 a 1250$00. Os restantes alunos poderão, eventualmente, receber subsídios especiais.

Todas as informações deverão ser solicitadas á secretaria da escola.

exames para amanhã

(29 de Julho—4.ª-feira)

ENSINO LICEAL

2.º ciclo — 1.ª chamada

(29 de Julho — 4.ª-feira)

História — 9 horas (90 minutos)
Inglês — 11 horas (90 minutos)

CURSOS DE VERÃO
EXTERNATOS
AV.ª DA REPÚBLICA, 83
77 90 47 - 76 96 20
CRISFAL
LICEAL — 2.ª ÉPOCA
ADMISSÃO AOS INSTITUTOS

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO AGRUPAMENTO DE RENDA ECONÓMICA PARA A CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA COMPANHIA UNIÃO FABRIL E EMPRESAS ASSOCIADAS EM ALBARRAQUE — 2.ª FASE

ANÚNCIO

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anuncio são aceites na Câmara Municipal de Sintra, propostas para o concurso publico referente á empreitada de construção do empreendimento em epígrafe.

Preço base do concurso ..... 12.495-000$00
Depósito provisório ..... 312.375$00

Alvará de 1 Categoria de 3.ª classe.

O depósito provisório é efectuado na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea 1) do Art.º 3.º do programa de concurso ou em títulos emitidos, ou garantidos pelo Estado. Esta caução poderá ser substituída por garantia bancária.

O processo de concurso encontra-se patente todos os dias uteis, em «Habitações Económicas» — Federação de Caixas de Previdência — Av. Duque d'Ávila, 169-6.º em Lisboa e na Câmara Municipal de Sintra nas horas de expediente

A abertura das propostas realiza-se na Câmara Municipal de Sintra ás 16 horas no próximo dia util que se seguir ao termo do prazo fixado neste anuncio.

Sintra, 24 de Julho de 1970.

O PRESIDENTE

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«IMPÉRIO» a sair em 31 de Julho às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.**
«LOBITO» a sair em 4 de Agosto	Com escala por Leixões para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 28 de Julho a 2 de Agosto.
«UIGE» a sair em 12 de Agosto às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: **LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.** Carrega de 2 a 4 de Agosto.
«LUANDA» a sair em 13 de Agosto	Com escala por Leixões, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 6 a 10 de Agosto.
«GANDA» a sair em 22 de Agosto	Com escala por Leixões para: **CABINDA, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, PORTO ALEXANDRE** (se necessário) e **MOÇÂMEDES.**
«VERA CRUZ» a sair em 25 de Agosto às 16 horas	Para: **LAS PALMAS, LUANDA e LOBITO.** Carrega de 20 a 22 de Agosto
«I. D. HENRIQUE» a sair em 28 de Agosto às 12 horas	Para: **FUNCHAL, LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 22 a 25 de Agosto.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 3 de Agosto às 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), CURAÇAU e LA GUAIRA.**
«SANTA MARIA» a sair em 21 de Setembro às 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL** para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ATENÇÃO

ENTREGUE A MANUTENÇÃO DO SEU ASCENSOR À
A REPARADORA DE ASCENSORES
IMPÉRIO, LDA.
REPARAÇÕES EM ASCENSORES DE TODAS AS MARCAS. PESSOAL TÉCNICO E ESPECIALIZADO
RUA DA ARRÁBIDA, 44-B — LISBOA
TELEFONES 68 55 31 - 68 20 07

PORTUGAL/U. S. NORTH ATLANTIC WESTBOUND FREIGHT CONFERENCE

(ACORDO DE FRETES PORTUGAL/ESTADOS UNIDOS)

O Comité Português da Portugal/U. S. North Atlantic Westbound Freight Conference tem o prazer de anunciar aos Senhores Exportadores a adesão a esta Conferência das seguintes Linhas de Navegação:

D. D. G. Hansa — Hansa Line —
Desde 30 de Junho de 1970

COMPAÑIA TRASATLANTICA ESPAÑOLA, S. A.
Desde 6 de Julho de 1970

GIL AUTO
LAVAGEM DE VIATURAS POR SISTEMA AVANÇADO
ao seu serviço durante as 24 horas do dia
Rua Cidade da Beira (Lote 20) — OLIVAIS-SUL
Telefones 31 76 51 - 31 76 52 — LISBOA - 6

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1. Jupizo Criminal da Boa Hora, prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer. A sr.ª D. Maria Isabel Brasão Sommer, viuva de Fernando Sommer e cunhada do falecido industrial Henrique Sommer, continuou a prestar esclarecimentos.

O corregedor Bernardino de Sousa leu as declarações da sr.ª D. Maria Helena, mãe daquela, que figuram no processo e que a aludida senhora fez numa acção cível. Acerca da tão falada carta que alude ás acções da Empresa de Cimentos de Leiria, a sr.ª D Maria Isabel Brasão Sommer esclareceu:

— *Nunca 'tive qualquer conversa com o meu marido sobre essa carta pelos motivos já por mim expostos na sessão anterior. Informo, porém, que tem em poder do seu advogado um certo numero de acções da Companhia de Cimentos «Tejo», as quais são propriedade de sua filha. Essas acções foram-me entregues pelo meu sobrinho Carlos, ao que parece por minha sobrinha Maria Ana também ter recebido algumas*

O presidente instou a declarante no sentido de dizer ao tribunal em que data isso se passou, ao que aquela respondeu não se lembrar. Da razão da sua posse, explicou.

— *A entrega dessas acções de minha filha, está dependente de um inventário que foi instaurado há cerca de sete anos, o qual, não há maneira de ser concluido por virtude de constantes entraves.*

— Quem requereu o inventário? — perguntou o juiz.

A declarante acto contínuo:

— *Foi requerido pela minha filho e marido contra mim, e — agora suponho eu — a conselho de alguém.*

— Mas quem é esse «alguém» que V. Ex.ª não divulga? — insistiu o magistrado

Respondeu a declarante:

— *Esse «alguém» queria estrangular-me económicamente, e não só económicamente, como também moralmente. Causaram-me um grande sofrimento o terem-me separado e continuarem a separar-me da minha unica filha. Sou mãe!*

À insistência dos juizes acabou por revelar que esse «alguém» era seu sobrinho António.

Abordado mais uma vez o assunto do inventário, o juiz ditou para a acta:

— *Referente ao inventário, tem havido várias tentativas de acordo entre o seu advogado e o de sua filha e o próprio réu, António, circunstancia que a declarante muito estranha visto o seu sobrinho António nada ter a haver com assuntos entre mãe e filha. Disse ainda que esses acordos têm estado práticamente concluidos mas, á ultima hora surge sempre cláusula indicada pelo António, o que tem impedido a sua concretização.*

A declarante afirmou, com mágoa, estar de relações cortadas com sua filha Maria Helena, há sete anos, isto é, por alturas de ser requerido o inventário.

Acerca de uma «nota» encontrada no processo e escrita pelo punho do marido da declarante, esta disse:

— *Há anos, quando meu marido era vivo, frequentávamos ambos a casa Sommer, pois faziamos parte do grupo de sócios. Uma vez, ele pediu-me que trouxesse para casa o conteudo de todas as gavetas da sua secretária, o que fiz. Na residência, mostrei-os, aliás, não eram muitos. Guardei aqueles que meu marido ia dizendo que reservasse. Mais tarde mostrei a referida «nota» ao meu sobrinho Carlos, se aquilo tinha algum valor. Depois de o ler, pareceu-lhe que tinha algum por se tratar de um escrito do meu marido a respeito do inventário por morte do irmão Henrique.*

Os trabalhos prosseguem na sexta-feira á tarde.

Prémios literários atribuídos no Brasil

O jovem poeta brasileiro Adão Ventura, que nasceu em Sêrro, no interior do estado de Minas Gerais, adquiriu notoriedade com o seu primeiro livro «Abrir-se» e conquistou, recentemente, expressivo êxito com «Abrir-se um Abutre ou Mesmo Depois de Deduzir dele o Azul», poemas em prosa ou narrativas em modernissimo estilo onde cabem largas aspirações e todas as inquietações, tem sido distinguido com diversos prémios literários.

Estudante de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, o poeta Adão Ventura, de forte e marcante personalidade, conquistou, além do 2.º e 5.º lugares, respectivamente, no Festival de Poesia de Nova Friburgo (estado do Rio) e no Festival de Musica da TV Itacolomy, o primeiro prémio no importante concurso da «Revista Literária» daquela Universidade. Adão Ventura, um dos valores da moderna geração de poetas brasileiros, torna-se notado, também, pela colaboração literária em categorizados jornais brasileiros.

BARQUINHA

✝

Maria da Piedade Ferreira Ventura

FALECEU

Lídia Ferreira Ventura de Almeida e marido, Duleo Ferreira Ventura Maleitas e marido, Maria do Céu Ferreira Ventura Abreu e marido, Maria Angelina Ventura Pereira da Silva e marido, participam o falecimento da sua chorada mãe e sogra e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Rua dos Guerras, n.º 22, em Alenquer para o cemitério da Barquinha.

Trata Antiga Funerária de Alenquer (Tel. 72331)

33ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Joaquim Santiago (Sangalhos) —primeiro em Vila Real

VILA REAL, 28 — (Do nosso enviado especial) — Após uma caminhada empolgante, Joaquim Santiago (Sangalhos) venceu a etapa desta manhã.

Logo na descida para Boticas, com 8 quilómetros de prova, Joaquim Santiago (Sangalhos) arrancou irresistivelmente

Em Pedras Salgadas (com 36 km percorridos) Santiago tinha 4 minutos de avanço.

Vila Pouca de Aguiar foi atravessada por Joaquim Santiago já com um avanço de 10 minutos sobre o pelotão.

A meta «Portugal Desconhecido» é ultrapassada por Joaquim Santiago após 3 h 5 m 6 s de prova. Neste momento o seu avanço sobre o pelotão é de cerca de 16 minutos e meio.

A 9 quilómetros da meta Joaquim Santiago começou a demonstrar dificuldades. Foi o primeiro no «Prémio da Montanha» (Torralta), em Alto Vilarinho, onde o seu avanço era já só de 7 m e 54 s. Pouco depois apareceu o pelotão encabeçado por Fernando Mendes, seguido por Firmino Bernardino, Joaquim Andrade e José Pereira.

Classificação da etapa

1.º Joaquim Santiago 4 12 03
2.º Emiliano Dionísio 4 16 50

Santiago: o «herói» da caminhada para Vila Real

3.º, Hubert Niel; 4.º, Fernando Mendes; 5.º, Joaquim Agostinho; 6.º, Regis Delépine; 7.º, Pedro Moreira; 8.º, Jesus Ortin; 9.º, António Martins; 10.º, José Azevedo, todos com o mesmo tempo do segundo.

Desistentes: Herculano de Oliveira (Sangalhos).

Eliminados: Manuel Durão (Sangalhos), António Pereira (Coelima), Augusto Cardoso (Benfica) e Francisco Pereira (F. C Porto).

No respeitante aos primeiros lugares da classificação geral não há qualquer alteração. Mantém-se, portanto, a ordem que indicamos na página 19.

GRANDE LINO!

Aos 18 quilómetros, Lino Santos deu mal uma curva: isso lhe «valeu» uma queda espantosa, ficando estendido na estrada, os braços em cruz, a camisola esfarrapada, todo ele sangue — no peito, no rosto, nos braços, nas pernas.

Há um silêncio de morte na caravana. O médico e o enfermeiro assistem ao sangalhense. Lino recupera os sentidos, lentamente, muito lentamente. E, de súbito, dá um salto tremendo e agarra na bicicleta. Nove quilómetros mais adiante sabe que tem 5 minutos de atraso do pelotão. Mas aos 36 km ele já «os» apanhou: o sangue a escorrer para a estrada, a camisola ás tiras, todo ele a destilar suor.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	516$	—	516$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrgs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	590$	570$	600$
Externo 1.ª Série C	700$	690$	710$
Externo 3.ª Série	—	—	760$
Externo 3.ª Série C	—	—	810$
Cautelas 3.ª Série	—	—	170$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	450$	—
A P L 5% 56	—	—	—
A P L 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	860$
C P 5 1/2% 67	—	—	970$
C U F 6%	—	—	900$
C U F 6% 68	880$	880$	885$
Gás Elect 4% 48	800$	790$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	—	870$
Gás Elect 5% 58	—	830$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	850$
Gás Elect 5% 62	935$	931$	940$
Gás Elect 5% 63	—	931$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	790$
H E Cávado 5%	—	700$	—
H E Cávado 6%	—	905$	—
H E Douro 5%	720$	710$	—
H E Douro 6%	910$	900$	—
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	900$	950$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	950$	965$
Metropolitano 4%	—	720$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	940$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	—	780$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	865$	865$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	770$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	800$
Sonefe 5%	810$	810$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	89$
U E P 4%	85$	85$	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	78$5	80$
U E P 5% 60	—	—	780$
U E P 5% 63	—	800$	830$

Ultramarino:	Efec.	Compra	Venda
Buzi	86$	86$	87$
Cabinda	212$	212$	215$
Diamantes Angola	2.510$	2.510$	2.520$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	192$	191$	193$
Sonefe n.	420$	415$	—
Sonefe p.	435$	438$	435$
Zambézia	80$	79$	81$5
Diversos			
Cidla	6.780$	6.750$	6.800$
Cim. Leiria	—	4.500$	4.700$
Cim Tejo	—	—	—
Col Navegação	1.460$	1.455$	1.465$
C U F	—	1.490$	1.580$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	4.200$
Petroquímica	1.850$	1.850$	1.890$
Port e Colónias	—	1.450$	—
Port Celulose	—	4.150$	4.300$
Port Pesca	—	—	1.100$
Port Tabacos	710$	708$	712$
Sacor	4.650$	4.630$	4.670$
Siderurgia Nac	2.180$	2.180$	2.200$
Socel	3.150$	3.130$	3.170$
Tabacos de Portugal	1.750$	1.720$	1.750$
Tabaqueira	—	—	7.000$
J F Azeite	800$	790$	805$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	395$	405$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.214$	1.212$	1.214$
C P Electricidade, nom	1.195$	1.190$	1.200$
C P Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.770$	1.810$
Gás Electr	423$5	423$5	424$
H E Alto Alentejo	195$5	195$	195$5
H E Norte Portugal	—	270$	279$
H E S Estrela	—	—	—
U E P	189$	189$	189$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	2.077$	—
F I D E S	—	127$4	131$2

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg.: ALMEIRO — Telex 1471, ALBAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.290$	2.280$	2.300$
Alentejo	1.105$	1.100$	1.105$
Angola	—	3.500$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	9.000$	8.950$	9.100$
E Santo	—	21.500$	22.200$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
Fomento	2.400$	2.390$	2.400$
L & Açores p.	6.880$	6.860$	6.900$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.650$	5.640$	5.660$
Portugal n	3.130$	3.100$	—
Portugal p	—	—	3.900$
Totta Aliança	—	—	6.100$
Ultramarino n.	3.535$	3.520$	3.445$
Ultramarino p.	—	3.900$	3.935$
Seguros			
Alentejo	—	136$	139$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	920$	918$	922$
Sagres	—	1.750$	2.400$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	780$	—
Ag Cosseque	—	640$	660$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	460$
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Baror	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

AÇÕES DE BOLSA DE LISBOA

	21/7/70	27/7/70	28/7/70
GERAL	152,6	153,7	153,0
METROPOL.	145,3	145,6	145,5
ULTRAM.	206,5	209,4	207,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$00	38$00
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dolares	27$20	27$80
Alemanha — Marco	7$75	8$05
Austria — Schilling	1$10	1$16
Argentina — Peso	$05	$08
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,35	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$25
Suiça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra isabe	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$50	36$50

J. BURNAY L.DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, Dt.º — Telef. 40049 - 563751. Aguardo sua visita ou telefonema.

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 85 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1368
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral limpo, com excepção do litoral para norte do cabo Carvoeiro, onde se apresentava muito nublado; o vento era fraco a moderado de Noroeste; havia neblina ou nevoeiro em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Castelo Rodrigo e Elvas, 35°; mínima: Anadia, 11°,5

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 19°; Penhas Douradas, 21°; Coimbra, 18°; Portalegre, 20°; Lisboa, 20°; Faro, 26°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 23°,2; na água do mar: 16°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente limpo, temporàriamente muito nublado nas regiões do litoral a norte do cabo Carvoeiro; vento fraco a moderado do quadrante Norte, soprando em regime de nortada durante a tarde, no litoral a sul do cabo Carvoeiro; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal.

Amanhã
Nascer ás 6 e 34
Ocaso ás 20 e 52

Dia 2 Dia 10 Dia 17 Dia 23

MARÉS.

PREIA-MAR — **Hoje** — 12 e 40 (3,3 m). **Dia 29** — 1 e 18 (3,3 m); 13 e 46 (3,5 m). **Dia 30** — 2 e 20 (3,4 m); 14 e 43 (3,7 m).
BAIXA-MAR — **Hoje** — 6 e 04 (1,7 m); 18 e 48 (1,6 m). **Dia 29** — 7 e 10 (1,6 m); 19 e 47 (1,5 m); **Dia 30** — 8 (1,5 m); 20 e 40 (1,4 m).

DOUTORAMENTO EM MEDICINA

Depois de ter defendido duas teses escolhidas por um júri das três Universidades do País, doutorou-se, esta manhã, em Medicina, o licenciado Joaquim António Machado Caetano, que obteve a classificação de 19 valores.

As teses escolhidas tiveram por título: «Os tumores epiteliais do rim devem ser considerados como tumores de células renais independentemente de terem ou não o tipo do chamado tumor de Grawitz» e «As expressões clínicas das miocardiopatias dependem de mecanismos fisiopatológicos distintos». Foram arguentes os professores drs. Torres Pereira, Mário Trincão e Jorge Horta.

ENCERRAMENTO DAS PADARIAS NA QUINTA-FEIRA

A industria de panificação da área do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa encontra-se encerrada na quinta-feira.

Por isso, e segundo informação daquele Grémio, o horário de fabrico e venda de pão será, amanhã, o mesmo que se pratica nos sábados e vésperas de feriados.

UM RAPAZ MORTO E TRÊS HOMENS FERIDOS NO CHOQUE DE UM AUTOMÓVEL COM UMA ÁRVORE

VIANA DO CASTELO, 28 — Na madrugada de hoje, na freguesia de Castelo de Neiva, embateu violentamente numa árvore, na berma da estrada, um automóvel no qual viajavam quatro passageiros, o mais novo dos quais chegou sem vida ao hospital desta cidade.

Ocupavam o carro os srs. Fernando Albuquerque, de 52 anos, casado, Alameda D. Afonso Henriques, 23, 3.º, dt.º (condutor do veículo), seu filho, Fernando Albuquerque Junior, de 13, estudante; Mário Benjamim Pereira, de 37, solteiro, músico residente na Rua do Sol ao Rato, 136; e António Faria dos Santos, de 35, casado, igualmente músico, Rua Municipal, 44, todos moradores em Lisboa.

Ficaram todos com ferimentos de muita gravidade, em especial o pequeno Fernando Albuquerque, que, tendo sofrido fractura do crânio, não resistiu.

O acidente ocorreu por volta das 3 e 10 de hoje, e intervieram na condução dos feridos os Bombeiros Voluntários desta cidade, alertados por um viajante que, momentos depois passara pelo local.

O corpo do infeliz rapaz foi transferido para a casa mortuária do hospital, e os feridos estão internados nas enfermarias, felizmente já livres de perigo.

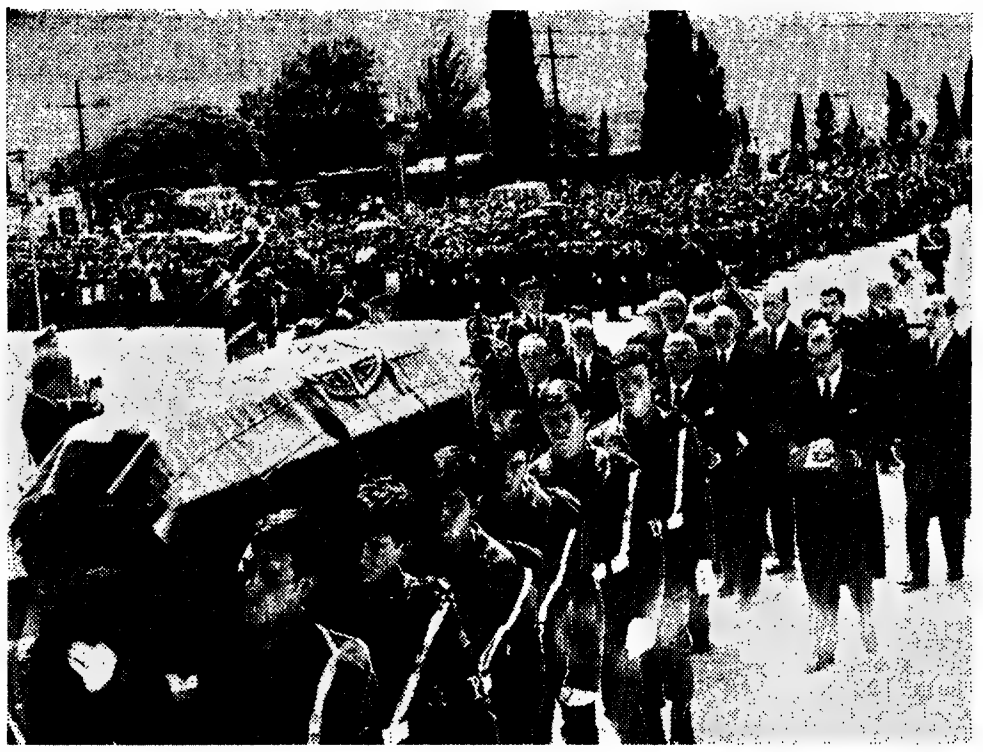
música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 10, 1300 c. c., já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 10 ELEGÂNCIA E CONFORTO EXCEPCIONAL

VOXSON RADIO TV

EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRITAL
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167



O momento em que a urna era conduzida para o interior dos Jerónimos. Além do Presidente do Conselho, vêem-se as individualidades que levavam as condecorações de Salazar.

Comentários da Imprensa francesa

PARIS, 28 — (R.) — O falecimento do antigo Presidente do Conselho de Portugal, prof. dr. António de Oliveira Salazar, é o tema de extensos comentários sobre a sua vida nos jornais franceses de hoje.

O conservador «Le Figaro» descreve o antigo Chefe do Governo português como um adversário impiedoso do comunismo.

Comentários da Imprensa inglesa

LONDRES, 28 — (R.) — O «Times» publicou hoje um notável artigo de 3000 palavras sobre o antigo Presidente do Conselho português, dr. António de Oliveira Salazar, falecido ontem com a idade de 81 anos.

O «Daily Telegraph» por sua vez afirma: «Os serviços prestados a Portugal pelo dr. Salazar foram demasiado grandes para que ele possa ser considerado como um simples ditador».

A MORTE DE SALAZAR

MILHARES DE PESSOAS VIRAM PASSAR O CORTEJO FÚNEBRE ATÉ AOS JERÓNIMOS

O cortejo fúnebre que levou a urna de Salazar desde S. Bento até ao Mosteiro dos Jerónimos, abria com uma flecha de batedores motociclistas, a que se seguiam armões do Exército transportando muitas dezenas de coroas de flores (uma delas de Amália Rodrigues»), e depois, sucessivamente o chefe de protocolo, secretários-gerais da Presidência do Conselho, governador civil de Lisboa e vice-presidentes do Município, subsecretário de Estado do Ultramar e ministros das Corporações, Interior, Defesa Nacional e Justiça e presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça. Por ultimo, o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, seguido de um carro da D. G. S.

Vinha, depois, um esquadrão de cavalaria da G. N. R. (guarda-avançada da escolta de honra), o presidente do cabido da Sé, em representação do cardeal-patriarca, e o autofúnebre, acompanhado pelo tenente-coronel Alexandre de Almeida, comandante da força da G. N. R. do Palácio de S. Bento, que seguiu a cavalo ao lado do armão que transportava a urna. Depois, num carro, o prof. Costa Leite (Lumbrales) e noutro o general Gomes de Araujo e o dr. Paulo Rodrigues.

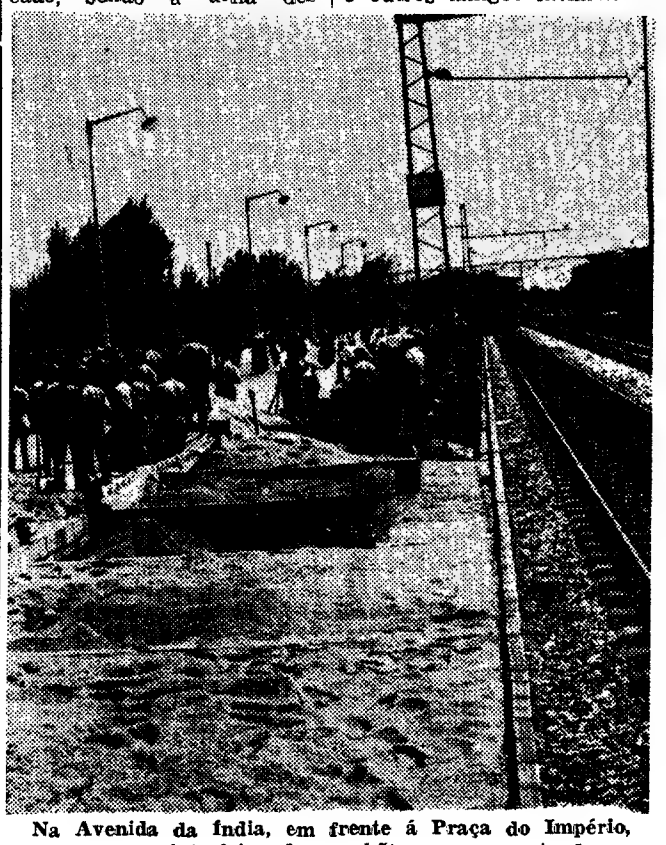
No Cadillac BL 21-51, que durante tantos anos foi o carro do antigo Presidente do Conselho, iam depois a sr.ª D. Maria de Jesus Caetano Freire, visivelmente comovida, a irmã, D. Marta do Resgate, e outros familiares. A terminar o cortejo, os dois ultimos secretários do prof. Olveira Salazar e o restante acompanhamento, composto por antigos membros do Governo, altas individualidades civis e militares, etc.

O cortejo, que seguiu pela Avenida D. Carlos e depois pela da India, demorou 55 minutos a percorrer os cerca de 4 km que separam S. Bento do Mosteiro dos Jerónimos. Ao longo do percurso havia agentes da P. S. P. de 10 em 10 metros, assim como pessoas que viam passar o féretro. Nas varandas e janelas também se notavam muitas presenças.

Sob um calor quase tórrido, o cortejo chegou á Praça do Império, onde havia centenas de pessoas, entre as quais alguns turistas, eram 12 e 10. A urna, sempre coberta pela bandeira nacional, foi retirada do armão militar por soldados, formando-se um cortejo para o interior do monumento, que levava á frente as três individualidades com as condecorações do falecido Presidente, seguidas do prof. Marcello Caetano, presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e Supremo Tribunal de Justiça, director-geral da D. G. S. e todos os membros do Governo que se encontram em Lisboa.

A oração fúnebre foi rezada por D. João de Castro, vigário-geral do Patriarcado, sendo a urna destapada. Minutos volvidos, a sr.ª D. Maria de Jesus, sempre visivelmente emocionada, descobriu o rosto do antigo Presidente do Conselho.

Todo o Governo tomou lugar em cadeiras especiais, atrás do altar-mor, ficando em outra fila de cadeiras, laterais, a família de Salazar e outros amigos íntimos.



Na Avenida da India, em frente á Praça do Império, onde (na quinta-feira de manhã) a urna contendo os restos mortais do prof. Oliveira Salazar tomará o comboio especial que a levará até Santa Comba Dão, está a construir-se uma plataforma com bancada para as individualidades que assistirão ao acto.

CAMPO PEQUENO

AVISO

Por motivo do Luto Nacional em homenagem à memória do Presidente Salazar, fica sem efeito a corrida que se deveria realizar na 5.ª-feira, no Campo Pequeno.

33ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

ONTEM, ENTRE VILA DO CONDE E CARVALHELHOS

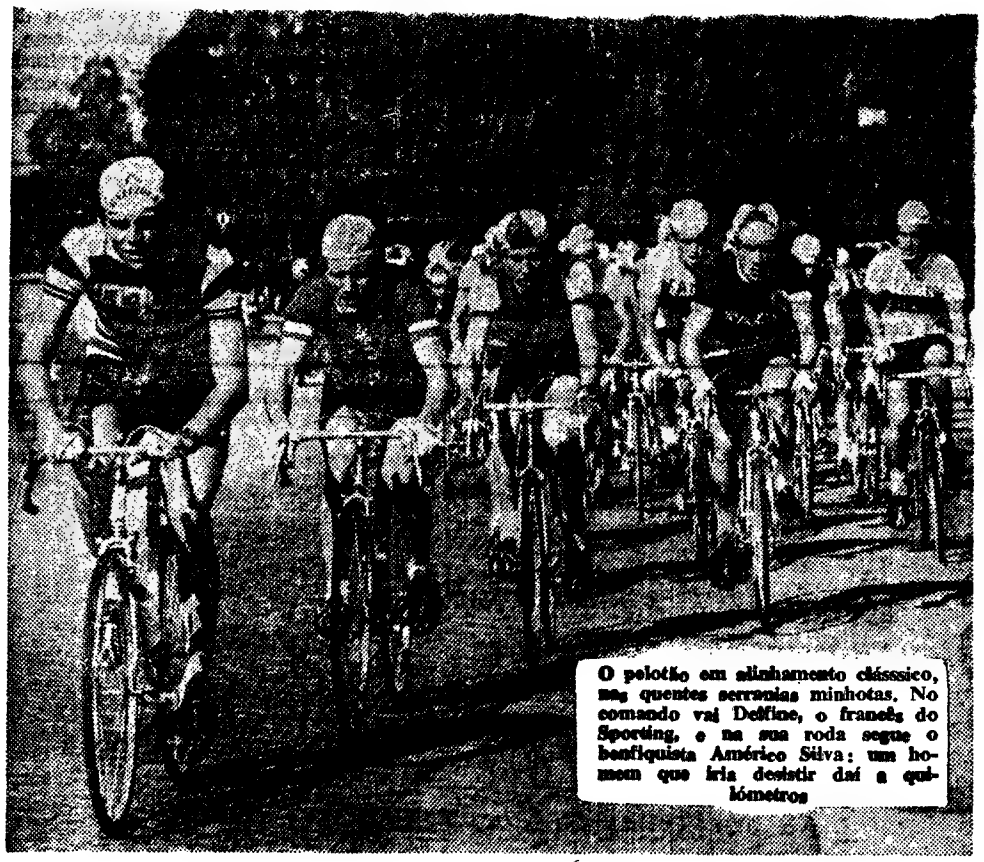
A SOMBRA AMARELA DE JOAQUIM AGOSTINHO

• COMBATE DIRECTO AGOSTINHO-MENDES, NA SERRA DO GEREZ
• PAULINO DOMINGUES, DA AMBAR, FOI O VENCEDOR DE UMA ETAPA MOVIMENTADA

Findou sem novidade de maior a longa etapa de ontem, ligando Vila do Conde a Carvalhelhos através da paisagem grandiosa da Serra do Gerez, a estrada aos ziguezagues sobre o Cávado, aqui e além escancarado nas albufeiras das barragens.

Dizia-me um velho acompanhante da «Volta», perdendo-se-lhe os olhos nos horizontes verdes: «Que coisa maravilhosa seria isto do ciclismo, sem ciclistas e sem horário».

Caricaturava, é claro, porque o ciclismo também tem a sua grandeza espectacular, a sua riqueza de conteúdo humano, e a caminhada de ontem, com a sua vigorosa movimentação, não permitiu que a etapa fosse — só paisagem.



O pelotão em alinhamento clásssico, nas quentes serranias minhotas. No comando vai Delfino, o francês do Sporting, e na sua roda segue o benfiquista Américo Silva: um homem que iria desistir daí a quilómetros

Embora a **média a custo** passasse os 34 quilómetros exigidos para que se não esfumassem os prémios, lutou-se muito e bem. Tão esforçada foi a marcha, que o balanço final apresentava sete grandes vencidos cujos sonhos se finaram quando a «Volta» ainda vai no adro. Três desistiram e quatro foram eliminados por cortarem tarde e a más horas a linha branca da meta. Para eles o sonho de glória acabou, nada mais resta que uma recordação de sofrimento.

Américo Silva, dos nomes grandes da prova, foi um dos que disse adeus. Encontrei-o, já atrasado, a subir penosamente a serra. «*Não posso, não posso mais. Dói-me o estômago e doem-me as pernas*». No final, sofrendo também as dores morais do abandono, o louro corredor do Benfica confessava: «*Não compreendo. Sentia-me tão bem antes de começar a «Volta». Fiz a preparação, estive no estágio, levei uma vida regrada, achava-me cheio de força. E agora as pernas não respondem*».

Foi, aliás, uma etapa difícil para os corredores benfiquistas. Também José Eduardo Santos, atrasado, respondia á interrogação e ao incitamento que lhe davam do seu carro de apoio: «*Não sei o que tenho. Quero andar mas não posso*». E mais tarde, José Martins, o rapaz de Idanha-a-Nova que trocou as

de

Mário Zambujal

nosso enviado especial

corridinhas por Lisboa a entregar telegramas pela grande aventura da estrada, apareceu dobrado sobre o guiador, as mãos agarradas ao ventre.

Nunca se andou em pelotão denso. Logo á partida, os nove que se evadiram do ajuntamento, deram á etapa o seu destino de animação. Depois, foram muitos quilómetros em que andaram distantes esses dois mundozinhos de esforço, aqui e além a atrasar-se um dos da frente, acolá uma tentativa dos de trás para se juntar aos primeiros.

*

Estavam treze na vanguarda quando Joaquim Agostinho resolveu apalpar terreno. Súbitamente, ele surgiu á cabeça a pedalar numa fúria e o pelotão foi-se fraccionando pela encosta, quase todos incapazes de acompanhar o campeão na sua marcha cheia de vigor. Mas um homem, fraca figura vestido de amarelo, se colou ás costas do corredor do Sporting. Era Fernando Mendes.

E nisto, eles estavam sós, em combate directo no sobe e desce da serra. Agostinho, imagem de robustez incomum, as pernas fortes cai-

(Continua na página seguinte)

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

PRECAUÇÕES À DISTÂNCIA

Embora a 21.ª tirada da «Volta» ainda venha longe, os organizadores começam já a pensar e a tomar precauções para que a ligação entre a Covilhã e as Penhas da Saúde se processe dentro da normalidade e corresponda á verdade da corrida.

Serão 16 quilómetros, corridos em contra-relógio, numa ladeira íngreme e extremamente difícil. Dez quilómetros que muito provávelmente serão decisivos.

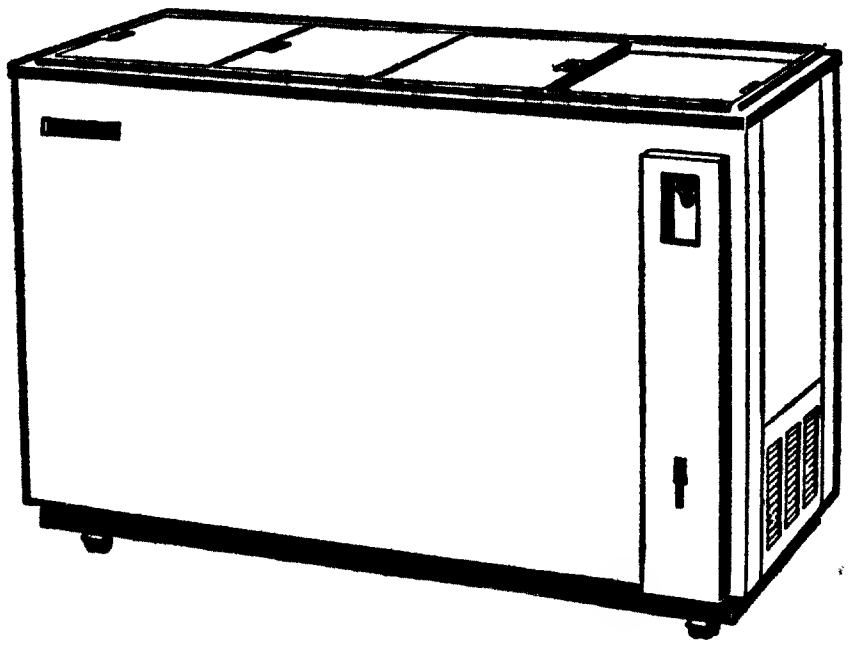
Assim, de acordo com um comunicado difundido ontem, sabe-se que pelo menos os dez primeiros corredores á altura partirão com intervalos de três minutos — estando, ainda, a ser tomadas providências para evitar o empurrãozinho e as ajudas, que mais não são do que provas de clubismo exacerbado e não manifestações de bom coração...

2.º caderno

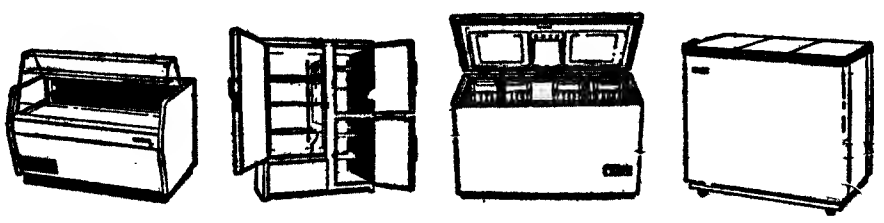
MENOS SETE

Depois da desistência de José Soqueiro, o jovem ciclista do F. C. Porto que uma queda brutal impediu de ultrapassar o limiar das Antas, há a registar, no final da ligação entre Vila do Conde e Carvalhelhos, mais sete baixas Sete a menos... e a prova vai ainda no começo. São eles: Américo Silva (Benfica), Joaquim Coelho e Joaquim Freitas — que desistiram; e Pedro Geraldo (Calot), Wilson Sá (Sangalhos), José Viegas (Tavira) e João Fonseca (Coelima) — que foram eliminados por cortar o risco depois de encerrado o controlo.

Kelvinator
a marca americana de fama mundial



REFRIGERADORES DE GARRAFAS
CAPACIDADES DE 300 A 480 GARRAFAS
MÁXIMA CAPACIDADE — MAIOR RENDIMENTO.



VITRINES EXPOSITORAS
ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS
ARCAS CONGELADORAS
CONSERVADORES DE GELADOS

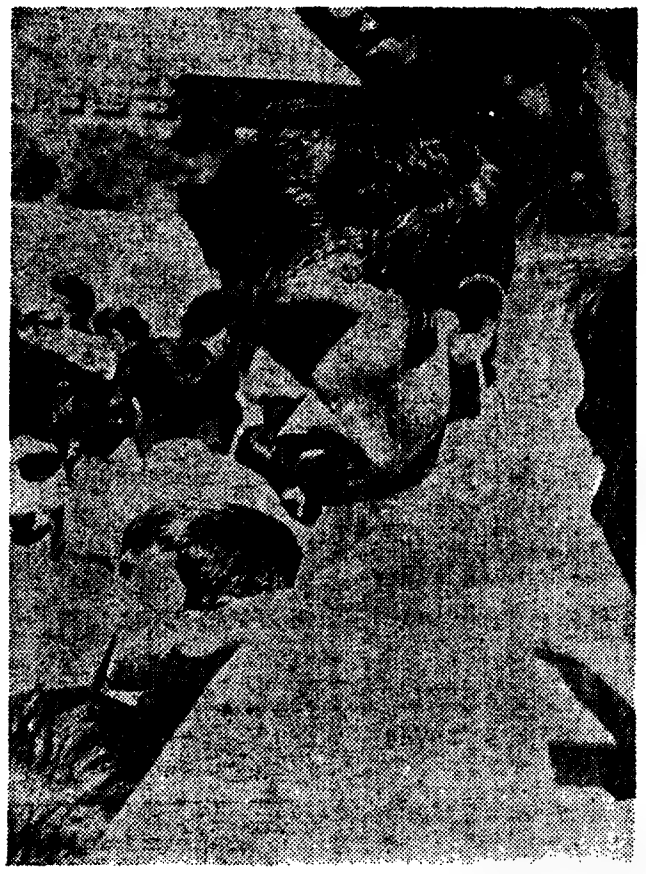
sequel
Trav. do Moinho de Vento, 28 C
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3

33ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

CLASSIFICAÇÕES

Ordem de chegada a Carvalhelhos

1	Domingues	(A.)	5	32 8
2	Man. Lote	(Sg.)	5	33 02
3	R. Delepine	(Sp.)	5	34 02
4	Joaq. Leite	(P.)	5	34 03
	F. Mendes	(Bf.)	m. t.	
	P. Moreira	(Bf.)	»	
	J. Andrade	(Sg.)	»	
	Bernardino	(Sp.)	»	
	Agostinho	(Sp.)	»	
	Hubert Niel	(P.)	»	
	J. Azevedo	(P.)	»	
	J. Florêncio	(Cl.)	»	
	J. Certin	(Sg.) ...	»	
	José Pereira	(Cl.)	»	
	A. Martins	(Bf.)	»	
	M. Silva	(Ind.) ..	»	
	H. Silva	(A.)	»	
	Joaq. Leão	(P.) ..	»	
	L. Miranda	(Sp.)	»	
	E. Dionísio	(Sp.)	»	
	J. Madeira	(T.) ..	»	
	V. Cardoso	(A.) ..	»	
	J. Pinhal	(Bf.) ...	»	
	A. Teixeira	(T.)	»	
	José Vieira	(Sp.)	»	
	M. Correia	(Bf.)	»	
	C. Oliveira	(Sg.)	»	
	Ant. Graça	(T.)	»	
	J. Moreira	(Cl.)	»	
	Alb. Fritz	(Sp.)	»	
31	J. Pacheco	(P.) ..	5	34 26
32	Domingos	(Cl.) ..	5	34 44
33	J. Martins	(Bf.)	5	34 58
34	E. Pereira	(Tav.)	5	36 31
35	A. Pereira	(Coel.)	5	36 39
36	Sousa V.	(Amb.)	5	36 50
37	Man. Luís	(Sp.)	5	38 —
38	J. Nunes	(Tav.)	5	38 3
39	A. Salazar	Coel.)	5	38 26
40	J. Palma	(Tav.)	5	39 04
	F. Sanch.	(Coel.)	m. t.	
42	Manuel S.	(FCP)	5	39 20
43	Custód. G.	(FCP)	5	39 39
44	D. Santos	(FCP)	5	39 57
45	Vit. Rocha	(Sp.)	5	40 06
	Fernand. V.	(Bf.)	m. t.	
	Manuel M.	(Sp.)	»	
	Herc. Oliv.	(Sag.)	»	
49	L. Santos	(Sg.) ..	5	40 22
50	L. Flores	(Calol)	5	40 51
51	F. Pereira	(P.) ..	5	43 05
52	F. Martins	(T.) ..	5	43 37
53	J. Martins	(Bf.) ..	5	44 29
54	José Diogo	(T.) ..	5	45 27
55	Alb. Alves	(A.) ..	5	45 48
56	A. Cardoso	(Bf.)	5	46 32
	J. Santiago	(Sg.)	m. t.	
	F. Ferreira	(Cl.)	»	
59	J. Avelino	(A.) ..	5	47 32
60	E. Santos	(Bf.) ..	5	48 —
61	M. Durão	(Sg.) ..	5	48 10
62	S. Alcântara	(C.)	5	48 36
63	D. Martí	(Sg.) ...	5	48 38
64	P. Sousa	(Calol)	6	— 22
65	Wilson Sá	(Sg.)	6	02 43
66	J. Viegas	(Tav.)	6	08 05
67	J. Fonseca	(C.) ..	6	09 24



Fernando Mendes: o ar concentrado de um «camisola amarela» em véspera de duras batalhas

Desistiram: Joaquim Coelho e Joaquim Freitas (Ambar); Américo Silva (Benfica). Eliminados: Pedro Sousa (Calol), Wilson Sá (Sangalhos), José Viegas (Tavira) e João Fonseca (Coelima).

Equipas

	H.	M.	S.
1 AMBAR	16	40	14
2 Sangalhos	16	41	8

(Continua na página seguinte)

AS PRÓXIMAS ETAPAS

Hoje: Circuito de Vila Real

A «Volta», além da tirada realizada esta manhã, torna a movimentar os corredores, hoje, á noite, reunindo-os no Circuito de Vila Real, onde decorrerá a 6.ª etapa, na distância de 6925 quilómetros.

A partida dos concorrentes é pela ordem inversa da da classificação geral, com intervalos de 1 minuto, a partir das 21 e 30 horas.

Amanhã, de manhã: Vila Real-Porto

Entre Vila Real e Porto (Estádio das Antas), na distância de 116 quilómetros, disputa-se amanhã, a partir das 10 horas, a 7.ª etapa. No seu caminho, os corredores passam por Amarante (11 h e 23 m), Alto da Lixa (11 e 58), Paredes (12 e 22), Baltar (12 e 32 e Valongo (12 e 53), devendo cortar a meta ás 13 e 13.

Amanhã, à noite: pista das Antas

A 8.ª etapa tem por cenário a pista das Antas, onde os corredores terão de cobrir 20 voltas. A prova será feita pelo sistema de contra-relógio, por séries, com classificação colectiva e individual.

A ordem das partidas, que começam a ser dadas ás 21 e 30 horas, será indicada pelo júri.

AGOSTINHO NA SOMBRA DE MENDES

(Continuação da pág. anterior)

sário, até que, num ápice, ambos alcançaram o grupo que fora da vanguarda, mas de onde entretanto se haviam libertado dois «segundos planos»: primeiro Paulino Domingues, um antigo sportinguista que representa agora a Ambar, e pouco depois Manuel Lote, do Sangalhos, que desde o início aparecera em todas as tentativas da vitória.

★

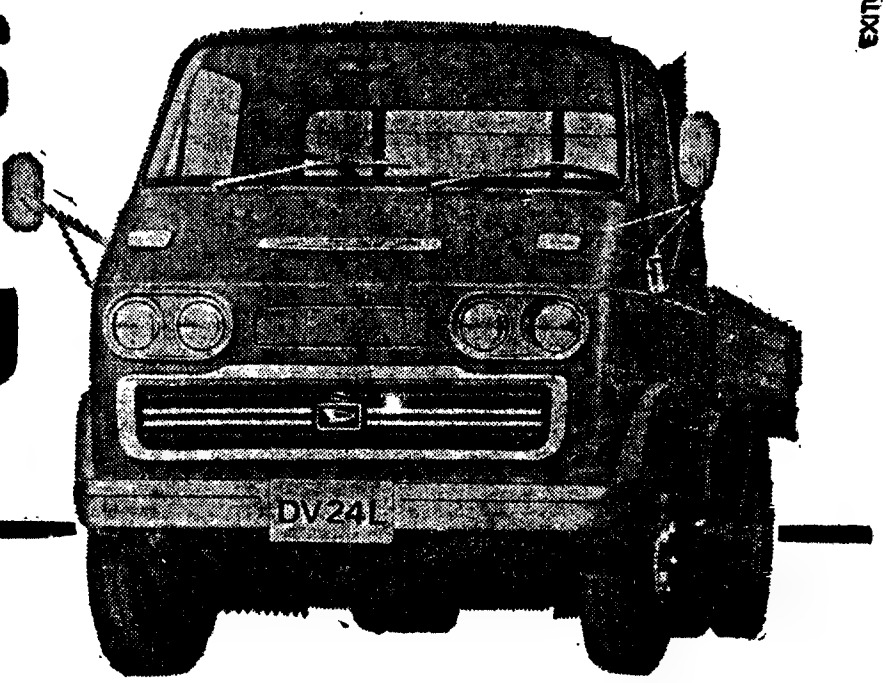
Agostinho acabou por desistir da ambição de deixar para trás a sua sombra amarela.

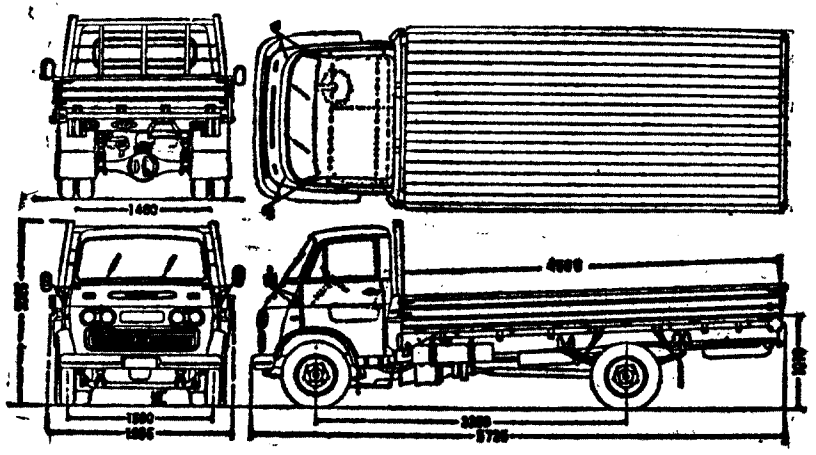
Isto permitiu que muitos outros ciclistas viessem juntar-se ao grupo da frente, tal como permitiu que Paulino Domingues e Manuel Lote se mantivessem afastados, com o corredor da Ambar a deixar para trás o do Sangalhos nos quilómetros finais.

Foi assim uma etapa difícil e movimentada, com a nota especial do primeiro «assalto» do grande combate Agostinho-Mendes. «Assalto» nulo.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

PARA TODAS AS CARGAS
E TODOS OS TERRENOS
DAIHATSU
DIESEL





CAMIONETA LIGEIRA — RODADO DUPLO — 3.500 KGS. (PESO BRUTO)

Caixa de carga — 4,50 m — aprox. — Carga: máxima — 2.000 kgs.
Velocidade máxima — 85 km/h. — Potência máxima — 75 HP/3.800 r.p.m.
Confortável cabine para 3 pessoas — Suspensão — Semi-oval progressiva amortecedores telescópicos de dupla acção independentes.

Daihatsu

inconfundível
técnica japonesa

Importadores para Portugal:
ASSISTAUTO
SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE AUTOMÓVEIS, LDA.
Avenida da Igreja, Lote 1278, 1.º-Dt.º — LISBOA

LISBOA: NESICAL, R. Luciano Cordeiro, 30-B COIMBRA: SOCACER, Av. Fernão de Magalhães PORTO: NIPOCAR, R. da Constituição, 853

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

MEIRIM: APRESENTADO AOS JOGADORES BELENENSES

Segundo acto da peça «Meirim». O mais discutido técnico da actualidade desportiva portuguesa foi apresentado aos jogadores belenenses. E disse. Fez afirmações. Disse como Meirim diz e afirmou como Meirim afirma. Disse o que esperava deles e o que tinha para dar a eles — assim, naquele jeito seu, um jeito que convence, num tom de crença que se transmite.

O presidente da Direcção belenense, eng.º Chaves Rosa, fez a apresentação do técnico:

— Meirim terá todo o apoio da Direcção, mas tudo quanto se fizer no futebol do Belenenses será feito de acordo com as indicações de Meirim.

Meirim, para os jogadores:

— Conto convosco. Ireis escrever esta época a vossa mais brilhante página publicitária de sempre... Entretanto, acabaram-se as multas no Belenenses.

O dr. Silva Rocha também falou:

— Não é preciso apresentar Meirim. Toda a gente o conhece...

Gente. Muita gente nas instalações do Restelo — para viver (sem assistir) um acto que normalmente não atrai as pessoas. Prova de um interesse. Um interesse que será muito maior no futuro.

Um «assistente», entre muitos: Pena:

— O meu contrato só termina no dia 31. Até lá...

Vai-vem no futebol UNS CHEGAM OUTROS PARTEM

Ontem, lado a lado, partiram as equipas do Benfica e do Vitória de Setubal. O rumo é Luanda, para uma série de jogos.

Em ambos os «times» se respira confiança. Rodagem, preparação, época, campeonato, entrosagem, afinação. Termos que andam no ar.

*

Benfiquistas (seniores) e sadinos, partiram; outros benfiquistas (juniores) chegaram. A equipa que participou no Torneio de Friburgo (Alemanha), regressou. Contentes e descontentes.

*

Coluna vai a Lyon. Ver se fica ou se não fica. O Lyon interessa a Coluna e Coluna interessa ao Lyon. Mas há que fazer um exame médico antes de tudo ficar resolvido.

Outro viajante é esperado hoje no Barreiro: Trata-se de Manuel Cresmo, presidente da direcção do Barreirense, que foi ao Brasil tratar de aquisições.

33ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

(Continuação da pág. anterior)

3	Sporting	16 42	8
4	F. C. Porto	16 42	9
	Benfica		
	Coelima	m. t.	
7	Gin. de Tavira	16 42	9
8	Caloi	17 29	49

Pontos

		P.
1	Paul. Domingues (Amb.)	10
2	Manuel Lote (Sang.)	7
3	Regis Delepine (Sp.)	5
4	Joaquim Leite (F. C. P)	3
5	Fernando Mendes (Bf.)	1

Prémio da Montanha

		P.
1	José Martins (Bf.)	5
2	Manuel Luís (Sp.)	3
3	Joaquim Moreira (Coel.)	1

Meta Quirino de Oliveira

		P.
1	Manuel Lote (Sang.)	3
2	José Martins (Bf.)	2
3	Ant. Domingos (Coel.)	1

Meta Robbialac

		P.
1	Manuel Luís (Sp.)	3
2	José Martins (Bf.)	2
3	Manuel Lote (Sang.)	1

Portugal Desconhecido

Manuel Lote (Sangalhos)

Combatividade

Paulino Domingues (Ambar)

Azar

Vitor Rocha (Sporting)

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Individual

1	F. Mendes (Bf.)	9 38	16
2	Bernardino (Sp.)	9 38	23
3	J. Agostinho (Sp.)	m. t.	
4	Joaq. Leão (P.)	9 38	25
5	J. Aztvedo (P.)	9 38	26
6	M. Correia (Bf.)	9 38	32
7	Hubert Niel (P.)	9 38	36
8	Joaq. Leite (P.)	m. t.	
9	J. Pereira (C.)	9 38	49
10	J. Andrade (Sg.)	9 38	51
11	J. Florêncio (C.)	9 39	4
12	A. Teixeira (T.)	9 39	7
13	R. Delepine (Sp.)	9 39	8
14	A. Martins (Bf.)	9 39	9
15	M. Silva (Ind.)	9 39	18
16	L. Miranda (Sp.)	9 38	23
17	E. Dionísio (Sp.)	9 39	26
18	J. Martins (Bf.)	9 39	49
19	H. Silva (Amb.)	m. t.	
20	J. Certin (Sg.)	9 39	51
21	J. Moreira (C.)	9 39	54
22	J. Pinhal (Bf.)	9 40	3
23	J. Vieira (Sp.)	9 40	5
24	Man. Lote (Sg.)	m. t.	
25	P. Moreira (Bf.)	9 40	18
26	A. Fritz (Sp.)	9 40	19
27	C. Oliveira (Sg.)	9 40	28
28	J. Pacheco (P.)	9 40	31
29	A. Graça (Tav.)	9 40	38
30	J. Madeira (T.)	9 40	39
31	Domingues (A.)	9 40	44
32	V. Cardoso (A.)	9 42	39
33	Domingos (C.)	9 42	55
34	E. Pereira (T.)	9 43	7
35	S. Vieira (Amb.)	9 43	14
36	A. Pereira (C.)	9 43	40
37	Man. Luís (Sp.)	9 43	50
38	J. Nunes (Tav.)	9 44	30
39	A. Salazar (C.)	9 44	41
40	L. Santos (Sg.)	9 45	10
41	F. Sanchez (C.)	9 45	51
42	F. Vieira (Bf.)	9 46	—
43	V. Rocha (Sp.)	9 46	8
44	H. Oliveira (Sg.)	9 46	14
45	M. Mendes (Sp.)	9 46	51
46	J. Palma (Tav.)	9 48	23
47	L. Flores (Cal.)	9 49	28
48	D. Santos (P.)	9 49	29
49	M. Sousa (P.)	9 49	53
50	C. Gomes (P.)	9 50	12
51	M. Mestre (T.)	9 51	5
52	Alb. Alves (A.)	9 53	12
53	F. Ferreira (C.)	9 53	19
54	F. Pereira (P.)	9 53	37
55	José Diogo (T.)	9 54	26
56	Dem. Marti (Sg.)	9 55	12
57	S. Alcantara (C.)	9 55	31
58	J. Santiago (Sg.)	9 55	33
59	F. Martins (T.)	9 56	39
60	E. Santos (Bf.)	9 57	56
61	M. Miranda (C.)	9 58	31
62	M. Durão (Sg.)	9 59	8
63	A. Cardoso (Bf.)	9 59	35
64	J. Avelino (A.)	10 3	48

Equipas

		H.	M.	S.
1.ª	BENFICA	28	55	19
2.ª	F. C. Porto	28	55	27
3.ª	Sporting	28	55	37
4.ª	Sangalhos	28	57	18
5.ª	Coelima	28	57	47
6.ª	Ambar	28	57	48
7.ª	Ginásio Tavira	29	1	47

Pontos

		P.
1.º	Regis Delepine (Sp.)	15
2.º	José Pereira (Coel.)	10
3.º	Paulino Dom. (Amb.)	10
4.º	Fern. Mendes (Bf.)	7
5.º	Joaquim Leão (FCP)	5
6.º	António Graça (Tav.)	5

Montanha

		P.
1.º	Fernando Mendes (Bf.)	10
2.º	José Pereira (Coel.)	7
3.º	Joaquim Leão (FCP)	5
	José Martins (Bf.)	5
5.º	Firm. Bernardino (Sp.)	3
	Manuel Luís (Sp.)	3
7.º	Joaq. Agostinho (Sp.)	1
	Joaquim Moreira (Coel.)	1

Metas volantes

		P.
1.º	Manuel Lote (Sang.)	5
2.º	Fernando Vieira (Bf.)	3
3.º	José Martins (Bf.)	1

Robbialac

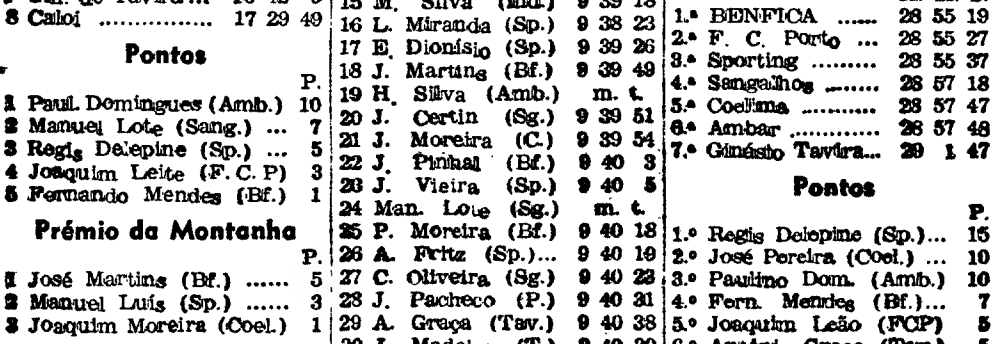
		P.
1.º	Joaquim Leite (FCP)	3
	Manuel Luís (Sp.)	3
3.º	José Martins (Bf.)	2

Combinado

		P.
1.º	Fernando Mendes (Bf.)	6
2.º	Joaquim Leão (FCP)	12

Progressividade

2.ª etapa: Mário Silva (Ind.)
3.ª etapa: Reg. Delepine (Sp.)
4.ª etapa: Man. Lote (Sang.)



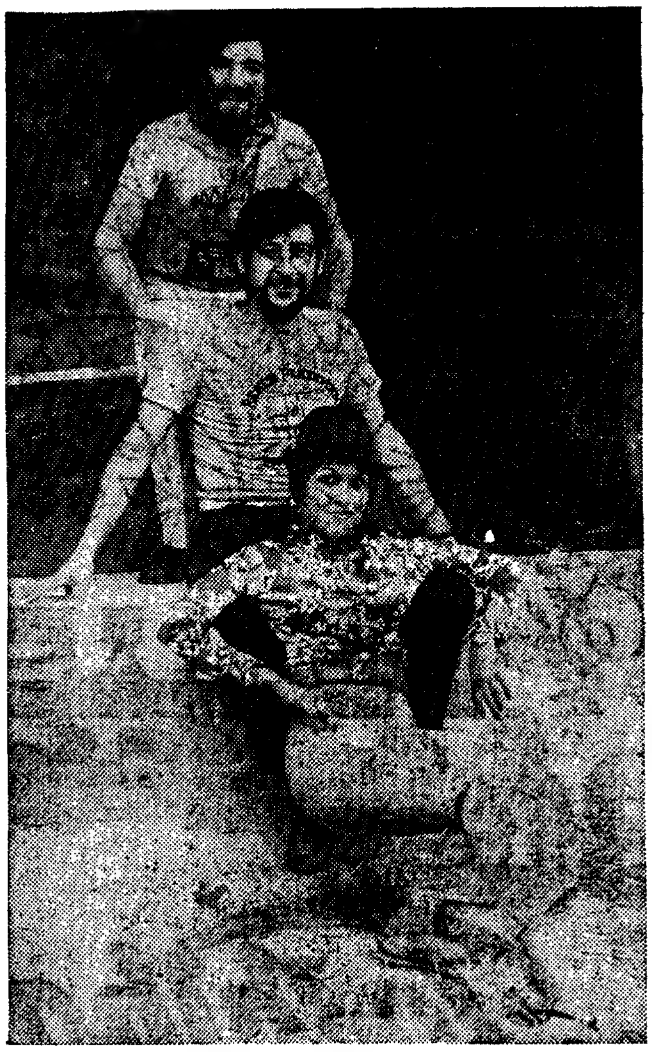
SEMPRE COM A VISTA NA «ÁGUA DA BELA VISTA»...

A VENDA EM TODO O PAIS

EM LISBOA: LISÁGUA DISTRIBUI — Pedidos: Telefs. 553336 - 553809

LISBOA DIA E NOITE

LOS MISMOS: O ÊXITO ABSOLUTO



LOS MISMOS

Com a bem lograda adaptação, em espanhol, do êxito internacional «Sugar, Sugar», super vendas em Espanha e no nosso País (disco que o publico acolheu por forma extraordinária) o conjunto «Los Mismos» com a graciosa Elena como vedeta — alcançou definitivamente o estrelato que ambicionava e merecia.

Surgiram como profissionais em 1965, denominando-se então «Los Jolly's», actuando especialmente para a juventude que os lançou. Surgiu a TV a contratá-los e, como consequência desta oportunidade, apareceram os primeiros contratos bem remunerados e gravações em acetato.

Entretanto, os dois homens do conjunto, Benjamin Santos e António Pérez são chamados a prestar serviço militar. Acabado este, a vida artística regista invulgares alterações, e os «Jolly's» viram-se na necessidade de estudar, cuidadosamente, o regresso. A canção de protesto, o «folk sony», as novas canções literárias, eram uma realidade que o publico aceitava, exigindo, portanto, aos intérpretes diferentes caminhos e pretensões. Morreram... «Los Jolly's» para dar lugar a «Los Mismos» que, em seguida, mercê do lançamento de vários discos com canções de agrado no momento, alcançaram o primeiro plano dos «hits» espanhois.

O seu caminho está traçado, percorrida uma distancia considerável, com resultados excepcionais. Entre os valores da musica espanhola, são já verdade sem contestação. Em 1969 actuando na Holanda e na Alemanha, tanto em publico como na TV, deixaram cartaz e trouxeram prémios.

Quem são eles:

ELENA MARQUEZ — Nasceu em Valladolid, há 20 anos. É a vocalista do conjunto e gosta de equitação. Sinatra é o seu ídolo e quanto aos «hippis»... gostaria de os ver limpos, sem extravagancias; aprecia contudo a moda por eles lançada.

ANTÓNIO PÉREZ — É o «Toby», também de Valladolid e tem 23 anos. Excepto o violino, toca todos os instrumentos de corda, mais guitarra e piano. Kirk Douglas e Sinatra são os seus idolos. É o compositor do trio.

BENJAMIN SANTOS — Também nasceu em Valladolid e já completou 23 anos. Os amigos tratam-no por «Benja». Toca guitarra e piano. Quando tem tempo, faz esqui aquático. Belmondo é o actor que mais admira no cinema.

FLORINDA MARIA: «ISTO É QUE É BOM»

Ninguém sabe como nascem as canções vagabundas que o povo adopta e canta e passa de geração em geração, nos pátios, nos jardins, ou nos pequenos largos onde a miudagem gosta de fazer rodas. Quem teria feito o «Fui ao jardim da Celeste» ou a «Minha machadinha»? Pois, tal como essas, Florinda Maria cantava o «Isto é que é bom», numa dança de roda bem conhecida das raparigas do Alto do Pina. Passou o tempo e ela começou a cantar o fado. Pertenceu ao elenco de várias casas típicas e está agora na «Severa». Nunca se esqueceu, porém, da cantiga de infância. Trauteou-a uma noite para o Carvalhinho ouvir. Lembrou-se depressa de meia dúzia de quadras populares (de algumas também não sabe quem são os autores) e juntou-lhe o estribilho: «Isto é que é bom, isto é que é bom», etc. E a verdade é que o número faz êxito, aliás, já gravado em disco pela «Estúdio».

✻ aceite o nosso CONVITE ✻

Milhares de pessoas participam nesta iniciativa popular

Pode jantar num restaurante típico ou divertir-se numa «boîte», ouvir o fado ou dançar sem ser preciso gastar dinheiro.

Basta coleccionar os cupões que publicamos de segunda a sábado, juntar-lhes os boletins de identificação (que publicamos também ao sábado e devem ser preenchidos com letra bem legível) e remetê-los para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185-1.º — Concurso «Lisboa, Dia e Noite». Assim ficará habilitado a um dos sorteios semanais que lhe permitirá jantar ou divertir-se com um parente ou amigo (cada premiado tem direito de levar um acompanhante), num dos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Milhares de pessoas estão a participar nesta iniciativa que já pode considerar-se popular em face do entusiasmo com que foi acolhida pelos leitores do nosso Jornal.

Aceite também este convite: divirta-se, sem gastar dinheiro.

11.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 28 de Julho de 1970

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Tino Ferreira, Nazaré Maria, João Queirós, José Vilela e o «Trio Melodia». Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ● Cons. mínimo 60$00 ● Rua do Norte, 91 ● Telefs. 30095-325713 ● Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Celeste Marta, João Cabral e José Teixeira. Tocam: Alfredo Alves e Amadeu Ramí ● Encerra aos domingos ● Cons. mín. 40$00 ● Rua da Adiça, 9 ● Telef. 86345.

O FORCADO

cantam António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Dina Cardoso Miguel Silva e João Sebrelino. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ● Cons. mín. 40$00 ● Rua da Rosa, 219 ● Telef. 368579.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Filipe Duarte, Tino Santos e Zélia Lopes. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ● Cons. mín. 90$00 ● Travessa dos Fiéis de Deus, 87 ● Telef. 35598.

LAR PORTUGUES

cantam: Jose Borges, Cecília de Jesus, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: Antónío Bessa e Fernando Rosa ● Cons. mín. 50$00 ● Rua do Barroca, 133 ● Telfs. 369760 e 30532 ● Encerra às Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria da Lourdes e Lourenço Gonçalves. Tocam: Salvador Correia e Agostinho Dias ● Cons. mín. 50$00 ● Rua das Trinas, 67 ● Telef. 669857 ● Encerra ao domingo.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Lourenço Gonçalves, José Barros, Maria de Fátima e Henrique Manuel. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto ● Cons. mín. 40$00 ● Travessa da Espera, 8 ● Telefone 35464 ● Encerra às 5 da madrugada.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ● Cons. mín. 50$00 ● Travessa de S. Miguel, 22 ● Alfama ● Telefone 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Júnior ● Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale ● Cons. mín. 50$00 ● Rua das Taipas, 14 ● Telef. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Carvalho, Vicente da Camara, João Ferreira Rosa, João Braga e António de Mello Gouveia ● Encerra aos domingos ● Consumo mín. 90$00 ● Beco dos Cortumes, 10 ● Telef. 860816.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ● Cons. mín. 40$00 ● Beco do Espírito Santo, 1 ● Telef. 868209.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernanda Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ● P. da Alegria, 58 ● Telef. 367093 ● Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Alice Maya, Carlos Zel e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio ● Rua da Esperança, 174 ● Telef. 681915 ● Cons. mín. 50$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses ● Rua do Vigário, 60 ● Telef. 864811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ● Cons. mín. 120$00 ● Taxas incluídas ● Rua Nova da Trindade, 22-A ● Telefs. 35007-323406 ● Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Tric Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Berwinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ● Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ● Rua Gilberto Rola, 24 ● Telefones 676655 - 67341.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ● Cons. mín. 50$00 ● Rua das Gáveas, 57 ● Telef. 34006 ● Encerra à quinta-feira.

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório ● Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ● Rua Carlos Reis, 51-A ● Telef. 775693

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ● Variedades internacionais ● Telefs.: 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946.

FORTE VELHO

Paço ● S. João do Estoril ● Telef. 261337

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48884 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 55-D ● T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ● Reacção e Maximiliano ● «Show» turístico ● Variedades internacionais ● Praça da Alegria, 58 ● Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos ● Rua D. Filipa de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ● Avenida Duque de Loulé, 73 ● Telef. 530131.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ● R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ● Tel. 872761, 6-D.

FLOR DE LIZ

Bar ● Consumo mín. 30$00 ● Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ● Telef. 367156 ● Encerra às 2 horas.

TAGIDE

Conjuntos José Pedro ● Variedades, com Maria José Valério, José Manuel, Alice Maya e conjunto de folclore Belezas de Portugal ● Largo da Biblioteca, 18-22 ● Aberto ao domingo.

SNOB

Rua do «O Século», 178 ● Telef. 33728.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69 — Telf. 534117 ● Matinées todos os dias ● Encerra aos domingos.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, ● Campo Grande ● Telef. 790177 ● Encerra às 5.30.

BAIUCA

R. do Salitre, 86 ● Telef. 34708

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A ● Telef. ● 323098

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ● SINTRA ● Telef. 981661

Encerra à meia-noite.

II PROGRAMA

«NOITE DE TEATRO», «DOCUMENTÁRIO» E UM CONCERTO

A RTP apresenta, pels 22 horas, em repetição a peça «As três máscaras» de José Régio, já transmitida na rede nacional no dia 15 de Abril do ano corrente, sendo a referida obra interpretada por Manuela de Freitas, João Mota, João Perry, Vasconcelos Viana, Linda Bringel e Margarida Mauperrin.

Em repetição, também, o documentário «Caça e Pesca» e Concerto por Karl Ritcker, pelas 22 e 35 e 23 horas respectivamente.

SUPLEMENTO DO TELEJORNAL:

O Presidente da República em S. Tomé e Príncipe

Pelas 20 e 10, o Telejornal, que, ao longo da emissão, apresenta várias edições, terá um suplemento especial dedicado á viagem do Presidente da República a S. Tomé e Príncipe, agora a comemorar o quinto centenário da sua descoberta.

Fila a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ À HORA DE ALMOÇO

«FEMININO SINGULAR»

Da programação que a R. T. P. transmite no seu 1.º Período de emissão salientamos as rubricas «Feminino Singular», magazine para a mulher, e «Um dia com...», desta vez dedicada ao escritor Mário Domingues.

Volta a Portugal em Bicicleta

Cerca das 23 e 45, haverá a transmissão de mais um resumo filmado da etapa do dia da Volta a Portugal em Bicicleta, acompanhada por uma equipa de enviados especiais da RTP.

Homens e aviões

Canha e Sá coordenou mais este programa, que a T. V. exibe pelas 19.45.

«Aviões de combate» e a entrega de um avião, Cessna, á C. P. serão temas focados neste programa.

BEETHOVEN

EUROVISÃO — CONCERTO

Pelas 22 e 5, prossegue a apresentação da série de sinfonias de Beethoven consagrada ao duplo centenário do nascimento do genial compositor e que todo o mundo culto comemora presentemente.

As sinfonias que hoje iremos ouvir são precisamente os n.os 7 e 8, pela orquestra «New Phillarmonia, dirigida por Otto Klemperer, no Royal Festival Hall.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Série Juvenil — «Em Família»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Homens e Aviões; 20 e 10: Suplemento do Telejornal; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: eurovisão—Sinfonias n.º 7 e 8 de Beethoven; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45: Marcha do mundo; 0: h.: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: Caça e Pesca; 23: Concerto de órgão; 23 e 25: Fecho.

ESTORIL SIEMENS ESTORIL

canal da crítica

DESPORTO E POESIA

David Mourão-Ferreira prosseguiu ontem na sua missão de dar alguma poesia e muitas palavras: aquela, com certas possibilidades de ser entendida por alguns telespectadores; estas, pelo menos a maior parte das que sofrem de artritismo erudito, perfeitamente inúteis e ridículas. A indicação dos poetas alemães teve, ali, diante do pobre grande público, qualquer coisa de exibicionismo repugnante a que David Mourão-Ferreira se devia poupar. E assim o curso segue o seu triste curso, no decurso do qual, infelizmente, raramente se evitou o recurso ao discurso que é inimigo dos cursos em geral, e do curso de poesia, em particular.

A «Universidade na TV», com seu livro de horas e sua linguagem de coitarinhos engomados, foi muito cultural, isso foi. Mas foi muito aborrecido. Não nos esqueçamos, amigos: ou fazemos da arte e da cultura uma festa no coração e na inteligência do povo, ou então todos iremos atrás do acordeão que vibra nas mãos do ceguinho. E o ceguinho sabe isso.

Pois antes disso, logo a seguir ao segundo telejornal, tivemos a emissão do «Momento Desportivo», com quatro capítulos principais: o concurso de pesca desportiva em Abrantes; a apresentação de Meirim aos belenenses; a entrevista com Mosquera, novo jogador do Sporting; e a conversa com Alberto Matos, campeão de atletismo, também «leão». Aquele disse: «Toda a minha virtude está nos pés». Este afirmou, no contexto de uma entrevista em que sucedeu o prazer (raro!) de ouvir um desportista exprimir-se com tamanha desenvoltura e propriedade, que em Portugal há duas entidades que protegem o atletismo: o Sporting e o Benfica. O grande clube «leonino» gasta por ano, com o atletismo, para cima de mil contos! E Alberto Matos afirma solenemente: «Se o Sporting e o Benfica retirassem o seu apoio ao atletismo este morreria».

Fica-nos esta frase dramática nos ouvidos. Perante tantas palavras bonitas, que ás vezes oiço, a respeito dos benefícios e grandezas do Desporto, não sei que pensar. Será que o Benfica e o Sporting auferem o reconhecimento e a gratidão que merecem?

MARIO CASTRIM

CAIXAS REGISTADORAS

Duplo visor, fita de detalhe e emissão de talão. Construção inteiramente metálica.

PREÇOS DESDE 5.950$00

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO • FACILIDADES DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

SOC. de REP. SIDA-SUECA Limitada

RUA S. NICOLAU, 15-17, TELEF. P.B.X.A. 36 93 31 (8 LINHAS) - LISBOA-2

TUDOR

pilhas para força motriz

SE GOSTA DE... ESPARREGADO

Tem agora ao seu dispor uma preparação instantânea dum alimento liofilizado.

O ESPARREGADO DE NABIÇAS LIOFILIZADO

Igualmente lhe poderá servir para confeccionar um delicioso creme de legumes.

Também pode continuar a usar MORANGOS nos seus batidos ou preparar um delicioso refresco com água gaseificada e açúcar.

EXPERIMENTE O GRANULADO DE MORANGO LIOFILIZADO

Os alimentos liofilizados são puros, sem corantes artificiais nem aditivos químicos.

A ALIMENTAÇÃO DO NOSSO TEMPO

Para conhecer melhor os alimentos liofilizados peça no seu supermercado ou fornecedor habitual estes 2 produtos LIOFAX.

LIOFAX — Liofilização Industrial de Produtos Alimentares

R. Centro Cultural, 13
LISBOA T. 729747

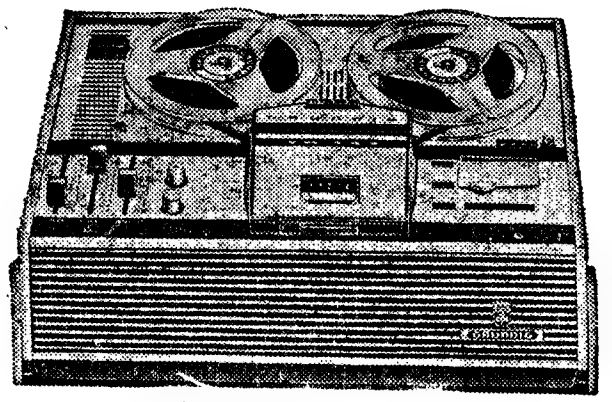
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VENDE-SE
ARRASTÃO COSTEIRO
CASCO DE MADEIRA EM ACTIVIDADE
Carta à Delegação deste jornal no Porto sob n.º 132

A LISTA INTEGRAL DOS PRÉMIOS DO CONCURSO «FÉRIAS NO MUNDO»

PARA OS NOVOS CONCORRENTES



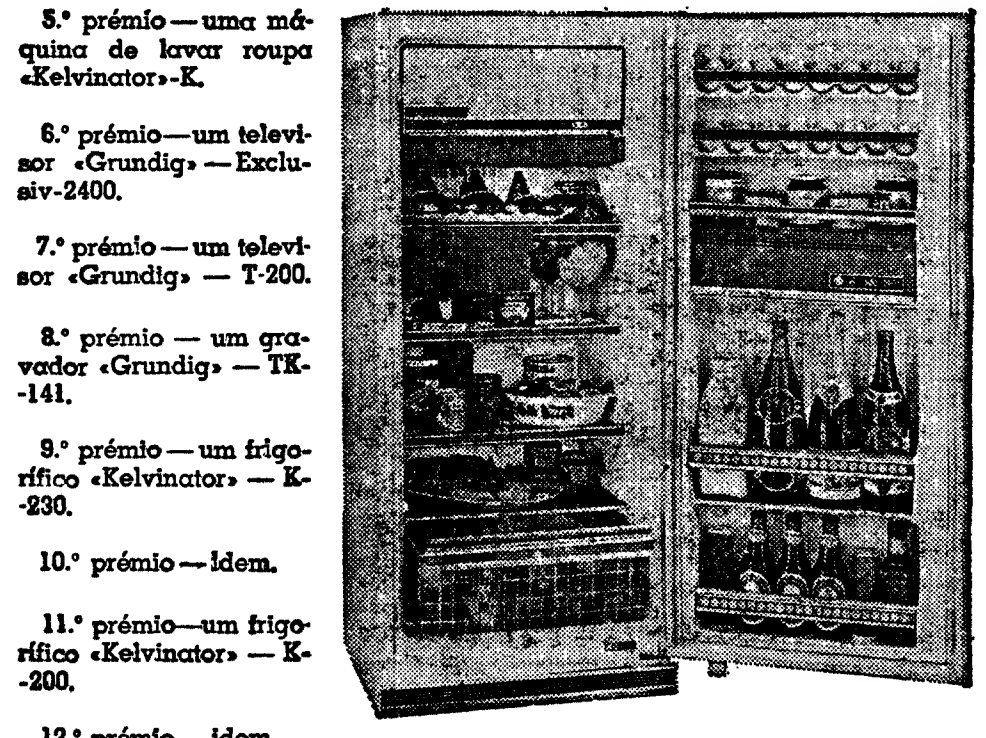
Um gravador Grundig

Voltamos a publicar hoje a lista completa dos prémios que aguardam os vencedores do concurso «FÉRIAS NO MUNDO» por verificarmos que aumenta dia a dia o número dos leitores do «Diário de Lisboa» que, aproveitando a repetição dos cupões, desejam habilitar-se a visitar uma grande cidade do mundo ou a qualquer dos restantes prémios instituídos.

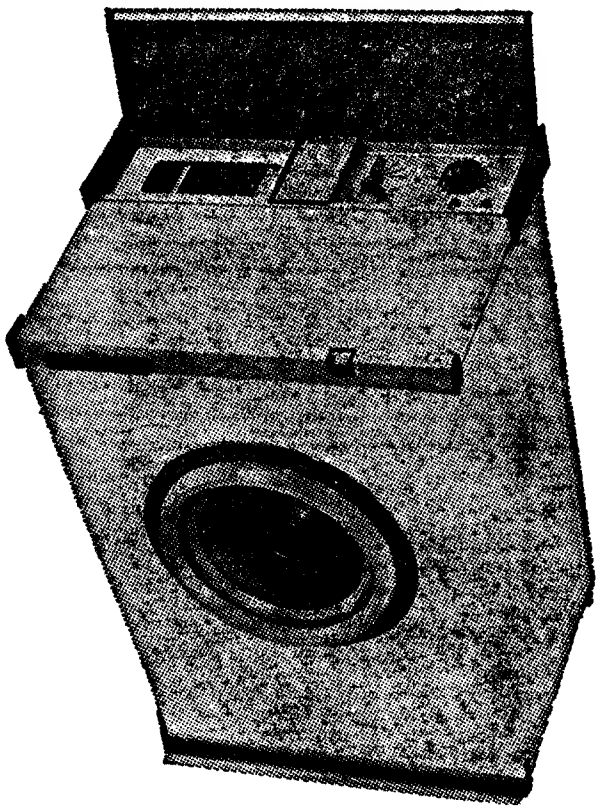
Não há dúvida nenhuma que a parte mais aliciante desses prémios é a constituída por treze viagens de ida e volta com estadia de oito dias, para o concorrente premiado e o acompanhante, em treze grandes cidades do mundo: Paris, Nova York, Amesterdão, Rio de Janeiro, Salisburia, Genève, Buenos Aires, Joanesburgo, Madrid, Frankfort, Bruxelas e Copenhague.

Lembramos mais uma vez que os concorrentes que, por qualquer impedimento, não puderem realizar as viagens, poderão optar por 15 dias de férias (com um acompanhante), em qaulquer localidade do continente, (mas da mesma maneira com partida de Lisboa) com pensão completa. A estadia, neste caso, terá lugar num hotel de primeira classe, se o houver na localidade escolhida pelo concorrente.

O período de validade para a utilização das viagens correspondentes aos treze prémios do concurso «FÉRIAS NO MUNDO», vai de Setembro de 1970 a 31 de Agosto de 1971.



Um Austin 1300 MK II



Uma belíssima máquina de lavar «Kelvinator»

Para além das viagens a que já fizemos referências deste concurso, incluindo os premiados com viagens, ficam habilitados aos seguintes prémios que fazem parte do SORTEIO GERAL:

1.º prémio — um automóvel «Austin» 1300 — 2 portas.

2.º prémio — um automóvel Austin» 1000 — special-luxe.

3.º prémio — um automóvel «Austin» 1000 — special-luxe.

4.º prémio — um conjunto. Grundig de alta fidelidade constituído por: 1 amplificador OSV-25; 1 sintonizador RT-40 e 2 altifalantes.

5.º prémio — uma máquina de lavar roupa «Kelvinator»-K.

6.º prémio — um televisor «Grundig» — Exclusiv-2400.

7.º prémio — um televisor «Grundig» — T-200.

8.º prémio — um gravador «Grundig» — TK-141.

9.º prémio — um frigorífico «Kelvinator» — K-230.

10.º prémio — idem.

11.º prémio — um frigorífico «Kelvinator» — K-200.

12.º prémio — idem.

13.º prémio — idem.

14.º prémio — um frigorífico «Kelvinator» — K-180.

15.º prémio — idem.

16.º prémio — idem.

17.º prémio — idem.

18.º prémio — um rádio «Grundig» portátil «Yatch-boy»-209.

19.º prémio — idem.

20.º prémio — idem.

Um frigorífico «Kelvinator»

21.º prémio — um rádio Grundig» portátil «Élite-boy»-209.

22.º prémio — idem.

23.º prémio — idem.

24.º prémio — idem.

25.º prémio — idem.

26.º prémio — Um rádio portátil Grundig transistor 301.

27.º prémio — idem.

28.º prémio — idem.

29.º prémio — idem.

30.º prémio — idem.

31.º prémio — um rádio de mesa «Grundig» de pilhas T-100.

32.º prémio — idem.

33.º prémio — idem.

34.º prémio — idem.

35.º prémio — idem.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5

Às 15.15 e 21.30

O íntimo de 4 mulheres «talvez» iguais a tantas outras!

A VIDA INTIMA DE 4 MULHERES
— Technicolor —
com Jane Fonda, Claire Bloom e Shelley Winters

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 55134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

10.ª SEMANA

A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com Jean Louis Trintignant e Françoise Fabian

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326365

Às 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30

ULTIMOS DIAS

O MELHOR E MAIS EMPOLGANTE FILME POLICIAL DA ÉPOCA!

A RATOEIRA
grande criação de Henry Silva, com Beba Loncar e Keenan Wynn
UMA CAÇADA DIABÓLICA!
Tecnicolor-Tecniscope

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 888181

Às 15.15 e 21.30

3.ª SEMANA

Ele ama. Ele acaricia. Ele sofre. Ele luta. A sua arena é a vida!...

UM SONHO DE REIS
com Anthony Quinn

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30
Um mundo de lutas e paixões primitivas

A ILHA DOS HOMENS SELVAGENS
(Technicolor)
Dana Andrews e Jane Powell

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560

As 21 horas

PORTO MASSACRE
VEM AÍ OS RUSSOS...

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 17 anos)

A COR DA MORTE
com Tom Tryon

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite

Pela última vez exibido em Portugal por motivos contratuais
O MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS
67.ª SEMANA

MÚSICA NO CORAÇÃO
A preços normais deste cinema

ODEON
(Adultos) Tel. 326281

Às 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30

ULTIMAS EXIBIÇÕES
Uma maravilha de excepcional categoria de espectáculo

MULHERES, MÚSICA... E A NOITE
com o mais sensacional desfile de celebridades do Mundo e do music-hall
Tecnicolor — Totalescópio

VOX
Às 18.30 e 21.45 h. (Adultos)

4.ª SEMANA DE ÊXITO
Virna Lisi, George Segal e Akim Tamiroff,
numa divertida comédia

UMA «INGÊNUA» MUITO ESPECIAL...
Fotografia em Tecnicolor e Techniscope
AR CONDICIONADO

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095

Às 15.30, 18.30 e 21.45 h.

A FANTASIA MUSICAL

O SUBMARINO AMARELO
com os «Beatles»
(COR DE LUXE)

LIDO
Às 21.30 (M. 12 anos)

Um episódio de guerra de impressionante realidade!

A BATALHA DE EL-ALAMEIN
com Frederick Stafford

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 795296

OS MAUS TAMBÉM AMAM
«PARTY» EM PIJAMA

RESTELO
As 21.30 h. (M. 17 anos)

Um filme de impressionante realismo

A SANGUE FRIO

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 320768

Hoje, às 15.15, 18.30 e 21.45

SE O MEU CARRO FALASSE...
Se não viu não deixe de ver! Se já viu torne a ver o carro que para ser gente só falta falar...

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743

2.ª SEMANA
As 18.30 e 21.45
Cary Grant e Audrey Hepburn e Walther Matthau

CHARADA
numa comédia feita com amor, «suspense» ironia e muito imprevisto
Outono em Paris, é o deslumbrante cenário em Technicolor

AR CONDICIONADO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

O inconfundível James Dean na obra-prima de Nicholas Ray

FÚRIA DE VIVER
(Cinemascope-Warnercolor)
Um tema arrojado sobre a juventude inconformada c/ Natalie Wood e Ann Doran

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480

As 15.45 e 21.45

2.ª SEMANA

O inconfundível James Dean na obra-prima de Nicholas Ray

A FÚRIA DE VIVER
(Cinemascope-Warnercolor)
Um tema arrojado sobre a juventude inconformada c/ Natalie Wood e Ann Doran

ROYAL
(M. 17 anos) Tel. 365937

As 21.30

O ESPELHO DOS ESPIÕES
A MAGIA DO CRIME

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917

As 21

O SINAL DO DRACULA
O CINTO DA CASTIDADE

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45963

As 21 horas

OS BONS VELHOS TEMPOS
O REGRESSO DOS 7 MAGNÍFICOS

SÃO JORGE
(M 12 anos) Tel. 54151

As 15.15, 18.15 e 21.30

Ciclo «No Ritmo da Aventura»

SAM WHISKEY
com Burt Reynolds, Angie Dickinson e Clint Walker

ROMA
(Adultos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.45

A melhor comédia de Dino Risi!

PÃO, AMOR E...
Sophia Loren e Vittorio de Sica
Cinemascope — Eastmancolor

CONDES
(Para todos) Tel. 522523

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

2.ª SEMANA

Especialmente para vocês, alegre e buliçosa pequenada. Maravilhosas e inesquecíveis

AS VIAGENS DE GULLIVER

AVIS
(Adultos) Tel. 47162

As 15.30 e 21.45

Lutando contra todos e contra si mesmo, ele recebeu...

O SALÁRIO DO CRIME
com Arturo Fernandes e Françoise Brion

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 30: «Vítor ou as crianças no poder» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «A revolta dos cossacos» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Mundo secreto» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «O destemido sarraceno» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A vingança de Spartacus» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Minuto e minuto sem respirar» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «O vilão de Arizona» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A Primavera em Roma de Mr. Stone» (17 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Interludio de Amor» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A ira de Aquiles» e «Vamos dançar o Charleston» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O destino marca a hora» (12 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Piratas em Bikini» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Passos na noite» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A cor da morte» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Charro» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21: «Safari de Diamantes» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Sheriff precisa-se» e «Doutor tenha maneiras» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Viva Django» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Os 3 super-homens» (17 ano).

«Desculpe, mas já são horas...» faz oito anos de vida

Com um espectáculo sensacional, no Pavilhão dos Desportos, no sábado pelas 21 e 45, o popular programa radiofónico «Desculpe, mas já são horas...», de Maria Eva e Costa Pereira, vai comemorar os seus oito anos de actividade.

Anuncia-se uma autêntica parada de vedetas para uma noite inesquecível: Hermínia Silva, Florbela Queirós, Tony de Matos, Max, Manuel de Almeida e Manuel Fernandes são apenas alguns dos muitos nomes de primeiro plano cuja colaboração está já assegurada.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 1-7 (633288) ✱ Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 6-A (7 2070) ✱ Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (7 2803) ✱ Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-AB, ao Pote d'Agua (7 4013)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afonso Peixoto, 2-B (á Av. S. João de Deus (724941) ✱ Onilde, Av. João XXI, 8-A (726848) ✱ Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (7 0465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, Rua Arroios, 2 5 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av. Sacad Cabral) (770776) ✱ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✱ Sagres, Aven. Luis Bivar, 69-71 (47213) ✱ Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental, lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Lobo, R. Diário de Notícias, 8 (328428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 22)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Zire, P. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B, 1, á R. Marquês de Olhão (383800)
BAIXA—Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067 - 324224) ✱ Marão, Rua da Assunção, 7-9 (32 289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678 - E (702532) ✱ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Perfeita R. Franc Martins 59 (663449)
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide R. General Taborda, 7 (680304) ✱ Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 232-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa 33-35 (780 81)
CONDE DE REDONDO—Dévi (entrega Jaime José da Costa), Rua Conde de Redondo, 68 - 72 (543426)
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Paiva & Pereira, R. de Santo António á Estrela, 96-98 (665196) ✱ Martins — Calç. da Estrela, 67 (660828)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 251234)
GRAÇA — Arnelli, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✱ Matos, L. da Graça, 68 (860700).
INTENDENTE — Intendente, L. Intendente Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✱ S. Tomé, Est. do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho 2 (662075)
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (38 6 2) ✱ São Paulo, R. 4, Lote 823, á Estrada de Moscavide — Olivais-Sul (3 07 1) ✱ Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, Lote 43 Zona Poente (3 0026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 1 P M., 3 (6 0256)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 ✱ 728395)
RATO — Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência, 91 (773728)
RESTELO — Tanara, R. Rodrigo Rennet, 3-A (6 814) (á Encosta do Restelo próximo das Molinhas)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 08 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 38-A (á Av. D. Afonso III) (843439 ✱ Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA — Magalhães — R. Cotrão Leitão, 8-A (Tel 270242).
BAIXA DA BANHEIRA—Aliança— Est. Nacional 114 (T 224302).
BARREIRO — Central — Av.º Alfredo da Silva, 48 (T. 2273207)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pomoal, (274365)
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T 230156)
SESIMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028).
SETUBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (Tel 22484) ✱ Nova, Rua General Gomes Freire (Tel 22052)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel 2218560).

● Linha de Cascais

ALGÉS—Miramar, R. Ernesto Silva, 8 (212048).
CAXIAS — Neve, Rua Bernardim Ribeiro, 4-A (242839)
PAÇO DE ARCOS—Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432084)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (Tel. 2471204).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril, 18 (Tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 (Telefone 260008).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel 280078) ✱ A Costa — Rua Freitas Reis 24-C (Tel. 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA—Melo—P. D. João I—Lote 46 — Barro Janeiro (Tel. 932756) ✱ Central — Av. Cardoso Lopes, 28 (Tel 932210) ✱ Igreja — P. da Igreja, 22-A (Tel 937740) ✱ Jardim — Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (T 938424).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ — André—Av. Elias Garcia, 5 (Tel 950043) Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123
CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 95 (Tel 2940084).
MEM MARTINS — Guimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100123)
S. PEDRO DE SINTRA—Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia 20 (Tel. 980155).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088).

SERVIÇOS URGENTES

POLICIA ✱ G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✱ Segurança Pública, 866141 ✱ Judiciária, 535380 ✱ Marítima, 326456 ✱ Internacional, 362721 ✱ Viação e Trânsito, 42205 ✱ G.N.R. (área rural), 36865.

TRANSPORTES—Aeroporto, 72011 ✱ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✱ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✱ Estação fluvial (T. Paço), 825345 ✱ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✱ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✱ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOMBEIROS — Sapadores, 82222.

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36185 ✱ Companhias Reunidas, 53701 ✱ Gazcidla, 538821 ✱ Gazcidla, idem e feriados, 882069.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 86536 ✱ Enfermagem permanente, 766161 ✱ Enfermagem de urgência, 48738 ✱ Hospital de Santa Maria, 775171 ✱ Hospital de S. José 860131 ✱ Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ✱ Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ✱ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 768450.

BOM APETITE

RESTAURANTE
antónio
Rua Tomás Ribeiro, 45
AMANHÃ
ARROZ À VALENCIANA
QUINTA-FEIRA
CABRITO NO FORNO

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
QUINTA-FEIRA
PATO NO FORNO

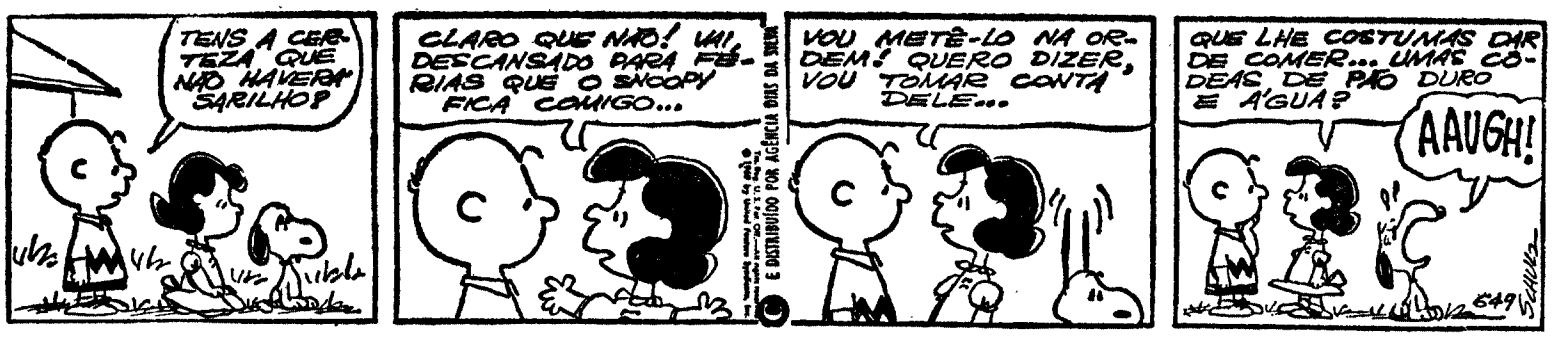
Solar do Minho
Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS — FOLCLORE
Jantar COMPLETO
50$00 por pessoa
M/ 17 anos

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

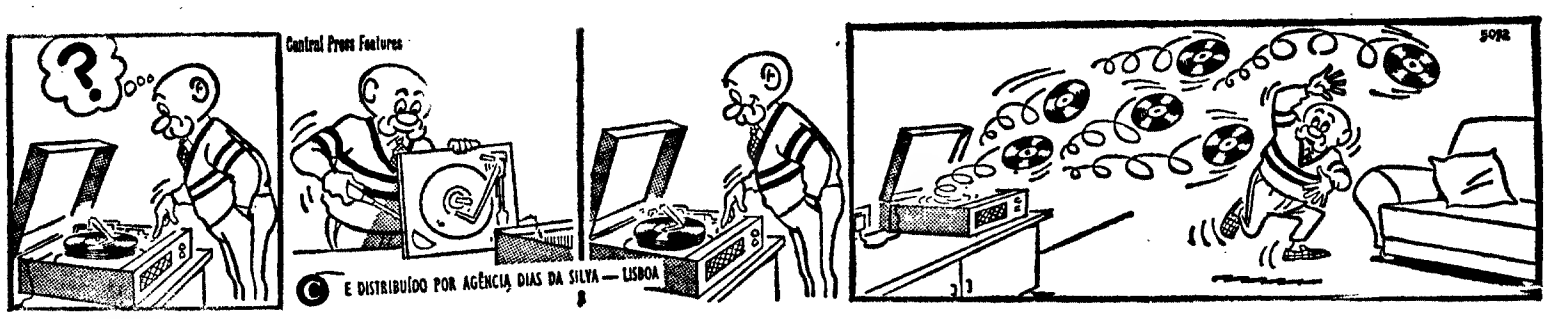
APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Julho de 1940 publicava:

«LONDRES, 28 — Os aviadores ingleses que nos últimos dias têm efectuado voos de observação e reconhecimento sobre a costa francesa do Canal da Mancha declararam que os alemães desenvolvem ali grande actividade e estão a instalar artilharia de grosso calibre ao longo da referida costa.

«O Ministério do Ar, ao receber estas informações e depois de ter localizado os sítios onde os alemães estavam a instalar a artilharia de grosso calibre, ordenou a algumas esquadrilhas de bombardeiros ingleses que destruissem aqueles objectivos militares, acção essa que foi levada a cabo com o maior êxito na madrugada do dia 25 do corrente mês.»

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

A C P informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se desloquem à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha

Peça informações e folhetos Agências de Viagens autorizadas nas Secções de Informações, nas e Empresa Geral de Transportes.

Palavras cruzadas

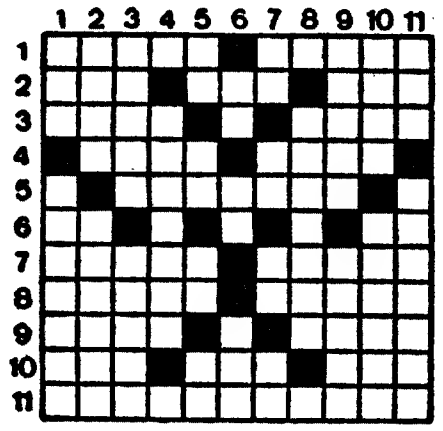
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5608

HORIZONTAIS: 1 — Assinalar. Avarenta. 2 — Pedra de altar. Primeiro das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Dá mios. 3 — Rio dos Estados Unidos. Pronome relativo. 4 — Capas sem mangas. Aquele que. 5 — Tostassem. 6 — Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Grama. (abrev.). 7 — Nome de um mês. Safa! 8 — Tribo indígena brasileira. Ficam quietos. 9 — Monarcas. Alvorada. 10 — Mau cheiro. Tempo do verbo ir. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. 11 — O mesmo que serpeara.

VERTICAIS: 1 — Negativa. Domesticaros. 2 — Cidade da Argélia. Necessita. 3 — Ilha pertencente à província de Macau. Fulgir. 4 — Habitantes de um oásis. 5 — Letra grega. Apelido. Artigo definido. Lê. 6 — Satélite de Júpiter. Isolado. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 7 — Compelão. Quantum satis (abrev.). Nota musical. Item. 8 — Prezada. 9 — Causem amuo a. Regresso. 10 — Escarneçam. Estampar. 11 — Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Guarnecera de arames.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5607

HORIZONTAIS: 1 — Crato. Acoma. 2 — Rimou. Catam. 3 — Emas. O. SONO. 4 — Saras. Parar. 5 — Tremi. Arosa. 6 — MDV. 7 — É. Piais. 8 — IRMÃO. Oiros. 9 — Meais. Safira. 10 — Peor. Iota. 11 — Assaltases.

VERTICAIS: 1 — Cresta. Impa. 2 — Rimar. Ineos. 3 — Amarem. Mães. 4 — Tosam. Paira. 5 — Ou. Símios. 6 — DA. Ut. 7 — Ac. Pavios. 8 — Casar. Siais. 9 — Atorou. Rios. 10 — Manas. MORTE. 11 — Amoras. Saás.

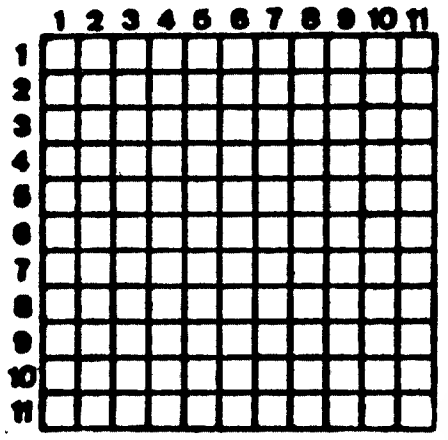
Provérbio: O SONO É IRMÃO DA MORTE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9451

HORIZONTAIS: 1 — Esboço (Fig.). Invólucro do crânio. 2 — Ramalhete. Magoava. 3 — Estreitaremos. 4 — Estacionar. Separe do outro (inv.). 5 — Artigo definido. Calculava. Língua antigamente falada ao sul do Rio Loire. 7 — Pessoa baixa e atarracada. Mamífero desdentado espécie de tatu. 8 — Rebuliço. Invulgares. 9 — Sufixo que designa estado. Estreito. Cobalto (s. q.). 10 — Morada. Formar as abas a. 11 — Empunhara. Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Farrapos. Cabo da costa de Portugal. 2 — Raspas Genuínas. 3 — Frade catalão que veio a Portugal tratar do casamento de D. Dinis e Santa Isabel. Preposição. Nota musical. 4 — Enrubescem. Apalpar. 5 — Receara. 6 — Cálcio (s. q.). Despido. 7 — Dominara (Fig.). 8 — Mulher que compra e vende roupas usadas. Bebedeiras. 9 — Adiciono. Botequim. Bário (s. q.). 10 — Zeloso. Tocar levemente. 11 — Relativo a óásis. Bebida usada no Peru.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9450

HORIZONTAIS: 1 — Conto. Capri. 2 — Apara. Acres. 3 — Temer. Loiça. 4 — Aro. Mar. 5 — Iara. Lama. 6 — Rasa. Gora. 7 — Rasteja. 8 — Em. Saíra. Bo. 9 — Lãs. Roa. Sal. 10 — Atira. Deita. 11 — Socos. Armar.

VERTICAIS: 1 — Catai. Nelas. 2 — Operar. Mato. 3 — Namorar. Sic. 4 — Tré. Asas. Ra. 5 — Aaro. Asaras. 6 — Tio. 7 — Cola. Gerada. 8 — Aço. Loja. Er. 9 — Primara. Sim. 10 — Recama. Bata. 11 — Isara. Polar.

INAUGURAÇÃO DA DISCOTECA «GALERIAS GIRASSOL» EM CASCAIS

(DIA 1 DE AGOSTO — SÁBADO)

Comunica-se que no dia 1 de Agosto p. f., pelas 16 horas, inaugura-se a modernissima e original Discoteca «Galerias Girassol», no Edifício Cascais, da Avenida Valbom, com a presença de vários artistas de Rádio e da TV, nacionais e estrangeiros.

Esta discoteca é a representante em Cascais, da «Grande Feira do Disco» e, vende a preços abaixo do que normalmente se processa em Portugal, incluindo os últimos grandes sucessos mundiais.

Oferece-se, nesta inauguração, um original e característico Show aos nossos estimados Clientes.

QUINTA DE CURVOS — LUGAR DO CERQUEIRAL
FREGUESIA DE FORJÃES
A 15 QUILÓMETROS DE ESPOSENDE

LEILÃO

DIA 31 ÀS 11 HORAS DA MANHÃ

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 3.ª Vara Cível de Lisboa serão postos em venda no dia, hora e local acima referidos 8978/10 500 avos da propriedade em epígrafe, que se compõe de parte rústica, com a área aproximada de 140 hectares, em parte da qual se encontra uma rica mata com árvores exóticas de grande valor, pomares e vinha com produção relativamente boa. Tem ainda um grande palácio e diversos anexos. A propriedade está registada no seu todo na Conservatória do Registo Predial de Esposende sob o n.º 847 a folhas 29 do Livro B-3 e inscrita na matriz respectiva sob os artigos 34 urbano e 1359 rústico. É depositário o Sr. José Ribeiro de Campos, que a mostrará a quem pretender vê-la.

A LEILOEIRA, LDA.

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 23, 1.º — TELEFONES 4 59 34 - 4 62 59 — LISBOA

informação de seguros

AS ABORRECIDAS FRASES EM "LETRA MIÙDINHA"

LER UMA APÓLICE, da primeira à última linha, é um trabalho difícil. É que ele começa precisamente onde começam as frases impressas em «letra miúdinha», as colunas sem fim das «Condições», com a enumeração pormenorizada de quando a Companhia deve ou não deve pagar o seguro. E, para cúmulo, tudo isso está escrito em termos jurídicos, com palavras que o leigo nem sempre conhece na sua total acepção e com frases cujo início já esqueceu quando chegou ao fim das mesmas.

A "LETRA MIÙDINHA", ESSE "PÓ PARA OS OLHOS" NÃO DEVE DE FORMA ALGUMA SER IMPEDITIVO A UMA LEITURA TOTAL DO CONTRATO

A indústria de seguros, pròpriamente, não está muito satisfeita com a forma utilizada para estes contratos mas, infelizmente, em pouco ou nada a pode modificar. Questões jurídicas, cabalmente, só podem ser formuladas naquela linguagem de parágrafos, em que também são redigidas leis, disposições legais e mesmo contratos de arrendamento.

Nos contratos de seguros o Estado insiste até em que Risco e Cobertura, portanto Direitos e Deveres de ambas as partes, sejam fixados até ao mínimo detalhe, sem possibilidades de objecção jurídica. Todos os textos usados necessitam da aprovação da Inspecção de Seguros. Nenhum seguro pode, portanto, passar a linha fixada, tanto para melhor, como para pior.

A «letra miudinha», esse «pó para os olhos», não deve de forma alguma ser impeditivo a uma leitura total do contrato. As Companhias de Seguros só pretendem evitar, com essa letra miudinha, que as apólices se tornem numa espécie de brochura, o que aconteceria se fossem escritas em letra de imprensa normal.

Quem pretende fazer um seguro pode optar por estudar o contrato até ao fim e, caso necessário, pedir esclarecimentos, ou assiná-los mais ou menos às cegas. Para o primeiro caso precisa de tempo, para o segundo, de um agente de seguros em quem possa confiar.

E este existe — existe mesmo com bastante frequência. Naturalmente que quer obter produção e ganhar dinheiro. Mas, por isso mesmo, quer aconselhar o seu cliente da melhor maneira, de forma a poder sempre encará-lo e para que este o possa recomendar a outras pessoas. E, também, para se poder sempre procurá-lo, caso se dê um sinistro.

GERT SCHLÖSSER

É DIFICIL actualmente prescindir do Seguro como forma de previdência ao alcance de toda a gente e indispensável na vida moderna. A actividade seguradora envolve todavia um conjunto de técnicas específicas que escapam à maioria das pessoas, justificando por isso uma informação própria Este Suplemento, elaborado com a colaboração de um grupo de especialistas na matéria procura dar uma panorâmica geral deste importante sector da economia.

NUM mundo cada vez mais complexo a informação ocupa um lugar essencial na vida de cada homem.

A complexidade resultante da evolução económica, demográfica, social e política arrasta o homem para uma situação paradoxal, em que a par duma verdadeira explosão documental, se opõem lacunas perigosamente graves nos sectores sociais que mais intimamente o tocam.

Situação paradoxal duma abundância de informação mal escoada, mal sacada, situação paradoxal que não aproveita ao público.

Cada vez mais tem o público a necessidade da informação especializada. E para essa informação voltada para o interesse objectivo da massa, tenha em si a marca nítida da ideia, da proposta, da mensagem eficaz.

Num mundo cada vez mais complexo o público não tem confiança nas seguradoras, no sistema segurador, mas cada vez mais sente a necessidade do seguro.

Realmente o homem moderno a par de se encontrar em face de riscos cada vez mais pesados e com maior repercussão necessita de garantir também em maior índice o seu padrão de segurança.

Se é verdade que as seguradoras se formaram num verdadeiro serviço social, também é verdade que o público não tem confiança na indústria seguradora.

Grande parte do público reconhece o mérito do seguro, outra parte desconhece no entanto a própria essência.

Como problema de índole social e de grande alcance imediato é altura de desmistificar o seguro e traxê-lo para o meio da praça pública.

As causas podem ser diferentes, mas os efeitos são sempre os mesmos: perdas de vidas e bens

ACIDENTES DE TRABALHO

OS ESFORÇOS que estão a realizar-se no sentido de dinamizar e, em muitos casos reconverter, a nossa economia, actualizam todos os problemas que, de qualquer modo, se liguem com o trabalho.

Assim, quanto se relacione com os acidentes de trabalho ganha imediatamente uma actualidade que, embora em linhas muito gerais, importa analisar.

Para além de todo um vasto e complexo problema de opções e de investimentos, o desenvolvimento económico português, neste momento de arranque e de transição, está intimamente ligado a um complexo problema de mão-de-obra. Quer isto dizer que todos os planos ficarão incompletos se não houver o cuidado de ter em consideração quantos, a todos os níveis, os vão executar.

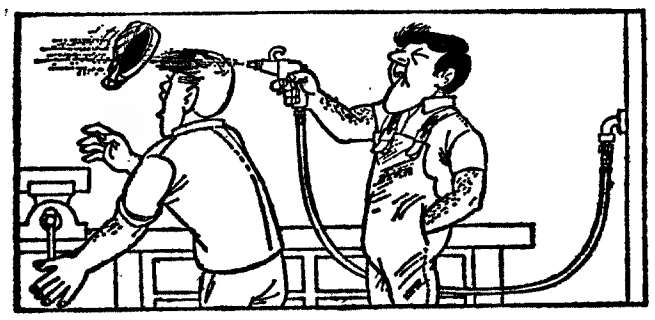
É evidente que o progresso, a existência de mecanização onde havia apenas o uso da força física ou de métodos artesanais, o manuseamento de técnicas mais evoluídas, a reconversão, por exemplo, de uma agricultura tradicional para uma exploração agro-industrial, serão outros tantos factores que poderão aumentar o risco do trabalho, muito especialmente enquanto se não dispuser de experiência, de mão-de-obra devidamente formada e, sobretudo, de uma verdadeira mentalidade industrial.

Todos sabemos que a lei nos obriga a indemnizar as consequências materiais dos acidentes sofridos por pessoal ao nosso serviço e, neste caso, a lei é igual tanto para o simples particular mesmo em relação ao seu pessoal doméstico, como para o grande complexo industrial que emprega milhares de indivíduos.

Julgamos, todavia, que o simples acto de indemnizar não é suficiente, pois para além de imperativos de ordem moral, existe toda uma vasta gama de razões de ordem económica que importa considerar.

Segundo as estatísticas, aos **gastos directos** de cada acidente de trabalho (indemnizações por salários perdidas tratamento, pensões por invalidez ou morte, etc.) correspondem **gastos indirectos** seis a oito vezes superiores. Entendem-se como gastos indirectos todos aqueles que, embora resultantes do acidente, não estão directamente com ele relacionados (Exemplo: perda de produtividade, dificuldade em substituir o operário lesionado, sobretudo em postos mais especializados, deterioração de máquinas e ferramentas, tempo perdido com a assistência a prestar à vítima, tempo perdido que resulta do clima emocional que um acidente sempre provoca, etc.).

Em face de quanto fica dito, embora em linhas necessàriamente muito gerais, parece-nos oportuno focar alguns dos pontos mais importantes da responsabilidade patronal relativamente aos acidentes de trabalho e, ainda, do respectivo seguro.



O SEGURO DE ACIDENTES DE TRABALHO

O seguro de Acidentes de Trabalho é um contrato pelo qual se transfere, para uma entidade seguradora, a responsabilidade que incumbe a quantos se utilizam dos serviços de qualquer indivíduo.

Pela legislação em vigor, todo o indivíduo ou entidade que se utilize dos serviços de outrém é responsável pelas lesões ou doenças contraídas pelo seu pessoal durante a prestação do trabalho. É a teoria da responsabilidade civel objectiva, pois não pode pretender-

Continua na pág. 3

Onde estiver o homem estará sempre a sombra do acidente que pode revestir-se das formas mais diversas

Tempo para trabalhar e tempo para viver

EM 1983 SERÁ POSSÍVEL modificar a personalidade pela acção de produtos químicos; em 1998 injectar-se-ão informações directamente no cérebro; no ano 2000 a ciência terá produzido agentes químicos capazes de eliminar os defeitos hereditários; em 2025 será possível o «contrôle» químico do envelhecimento.

Os especialistas desta espécie de jogo de adivinhas científico prevêem, para muito breve, um mundo maravilhoso para a Humanidade: menos doenças, homens mais perfeitos, vivendo mais anos, trabalhando menos tempo e de uma forma menos dura.

UMA REALIDADE

É sobre este último aspecto que hoje nos queremos debruçar mais em pormenor, afinal apenas com o objectivo de chamar a atenção para factos que são do conhecimento geral e dos quais talvez por isso mesmo, não nos apercebamos.

É uma realidade que hoje se trabalham menos horas na maior parte das actividades e a tendência continuar parece ser essa. Da tarde livre de sábado passou-se à semana de cinco dias e, naiguns países, como a Suécia e os E. U. A. principalmente, já se pensa diminuir mais ainda o tempo de trabalho.

Aos sociólogos e psicólogos preocupa saber como irão os homens aproveitar este tempo livre, se estarão preparados para o lazer e quais as repercussões futuras deste estado de coisas. Aos seguradores compete recordar um outro aspecto e propor soluções: é que; se a grande maioria da massa trabalhadora está segura, pelo Ramo Acidentes de Trabalho, durante as horas de serviço, como esse tempo vai diminuindo vai aumentando consequentemente o tempo em que não está segura — o tempo dedicado à sua actividade privada pelo menos no nosso País.

O PROBLEMA DAS REFORMAS

Por outro lado, a tendência para as reformas em idades mais jovens cria a necessidade de, desde muito mais cedo, se prepararem estruturas para essa vida de rendimento diminuídos quando mais são necessários.

Estará já a nossa população preparada e avisada para estas realidades? Infelizmente parece-nos que não.

Nestes aspectos, apenas encontramos preocupações numa minuria ou, então, ao nível empresarial, quase exclusivamente em empresas de capitais ou origens não portuguesas.

DESINTERESSE OU IGNORÂNCIA?

Essas firmas fazem: no Ramo Vida seguros de grupo para o seu pessoal (beneficiando das isenções fiscais existentes em Portugal) cobrindo a morte e invalidez permanente durante os anos de trabalho útil e constituindo complementos de reforma; no Ramo Acidentes Pessoais, seguros colectivos para, exactamente, garantir os sinistros ocorridos fora das horas de trabalho, mas que igualmente se vão reflectir no rendimento do funcionário.

As vantagens dessa política de pessoal já as vão sentindo as empresas portuguesas que vêem fugir a sua mão-de-obra mais válida para as chamadas «empresas estrangeiras».

Podemos afirmar que, na maior parte dos casos, o problema não é tanto de custos, mas sim de completo desinteresse ou ignorância dos próprios custos e dos benefícios assim alcançados.

O SEGURO DE VIAGEM

Vejamos um pequeno exemplo:

De uma forma genérica sabe-se que o seguro de viagem é barato. Estamos numa época do ano em que muita gente viaja. Exceptuando essa tal minoria, quantos terão ao menos a preocupação de se dirigirem a uma Companhia de Seguros informando-se das vantagens e do custo desse seguro?

E, generalizando aos aspectos anteriormente focados, quando começarão os particulares e as empresas a sentirem a curiosidade ou a necessidade de se informarem e, numa fase posterior, organizarem esquemas completos e eficazes de previdência?

Oxalá tão ràpidamente quanto é rápida a evolução que hoje se verifica em todos os campos.

MORAIS ALÇADA

OPINIÕES

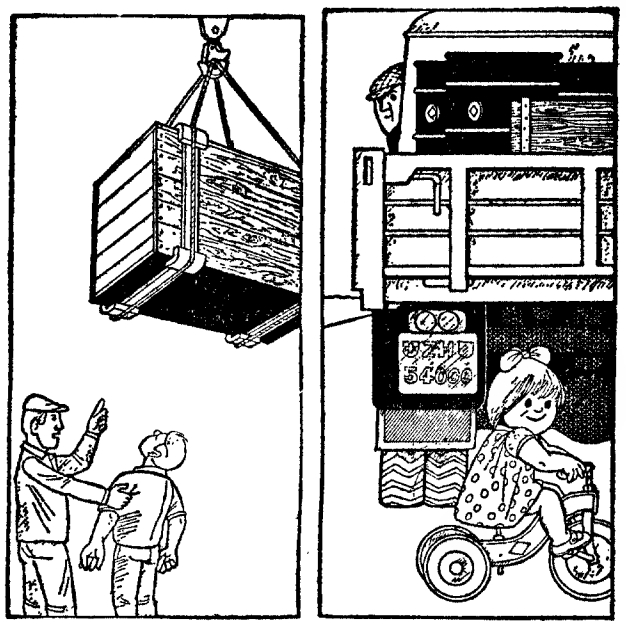
A SEGURANÇA social imposta pelas companhias têm evitado, através dos Centros de Prevenção, nas grandes indústrias, a morte a milhares de pessoas. O fenómeno resultou da vantagem que as companhias tinham em evitando acidentes, evitar indemnizações.

Convergência de interesses... que noutros campos se deveriam tentar...

AS COMPANHIAS de Seguros são no entanto alvo de comentários injustos. Causas? A maior parte das vezes a falta de informação do público. Por exemplo: os prédios das Companhias de Seguros, são garantias técnicas que garantem ao sinistrado a sua indemnização.

A INDÚSTRIA Seguradora ocupa um lugar de destaque na vida nacional — no campo financeiro, no campo económico, no campo humano.

É necessário que as Companhias possam para esse fim trabalhar, e que o público assim o beneficie.



ACIDENTES DE TRABALHO

Continuação da pág. 2

-se que só exista obrigação de indemnizar o sinistrado quando o patrão tenha tido culpa na produção do acidente.

O que normalmente acontece é, até, que a entidade patronal nem sequer nele intervem. Por norma, o acidente resulta não de uma actividade pessoal do patrão mas antes de uma actividade desempenhada pelo trabalhador sob ordens, direcção e fiscalização daquele, actividade essa que, evidentemente, envolve e impõe um determinado risco.

Na verdade, se de uma determinada actividade profissional por conta de outrém aproveita à entidade patronal que na relação de trabalho tem, além do mais, funções directivas, é normal que seja essa entidade a tomar a seu cargo a responsabilidade resultante dos acidentes ocorridos durante a prestação do trabalho e que a este se liguem por relação de causa e efeito.

Foi da Revolução Industrial e das ideias sociais do século passado que surgiu a obrigação de os patrões indemnizarem os seus empregados quando vítimas de um acidente de trabalho. Em França, por exemplo, a primeira lei foi promulgada em 1898, na sequência do progresso social que se verificou com a Terceira República, como é igualmente desse período uma vasta legislação de protecção aos trabalhadores. Em Portugal, foi a Lei n.º 83, de 24 de Julho de 1913 que estabeleceu o seguro de Acidentes de Trabalho, cuja exploração se iniciou em 1914. Actualmente, o diploma fundamental em matéria de acidentes de trabalho é a Lei n.º 1942, de 27 de Julho de 1936.

O QUE É UM ACIDENTE DE TRABALHO?

O que é necessário para que um acidente seja considerado da responsabilidade patronal?

Segundo a legislação em vigor, será indispensável que entre o trabalho e o acidente exista nexo de causalidade, quer dizer: que o acidente seja consequência do trabalho.

Portanto:

1.º — que ocorra no local e durante o tempo de trabalho, entendendo-se como tempo de trabalho não só o labor pròpriamente dito mas igualmente o que o antecede, interrompe ou segue, através de actos preparatórios, interruptivos ou subsequentes desde que ligados ao mesmo trabalho, e como **local de trabalho** toda a zona de exploração da empresa ou o que esteja ligado com essa exploração, desde que o acidente se produza durante o serviço ou esteja em relação com o trabalho, embora fora do local onde ele está a executar-se;

2.º — Na prestação do trabalho ou fora do local e tempo do trabalho normal se ocorrer enquanto se executam ordens ou realizam serviços sob autoridade da entidade patronal;

3.º — Na execução de serviços espontâneamente prestados pelos seus trabalhadores à entidade patronal de que lhe possa resultar proveito económico.

Portanto, sempre que se verifique qualquer destes casos há acidente de trabalho e existe responsabilidade patronal, pois são evidentes as relações de patrão para empregado, quer dizer: existem serviços prestados, com carácter de certa continuidade e a respectiva retribuição. Verifica-se ainda haver uma autoridade patronal, directamente assumida ou delegada num chefe, encarregado, capataz, etc.

Por exemplo: tão responsável é a grande empresa que tem ao seu serviço centenas ou mesmo milhares de pessoas, como simples particular em relação ao seu pessoal doméstico, mesmo que este não tenha carácter permanente e apenas preste serviço algumas horas por dia ou por semana.

De tudo quanto fica dito — e muito mais ficou por dizer — pode avaliar-se a importância de que se reveste o problema dos acidentes de trabalho, tanto do ponto de vista social e humano, como no aspecto económico para o País, para as entidades patronais e até para o simples particular...

MÁRIO CÍLIA

Já pensou nos bens que possui?

A FAMÍLIA, radiante, voltava de férias para casa. A boa disposição, no entanto, depressa desapareceu: durante as férias, os ladrões tinham feito uma visita à casa.

Tinham forçado uma janela, arrombado um armário e tinham levado não só peças de roupa mas também um tapete valioso, um gravador e um transistor.

O dono da casa precipitou-se para o telefone. Dez minutos depois já lá estava um polícia. Uma hora depois um inspector. Estes, sem resultado, tentaram encontrar uma pista. Depois despediram-se dizendo: «Felizmente têm o recheio da casa seguro contra roubo.»

Este facto permitiu àquela família dormir descansada nessa noite e nem lhes passou pela cabeça pensar em quaisquer aborrecimentos posteriores em consequência do roubo.

A SURPRESA DO DESCUIDO

Logo na manhã seguinte apareceu um empregado da Companhia de Seguros e quatro dias depois um perito-avaliador, que ràpidamente avaliou o sinistro em 20 000 escudos. Na mesma altura comprovou que o valor do mobiliário total se elevava a cerca de 300 000 escudos e, portanto, ao dobro da quantia que o dono da casa tinha indicado há seis anos, quando tinha feito o seguro do recheio da casa.

O resultado deste exame foi comunicado numa carta da Companhia Seguradora:

> «Como V. Ex.ª tem um seguro com um valor de 50 por cento inferior ao real, só podemos, por isso, indemnizá-lo em metade do sinistro, ou seja, 10 000 escudos.»

Geralmente a Companhia de Seguros não exige, ao concluir um contrato, uma descriminação precisa de todos os valores que compõem o recheio da casa. Este procedimento pouco burocrático mostra-se perigoso em caso de sinistro. Tudo o que a Companhia de Seguros exige é que o recheio da casa seja seguro com a maior exactidão nos valores reais. Quem não segue este procedimento sujeita-se a só receber, em caso de sinistro, o valor proporcional ao seguro efectuado. Em sinistros pequenos a Companhia fecha muitas vezes os olhos, mas este facto não dá direito a qualquer reivindicação em casos futuros.

A OPINIÃO DE UM ESPECIALISTA

«A maior parte das vezes os segurados não tentam enganar-nos: eles nem pensam nos bens que possuem», disse-nos um profissional de seguros. «O montante da conta no banco, o valor dos papéis de crédito, é espontâneamente indicado. No entanto, nem lhes vem à ideia a valorização dos bens adquiridos peça a peça, muitas vezes com sacrifício, não esquecendo também presentes valiosos. Claro que cada aquisição pesa na bolsa, mas o prazer da posse faz esquecer ràpidamente esse facto O montante do capital seguro deve acompanhar, portanto, o valor crescente do recheio da casa. Amiúde não se indicam objectos que se encontram fechados e quantas vezes esquecidos no fundo de armários. Discos e objectos artísticos, não são considerados na maior parte das vezes Tão-pouco se pensa nas bicicletas, nos artigos desportivos, ou de campismo e nos móveis do jardim.»

Evidentemente que seria perder tempo, escusadamente, se de cada vez que se faz uma aquisição se ajustasse o montante do capital seguro, mas pode utilizar-se uma margem de segurança, concluindo-se muito simplesmente o contrato, por mais uns milhares de escudos, que o valor do recheio da casa nessa altura.

Perfaz-se para cada 1000 escudos ao ano, o equivalente a mais ou menos 3 cigarros.

GERT SCHLÖSSER

O SEGURO OBRIGATÓRIO DE AUTOMÓVEIS NA ITÁLIA

APÓS VÁRIOS ANOS de estudo, férteis em projectos e discussões a diversos níveis, foi aprovada, em 24 de Dezembro de 1969, na Itália, a lei sobre o seguro obrigatório de responsabilidade civil relativa à circulação de veículos automotores e de barcos.

O DIPLOMA abrange matérias referentes à obrigação do seguro, celebração do contrato, reparação dos danos, penalidades e outras disposições. Estão abrangidos, pela obrigação de seguro, os veículos automotores, com excepção dos que circulam sobre carris, compreendendo os «rolleybus» e os reboques.

O seguro contratado permanece válido mesmo se o veículo é posto em circulação sem autorização do proprietário, do usufrutuário ou do comprador do veículo com reserva de propriedade, sem prejuízo, neste caso, do direito do segurador perante o condutor.

Por outro lado, os barcos a motor e as embarcações que não ultrapassem 25 toneladas, munidos de motor dentro ou fora de bordo, com mais de três cavalos-vapor, não podem navegar se a responsabilidade civil perante terceiros, a que possam dar lugar, não estiver coberta por um seguro.

Também estão contempladas na lei, impondo-se idêntica obrigação de seguro, os participantes em competições desportivas de veículos automotores de qualquer natureza, bem como de quaisquer provas, mesmo que sejam realizadas em circuitos fechados.

Deu-se assim satisfação, na Itália, às razões de carácter moral, económico e social que justificam a existência dos esquemas de seguro obrigatório por toda a Europa, como noutras regiões do Globo.

Na verdade, a instituição do seguro obrigatório de responsabilidade civil, resultante de acidentes causados por veículos, corresponde, nos nossos dias, ao humano desejo de se não deixarem as vítimas ou os seus beneficiários na dependência do factor, tão aleatório, da solvabilidade do responsável, ou o facto de este haver ou não transferido a sua responsabilidade para uma companhia de seguros, de forma a garantir, completamente, a reparação que seja devida.

Para quando o seguro obrigatório em Portugal? Sabe-se que, desde 1962, data da constituição de uma primeira comissão encarregada do estudo deste problema, se tem trabalhado, feito projectos, etc.

De qualquer maneira o essencial é que, atenta a sua necessidade, sentida por toda a parte e sob a égida dos mais variados sistemas jurídicos e económico-sociais, se ponham em marcha os seus elementos integrantes e se conclua, ràpidamente, pela indispensável infra-estruturas de molde a que a sua entrada em vigor seja dentro em breve uma realidade

SEGURO DE TRANSPORTES

UMA NECESSIDADE

É DIFÍCIL situar onde e em que época teria aparecido o seguro de transportes. A sua necessidade deve ter surgido quando o homem se apercebeu que os bens de troca, base do seu comércio, no alvor duma «economia» nascente, podiam estar sujeitos a riscos de que resultaria a sua perda, daí advindo, para o «comerciante», um prejuízo que se não media, como é evidente, pelo nosso padrão actual.

Não é ousadia pensar que o primeiro risco, que teria levado a estabelecer algo que se possa considerar como a origem histórica do seguro, dentro dum conceito de previdência, (quer tivesse a característica de mutualidade, quer esta fosse inexistente) deve ter sido o receio de «roubo», por assalto das caravanas ao longo dos desertos

O conceito de previdência, é um conceito de instinto, mas não atinge o mesmo grau em todos os indivíduos, tal como as necessidades são variáveis de ente para ente.

Porém, na «economia de mercado», padrão das sociedades, ao aproximar-se o final do século XX, verificamos ainda não estar tal conceito radicado no espírito do homem comum. E, no entanto, a necessidade do seguro de transportes é uma realidade que ninguém pode esquecer.

O QUE ACONTECE EM PORTUGAL

No caso específico do mercado português, verificamos que o comerciante, o industrial, enfim, todo aquele que, no âmbito da sua actividade, faz deslocar «bens de consumo» ou outros bens, de um local para outro, não está suficiente consciente daquela necessidade de garantir que não virá a ter um prejuízo que afecte, de qualquer modo, a sua actividade precavendo-se por intermédio do seguro.

Hoje em dia, o comerciante e o industrial, tem recurso constante ao crédito e, à roda dele, gira toda a sua política de gestão. Mas o recurso ao crédito, se resolve problemas de ordem financeira, não resolve problemas «irreparáveis» (por vezes) se da inexistência de um seguro de transportes resultarem perdas grandes (ou totais) nos «objectos» negociados. Isto é evidente, mas, no entanto, o comerciante ou o industrial menosprezam, ainda, a necessidade do seguro de transportes, atirando-o para um lugar secundário na panorâmica do seu esquema de gestão.

Julgamos que tal situação se deve a insuficiência esclarecedora, quer por parte da própria indústria seguradora, quer por parte dos respectivos interessados, que se não procuraram actualizar com conhecimentos, nem mesmo rudimentares, sobre o seguro de transportes.

HÁ ERROS ACUMULADOS

Há erros acumulados através dos tempos na actividade de seguros de transporte em Portugal, alguns por condicionalismos da própria indústria de seguros, já não falando nos factores humanos que foram desvirtuando, a pouco e pouco, interpretações de condições e de riscos, indo beber, a fontes tradicionais, conceitos posteriormente mal adaptados.

Isso não obsta a que Segurado e Segurador se procurem, no sentido de resolver em comum, por devido estudo, todos os casos que ao primeiro surjam.

O que o comerciante e o industrial não devem ignorar é a realidade de necessitarem do seguro de transportes como medida de segurança na protecção dos seus bens em movimento.

ADELINO CECÍLIO DA COSTA

O cinto de segurança contribuirá para uma diminuição de acidentes mortais

— UMA COMPANHIA de Seguros sòzinha não pode segurar um grande barco ou um avião, por isso ela procura associar-se a outras companhias para dividir o risco mediante uma proporcional divisão dos seus prémios.

Não haverá analògicamente razão para um indivíduo dividir com ela os seus riscos, pagando uma pequenísima parte do seu ordenado?...

Notas

PONIATOWSKI dizia a 21 de Outubro de 1963 no Conference Européeme des Services de Controle des Assurances:

«...Que não seja esquecido que a segurança é uma ciência profundamente humana, que se aplica directamente à vida, ao trabalho e aos actos dos homens.

Ao aplicar trigomometria, a aparelhagem electrónica e os cálculos actuariais, como é possível esquecer que é o esforço, as desgraças e por vezes a grandeza dos homens que está em jogo?

O homem é matéria numerável, calculável na Indústria Seguradora.

Mas não invertamos os papéis, são as Seguradoras que devem manter-se ao serviço do homem. Também aí a técnica é secundária, e o homem essencial».

Virada para a essencialidade humana está a complexidade tecnológica. A realidade última e a garantia efectiva, e desmistificação da segurança como pertença de alguns, as legítimas aspirações duma sociedade consciente das suas necessidades levarão as Seguradoras a melhor terem de servir a sociedade em que se integram.

Mas não há oposição, nem paralelismo, o que se forma é a convergência de interesses: os serviços que alguns têm para vender são os que todos querem comprar porque podem, porque deles necessitam, porque lhe são úteis.

E a compra desses serviços não é um luxo: a segurança do indivíduo, da família, da sua velhice, da educação dos filhos é uma exigência legítima.

Se existe um meio para os obter, e existem meras dúvidas de sua aplicação, não há motivo para os esquecer. Haverá sim que os esclarecer.

Comecemos a exigir esse nosso direito.

perguntas ...e respostas

P — No caso de um acidente de viação quais são as obrigações que o segurado tem perante a respectiva companhia de seguros e quais as normas principais que deverá observar?

R — No caso de um acidente de viação, as obrigações do segurado são muito importantes e do seu cumprimento dependerão as indemnizações que serão pagas pelas companhias de seguros.

O artigo 27 da apólice uniforme do ramo automóvel prevê que o segurado deverá participar o sinistro o mais rápidamente possível dentro dos oito dias seguintes ao acidente, sob pena de á companhia não poder ser exigida nenhuma responsabilidade.

Com efeito é necessário que o segurador seja informado rápidamente do sinistro para poder proceder a inquéritos sobre as condições do acidente, efectuar peritagens sobre o valor dos danos materiais, etc.

P — Como deve ser feita a participação de sinistro para que o segurado fique perfeitamente em ordem perante a companhia seguradora?

R — Frequentemente, de início, o segurado limita-se a fazer uma declaração sucinta mas, depois, deverá preencher um impresso que lhe é fornecido pela própria companhia. A participação pode ser feita na sede da companhia, numa delegação ou dirigida ao agente da companhia da localidade onde ocorreu o acidente.

O segurado deverá entregar imediatamente na companhia todos os documentos, citações e notificações que receber de qualquer autoridade. Com efeito, é o segurador que responde pelas consequências pecuniárias de um acidente e, por isso, ele necessita conhecer todos os documentos que sejam úteis á liquidação do sinistro.

P — Frequentemente, depois de ter ocorrido um acidente e antes dos respectivos intervenientes recuperarem um estado de espírito normal, procuram-se acordos ou o reconhecimento de culpa de uma das partes, às vezes até em presença das próprias autoridades que tomam conta da ocorrência. Como deve agir o segurado nestas circunstâncias?

R — O segurado deve abster-se de reconhecer a sua responsabilidade ou fazer qualquer acordo sem o consentimento do segurador. Estas obrigações têm por finalidade evitar que o segurado, por precipitação, reconheça uma responsabilidade que na realidade, não possui. É certo que os segurados devem dizer sempre a verdade nas declarações que fazem à Polícia, descrevendo os factos tais como ocorreram mas não são obrigados a declarar — e ninguém lhes pergunta — se são ou não responsáveis.

P — Já tem acontecido que o facto de um interveniente num acidente, prestar imediatamente socorros aos sinistrados, pagando despesas resultantes desses primeiros socorros, seja levado à conta de reconhecimento de responsabilidade. Estará esta atitude prevista na apólice como reconhecimento de culpa?

R — Os primeiros socorros prestados aos sinistrados são considerados como simples actos de humanidade que não implicam o reconhecimento da responsabilidade. A própria apólice declara que não é considerado como reconhecimento de responsabilidade qualquer acto de humanidade a favor das vítimas de um acidente, nem os primeiros socorros médicos ou farmacêuticos, ou despesas de transporte das vítimas para o seu domicílio ou para o hospital.

HUGO CASTELO BRANCO

Diário de Lisboa
Juvenil
N.º 684 DOS JOVENS PARA TODOS

PRÉMIO DE POESIA
—6.ª SEMANA

POEMA

por Armando Leal

Cinco meses já vão que estais ausente.
Doloroso é o barulho dos macacos lá em cima.
(RIHAKU)

tu és um vício
como o meu país
nos pulsos cicatrizados
da cidade

violentamente
eu respondo
aos teus seios amadurecidos
na primavera

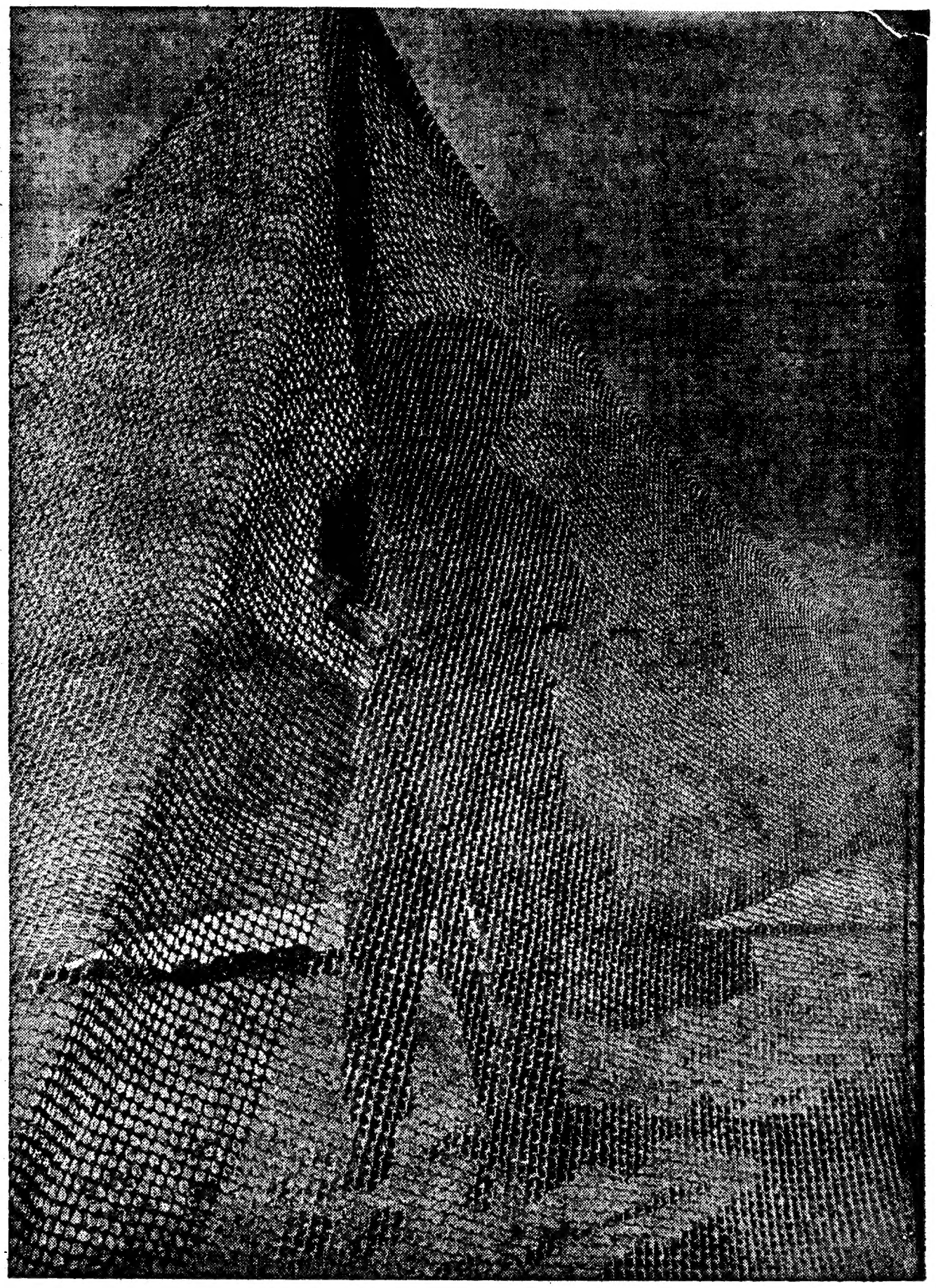
mas tu perdes-te no tempo
como a água no sol
e uma face se gasta
num copo

daqui
com dois braços caídos
para vinte dedos crestados
só te posso dar
algumas paredes
e um centímetro cúbico de água
exactamente
à altura do queixo

CRÓNICA DE UM EXÍLIO VOLUNTÁRIO

por Abel Costa Vieira

falo de um lugar estranho. quando vim para este lugar
as raízes doeram; no entanto, estou contente por ter vindo.
nessa altura era necessária uma partida; urgentemente.
aqui, os dias decorrem sem eu ter de sentir o tempo
pulsar-me nas veias ou limitar-me os passos, como
relógios colados aos pés. os espaços são amplos e posso
habitá-los livremente. e as noites? as noites são quentes
e íntimas: consigo quebrar-lhes todo o (seu) espanto
e assim, saber-lhes os segredos escondidos.
esse lugar é uma língua de areia no meio do mar.
quando o sol se põe, silenciosamente, os peixes
aproximam-se de mim para ouvirem os meus versos;
então sinto-me poeta entre eles. quando cheguei,
trouxe apenas uma folha do calendário, agora é sempre
setembro. por isso, vou plantar uma videira na orla
da areia, junto ao mar e, como é setembro, em breve
beberei o vinho, dos seus cachos maduros
regressarei um dia e deixarei este lugar. sei
que vou sentir saudades: dos meus peixes,
da minha videira, do meu eterno setembro.



PRÊMIO DE FOTOGRAFIA
por Manuel Guerra e Silva

«ACONTECEU NO OESTE»

UM «WESTERN» RITUAL

por Tito Lívio

Uma cena que antecede e introduz o genérico. O homem rigorosamente integrado na paisagem. A noção precisa do espaço humano no espaço-tempo e paisagem. Toda a cena inicial na estação dos caminhos-de-ferro: um lento ritual, o aproveitamento total de um cinema que vive dos gestos-símbolos dos homens-figuras da epopeia do Oeste, as silhuetas que se recortam na paisagem, os chapéus de abas largas, o olhar duro, um tempo que se escoa lenta mas precisamente. A espera de algo que se adivinha importante mas indefinido.

A criação de um ritmo. Lento, voluntàriamente. A associação constante de planos continuando as variantes de uma mesma ideia. Como uma sucessão-continuidade interrompida. Mudança de local, brusca como os revólveres da cena da estação-passagem para o plano de um pássaro que cai morto. Apenas um único tiro. Aqui como ligação, idêntico ponto de referência.

Sérgio Leone, realizador já de vários «westerns», deu-nos agora a sua melhor obra. Assimilando as lições de um Ford, de Hawks, de Brooks. Captando com uma notável acuidade os elementos essenciais do Oeste em que a dureza dos homens é o necessário contraponto da secura vermelho-térreo da paisagem.

Para além da criação de um ritmo lento, obcessivo até (cenas do duelo final) há ainda um crescente conteudo de mistério. Explicação para os gestos de violência, o massacre da família McBain, incompreensível aos olhos de uma criança (bela e dolorosa também a sequência em que Frank-Henry Fonda e o filho mais novo de McBain se fitam expectantes).

«Western» clássico quanto ao tema (não há aqui uma renovação, uma crítica, o arrasar de uma mitologia, desde há muito criada) «Aconteceu no Oeste» vem propôr-nos uma estética, um novo ritmo através da fusão-combinação de elementos antigos e modernos: as desfocagens, a camara lenta, os «plongées» e contra-«plongées» (a chegada do comboio á estação, toda a cena do enterro). Ritmo que é aqui condicionado por um certo conteudo, criador de um clima, de um tempo rigoroso. Tempo de espera e perseguição - tema central do filme. Condensado e personalizado na figura do Homem - abstracção para uma identidade que se desconhece. Aqui ainda um certo maniqueismo ingénuo: os maus: Milton, Frank os menos maus: Cheyenne, Gill, e os puros, ingénuos, até: McBain, Sam. Um certo ritualismo que, numa população pequena ligada por laços de solidariedade e de comunicação com a terra, marca os grandes acontecimentos (raros) da vida diária: o enterro, a chegada de Gill, a construção da nova cidade-estação, o encontro inicial dos pistoleiros, o duelo final.

Um cinema que vive ainda dos primeiros planos dos rostos dos actores, dos olhares, da crispação de um rosto, de umas botas que se deslocam num ritmo certo, lento (toda a cena do duelo é um exemplo frisante).

Ainda não é aqui que se tentará uma desritualização da morte, da violência, do mito do «cow-boy» (parcialmente conseguida em «Dois homens, dois destinos»). Gratuita também a cena final da chegada do comboio a «Agua doce», como ilustração obrigatória da profecia de Cheyenne.

Depois, ainda a banda sonora de Ennio Morricone (fundamental no crescendo dramático da acção), a cor terrosa e vermelha da paisagem, uma fotografia espantosa de Delli Colli e um naipe de bons actores (e só bons actores conseguem aguentar um cinema essencialmente feito de grandes planos, procurando ávidamente os rostos, os olhares, as expressões): Henry Fonda, Jason Robards, Charles Bronson, Frank Wolf, Gabrielle Ferzetti, Woody Strode (o de «Caçadores de escalpes») e a própria Claudia Cardinale.

«A DOCE VIDA»

OU «A FEIRA DOS MILAGRES»

por Tito Lívio

1 — A «Doce Vida» de Fellini datada de 1960. Chegou até nós com um atraso de apenas dez anos. Posterior a «Fellini 8 1/2» e «Julieta dos espíritos».

A «Doce Vida» surge-nos assim distanciada, sem o impacto que têm todas as obras quando imediatamente vistas. Mas hoje, aqui e agora, a «Doce Vida» mantem ainda uma mesma actualidade de crítica social e religiosa, a chancela de uma obra importante no cinema.

2 — Fellini é um dos poucos autores de cinema válidos que podemos apontar hoje. Autor bastante subjectivo, extravasando para a película as suas obsessões, mitos, preocupações religiosas. Como Bergman. Exacerbadas em «8 1/2» e «Julieta dos espíritos».

3 — «A Doce Vida» é um fresco social. Sobre a alta burguesia italiana, mas não só. Protótipo da europeia.

A «Doce Vida» é um filme feito de pequenos episódios ligados pelo denominador comum que é a figura do jornalista. Um homem em busca de si próprio, peça de uma engrenagem sensacionalista e alienante, quando não destruidora até (e aqui o episódio de dissecação da «grande estrela» — Anita Ekberg e de toda a estrutura cinematográfica comercial é revelador e demonstrativo) tentando, ainda que débilmente, escapar ás suas malhas e pressões. Escritor falhado ele procura um caminho, uma eperança constantemente negada — nem o amor obsessivo e egoista da mulher com quem vive «amor agressivo, viscoso, materno, viver como um verme», nem a falsa tranquilidade do amigo refugiado numa enganosa paz familiar — «o mundo parece maravilhoso. Mas como, se basta um telefonema para anunciar o fim?», nem o regresso (agora impossível por falta de vontade, por uma cadência constante) a uma pureza reencontrada, simbolizada pela rapariga da praia.

4 — Podemos dizer que a *Doce Vida* é um filme sem saída, sem esperança, totalmente negada depois do suicídio do amigo e da morte, por este, de seus filhos. Não há salvação possível dentro de uma sociedade podre, doente é o que nos diz a espantosa cena final em que depois do aparecimento de um peixe monstruoso na praia, Marcello é arrastado, mais uma vez pelos amigos de uma noite perfeitamente inutil, quando haveria ainda a hipótese de uma esperança, uma redenção.

5 — Depois o filme é constituido por fragmentos desde a cena do início; o desmentar dos mecanismos da grande industria cinematográfica, autêntica devoradora dos mitos que constrói e destrói (como pessoas); o regresso á infância, tentativa falhada de aproximação com o pai, imagem sempre distante o episódino do suicídio do amigo culto, vivendo uma paz dourada e tranquila — «Se me visses na minha verdadeira estatura verias que não era mais alto do que isto», e a noite louca da cena final, «autêntica feira dos milagres», carnaval de horrores em que Marcello age como revulsivo, desmitificando e pondo a nu, ainda que temporàriamente, o «dolce far niente», corrupção escandalosa e abjecta do mundo que o cerca. A gratuidade, o vazio e enorme soliodão das pessoas, a fria utilização dos outros como espectáculo também. Para diversão de ociosos em busca de algo de novo ou excitante.

6 — O mundo que cerca Marcello escritor falhado, é um mundo onde não há fuga possível, vislumbre de esperanças ou redenção. Sociedade que se alimenta dos mitos que constrói numa autofagia enganosa e cruel, em que até a tranquilidade é enganosa — «É melhor a vida mais miserável do que uma vida numa sociedade enganosa em que tudo seja perfeitamente previsto», em que o isolamento do indivíduo, o não-sujar-se na realidade em que mergulham os outros homens não adianta, apenas anestesia, simples evasão de diversão — «Deverá mudar tanta coisa. Não julgues que a salvação é fechar-se dentro de casa. É esta paz que me mete medo.»

7 — Fresco social, panorama realista da decadência de uma sociedade.

8 — Formalmente é este filme de Fellini uma obra ultrapassada, fórmula gasta, cansada, realista no seu duplo aspecto for ma-conteudo), estética já abandonada pelo próprio cineasta.

«À PROCURA DO TEMPO PERDIDO» OU «O COMPROMISSO»

DE ELIA KAZAN

por Tito Lívio

O despertar de um dia como muitos para um casal corroído pela rotina. Os anúncios de rádio, impondo uma publicidade gritante, insistente — Zephyr, o melhor cigarro, o mais inofensivo, o mais... O condicionamento total do homem por uma máquina publicitária obsessiva e bem organizada. Tudo isto nos dá «O Compromisso» nos seus planos iniciais, último filme de Elia Kazan.

«O Compromisso» começa onde «América, América» acaba — olhar de desencanto sobre a América, o mito do *self-made man*, uma sociedade onde o êxito pessoal e social é feito à custa de cedências diárias em que o homem se move, pequena roda, no entanto indispensável para o aumento de vendas das grandes firmas de uma sociedade superindustrializada.

«O Compromisso» não é autobiográfico na sua temática mas mostra o mundo tal como eu o vejo. E não tem o fim convencional de distrair.

«O Compromisso» foi feito para incomodar as pessoas.

Com esta finalidade as personagens ai analisadas não são indivíduos, mas arquétipos.

O papel que lhes foi atribuído é o de máscaras (tipos) sociais da nossa época e do nosso país neste momento (1).

PRÉMIO DE CONTO — 6.ª SEMANA

ONDE NASCE O NILO?

por MANUEL RIBEIRO SANTOS

André acordou quando os gritos dos pescadores, puxando as redes para terra, chegaram da janela até à cama. Era sempre assim; depois abria os olhos com dificuldade, já que as pálpebras se colavam por causa de estranhas lágrimas nocturnas que secavam quando a elas chegadas — tudo isto devido à miopia. Sentou-se na cama e mais uma vez olhou, um por um, os corpos que compunham o inventário do quarto: a cama com um duro colchão de palha, uma cadeira, a mesa, a estante. E um candeeiro também. Um daqueles horríveis candeeiros cujo braço é dobrável. (Trouxera-o da cidade). Fez as contas pela trigésima vez e chegou á conclusão de que era o melhor que se podia arranjar por cento e cinquenta escudos mensais. No quarto do lado, D. Gabriela, a dona da casa, preparava-se para descer à cozinha para lhe fazer o café. Era viúva de um pescador e havia quem dissesse que ainda trazia o mar no corpo. Redonda, de ventre saliente devido à venda do peixe, pernas repletas de grossas varizes, tinha uma estima muito especial por André, a quem tratava por «senhor professor». Por fim, este levantou-se e foi-se encostar ao vidro da janela que dava sobre o bairro dos pescadores. A filha de um destes, despia-se para tomar banho. Da janela, André espreitava decorando o desenho das pernas e dos braços. Mas antes que ela se despojasse da combinação, ele voltava para dentro, começando a remexer a mala à procura de uma camisa e de um par de meias. Todos os dias a cena se repetia. Talvez mesmo a rapariga já soubesse que era observada, e por isso tornava os gestos mais lentos e cheios de uma dor que não se conhece. E era isto que o impedia de ficar de pé, perto do vidro, os dedos apertando com força o peitoril meio apodrecido. Lentamente, André vestia-se. Sabia que naquele local o tempo se contava pelas ondas e pelas gaivotas. E isso era tão importante saber, como o ter a certeza que, depois de pronto, voltaria à janela onde já não veria a rapariga, que, entretanto, tinha ido para a lota. Esperava assim por D. Gabriela, que bateria à sua porta, avisando-o de que o café estava pronto, ao tempo que lhe deixava, junto à porta, os botins engraxados.

— Obrigado, D. Gabriela. E bom dia, sim?

O descer das escadas recordava-lhe a casa dos pais. *A mercearia do pai ficava para a Rua das Trinas, quase cá em baixo. Quando chegava do liceu, desgostava-o ver os empregados todos vestidos de igual, com um lápis enfiado na orelha.* «O pai», lembrava-se, parado na escada. E ria para dentro, regaladamente. *Poderoso, desde a guerra, ao conseguir esconder numa arrecadação bom azeite, conservas, presuntos, paios e bacalhaus, que depois vendera formidàvelmente à embaixada e a um militar. O seu maior desejo era ver um dos filhos feito advogado, «que eles é que sabem como se devem fazer as coisas», dizia. Caso faltasse a vocação — engenheiro. Ditador, não deixava que ninguém se sentasse à mesa antes de ele o fazer. O mesmo em tudo. André dormia com os irmãos e irmãs num mesmo quarto. Havia duas camas para as raparigas; os outros dormiam no chão, cobertos por um único cobertor, comprado numa feira. Um dia, no liceu, durante a aula de geografia, a professora perguntara-lhe «onde nascia o Nilo?» e, perante a resposta acertada dele, elogiara-o, por escrito, no caderno. O pai, ao saber, rira-se e dissera por sob o denso bigode:*

— Eh filho de uma cana! Cá temos um engenheiro para fazer pontes e pontaças. Mostra-lhes quem és e de onde vens!

André descia as escadas e lembrava-se disto tudo. Todo o corpo era um sorriso espetado na memória. *Nessa noite, o pai obrigara a irmã mais velha a dormir no chão, enquanto ele descansava no seu lugar.* Agora, tinha um colchão de palha todas as noites, uma janela do lado esquerdo e um café quente esperava-o sobre uma mesa de mau mármore esboracado.

No tempo da Rua das Trinas, quando os rapazes chegaram a uma dada idade, a mãe aflorara o problema das filhas dormirem e despirem-se juntamente com eles, mas o pai, lá da cabeceira da mesa, alçara a cabeça do prato de sopa e gritara:

— E que mal há nisso, podes-me dizer? São ou não são irmãos? Se são homens, sabem como portar-se. (E, meio a sorrir, acrescentou). Olha, é uma forma de se irem habituando...

André, no entanto, nunca se habituara. Por isso, ainda se afastava da janela quando a filha do pescador se ia descobrir totalmente, por isso, ainda corava quando D. Gabriela aparecia no seu quarto, de roupão. Mas o tempo, ali, contava-se pelas ondas e o café já arrefecera. A vila era um despertar lento, estendendo-se até à praia. Depois de sorver o café de uma só vez, saiu em direcção àquela. (Naquele sítio só haviam aulas da parte da tarde, visto os miúdos também partirem nos barcos, ainda a noite era espessa. Deste modo, André aproveitava a manhã para vaguear). Começa a descer a rua, de terra batida. As casas levantavam-se dos dois lados e nenhuma tinha mais que três pisos. As janelas altas, tinham um gradeamento até meio da altura, que as transformavam em estreitas varandas, por onde passava o ar salgado. Todos viviam neste odor, embebido num determinado tipo de morte. Na parte mais velha da povoação, as casas assentavam sobre grossas arcadas onde, por vezes, se vendia o peixe embarcado nessa madrugada ou, se carregavam as camionetas que levavam a dolorosa mercadoria até à cidade mais próxima, onde nem as gaivotas se aventuravam. André gostava particularmente de descer esta rua, apesar das habitações se apresentarem em péssimo estado de conservação, com as paredes meio comidas, quer pela chuva, quer pelo vento ou pela própria idade. A praia, ficava logo depois da parte velha. Al chegado, oprimiu-o o perfume acre do peixe ainda molhado, estendido pelo areal, separado conforme os barcos que o tinham apanhado, e aos lotes de cinco ou dez. Olhando as crianças de guarda ao peixe, notou-lhes o desejo de regressarem às ruas da vila, para jogarem ao arco ou lançarem velhos pneus pelas ladeiras, ou ainda pamando-lhe o verdadeiro sabor e a força que os mantinha ali seguros. Junto mantinha ali seguros. Junto ao barco mais velho, junto ao pescador mais idoso, André parou. Já nem um nem outro partiam, e era como se tudo lhes faltasse. No entanto, esperavam sempre as outras embarcações (ou esperavam pelo outro dia?). Sentou-se ao lado de ambos, permanecendo calado. O velho, pegava numa porção de areia numa das mãos e passava-a para a outra, e de seguida para a primeira novamente. Mas, a cada passagem, havia uns grãos que tombavam, aos poucos. Rigorosamente, caíam. Até que deixava de existir areia em qualquer das mãos que, por instantes, se apertavam uma à outra. Depois, os dedos, num gesto dolente, iam até ao solo onde se enterravam para depois se fecharem em redor das partículas. E a cena repetia-se. Até André chegava o cheiro a maresia vindo do velho barco, misturado com o odor a madeira podre. A tinta tinha estalado e metade do leme desaparecera após o último vendaval. (A agonia tinha o seu território nos corpos de quem a respirava).

— Se lhe fossem agora meter água para encher, rebentava!

Virando a cara, olhou de frente o antigo pescador. As rugas, de tão fundas, pareciam chegar aos ossos e a pele torrada mostrava com clareza os enormes poros. A história das redes que se largam e carregam, gravava-se nas mãos que já não possuíam a força precisa para vergar o vento. Nem vestígios da rota das velas. O corpo apenas esperava a morte do barco ou dele próprio. Criadas as raízes, estas tornaram-se fortes — só que não conduziam a sementes nem ao gesto desejado. *Assim como a infância vivida num quarto com irmãos e uma raiva não esquecida por quem sabia das riquezas da guerra, como um fogo corroendo a memória.*

Os pescadores passavam, carregando no tronco o peso do silêncio que sempre subsiste. E o velho falava-lhes:

— Então, tu não partes? — e a voz não se media pelas ondas, só pelas marés.

— O homem quer ir para o camarão, mas não há gente. Está o barco parado...

— Paguem melhor e já verão o bicho.

— Qual quê?! Vão todos para África. Sempre são dez contos limpos, sem casa nem pão a contar.

— E estão muitos assim?

— Se estão. Ou é por falta de homens, ou de óleo ou por outra coisa qualquer.

O homem seguiu. André levantou-se. Tinha de ir almoçar para depois ir dar aulas. E era necessário não esquecer que o tempo se contava pelas ondas; não esquecer as mãos que se queimam velozmente e se cortam no «nylon» do cheiro a sangue fresco após abertas as rubras guelras. Não esquecer muita coisa: a memória, a mãe do aluno pedindo para dar uma boa nota ao filho se não o pai desfazia-o; e a filha do pescador: e um barco morrendo no colo do seu dono. (Necessário era deixar correr uma espécie de esperança ou uma aventura).

Após o almoço, subiu ràpidamente a rua, ao fim da qual ficava a escola. Nessa outra paisagem, tudo tinha a densidade da nostalgia, esse resíduo que lhe servia de intercâmbio, de ponto de contacto. Por detrás das carteiras, os filhos dos pescadores. André sentiu a alegria talvez inútil de querer ensinar a quem sabia dos barcos em terra, do fluir de uma fome e de um desleixo pelas galvotas: de um pescador que deixara a mulher longe—já não se sabia onde— e que, nesse tempo, só colhia o tempo nas palmas das mãos, quando a areia deslizava vagarosamente por entre os dedos. E havia ainda o cheiro a sal, a limos secos, que penetrava nas roupas, se acolhia nas pálpebras. Ele, o professor, chamou o filho da mulher com que se avistara na véspera. Pensou que talvez o pai o quisesse também advogado ou engenheiro e que, apesar disso, não tinha carros eléctricos para desejar ser guarda-freio.

— Onde nasce o Nilo?

«O Compromisso» é uma interrogação. Interrogação de um homem, Eddie, filho de emigrantes como Kazan lentamente destruindo o mito da terra prometida presente em «América, América». Interrogação de um ser que busca a sua própria identidade numa descida ao fundo de si próprio recusando-se, depois do acidente (voluntário e provocado) a aceitar todos os valores essenciais dessa sociedade, anteriormente aceites: o trabalho, o êxito pessoal, um matrimónio convencional falhado, o dinheiro como fonte de promoção.

Que pretende Edide em troca? Simplesmente «ser», essência que vai para além do acto simples de existir, assumir-se, a recusa a uma alienação diàriamente vivida — a um compromisso em que o homem vai perdendo lentamente a humanidade, toda a riqueza e potencialidades intrínsecas, aqui mero objecto eficaz no complexo esquema da produção e do rendimento.

Eddie põe em causa o compromisso. O que provoca imediatamente a reacção dos seus familiares e patrões. Depois de tentativas mal logradas de integração (o recurso claro ao psicanalista, como agente de uma possível reintegração social e aos argumentos paternalistas do advogado, amigo de família) essa mesma sociedade que põe em causa — ao rejeitar os seus valores fundamentais — marginaliza-o, internando-o (sempre legalmente) num asilo psiquiátrico (embora bastante cómodo e asséptico) depois de um processo de interdição.

De facto, os personagens são aqui arquétipos— modelos ou tipos — Florence, *«a mulher, é tipicamente a esposa de uma burguesia endinheirada... Possui todos os critérios, valores e aspirações, todas as virtudes também da esposa da burguesia endinheirada... É sobretudo o produto de uma classe, predeterminada por uma forma social»* (1).

Gwen, a amante é a via para outra vida, o espelho do outro «eu» de Eddie, o seu revulsivo. Porta aberta para uma rotura definitiva com o compromisso que Eddie, embora regeitando a princípio em proveito de uma moral de situação, acaba por aceitar.

Falou-se imenso nas ressonâncias psicanalíticas do filme — ligação de Eddie com o pai, aqui motivo fundamental e explicativo de um certo comportamento: das frustrações, do mito do melhor, de um certo tipo de herói, que Eddie acaba por destruir. Com a destruição da imagem do pai, a sua restituição às antigas dimensões mais reais. Parece-nos ser tal parte fundamental como antecedente para a explicação das dúvidas e condicionamento de Eddie — aqui o anti-herói, porque homem comum.

«O Compromisso» é um filme incómodo, como afirma Kazan. Extraído de um romance do realizador «O Compromisso» obriga o espectador a colocar-se diante de si próprio, a assumir na sua própria carne (como hipótese presente ou futura) o problema de um homem cada vez mais esquecido de si mesmo de tal forma que a procura de uma autenticidade, de um «eu» não-alienado é considerado sinónimo de perigosa loucura e motivo suficiente de marginalização.

Filmografia de Elia Kazan: «Um rosto na multidão», «Viva Zapata», «Há lodo no cais», «Um eléctrico chamado desejo», «A leste do Paraíso», «Baby Doll», «Quando o rio se enfurece», «Esplendor na relva», «América, América» e «O Compromisso». (Tentou-se seguir uma ordem cronológica).

Kazan é com Lee Strasberg o fundador do Actor's Studio, escola dramática cujos métodos influenciaram toda uma geração de actores: Marlon Brando, Paul Newman, Lee Remick e Joanne Woodward, entre outros.

---

(1) Declarações de Elia Kazan em carta a Michel Ciment in «Positif-114.»

CHARLOT ou a reinvenção da alegria

por JOSÉ AGOSTINHO BATISTA

Charlot é o «clown» espontâneo e indestrutível que nos persegue pelos anos fora, que nos reconquista a infância e o sorriso em cada história, em cada acto, em cada figura.

Charlot é o palhaço ou a criança que ainda nos habita.

Charlot é a reinvenção da inocência, da primitiva alegria, o riso límpido que nos enche o peito.

Aqui é o Circo O lugar onde a existência se multiplica em corda, em tambor, em magia, em cambalhota. A pista onde se está como se está na vida. Onde se escorrega e levanta, onde a lágrima cai e um sorriso logo se desenha e morre ou fica. Aqui é o marginal, o vagabundo dos pés tortos, do bigode, da bengala, o zé ninguém que o mago Chaplin criou e nos envia.

Charlot é isto. Estes gestos que dizem tudo, tudo, que até a voz se escusa. Esta alegria pura, esta tristeza simples e mansa que nos perturba, este encanto e esta nostalgia que nos encontram e permanecem.

Chaplin é o cinema da simplicidade, da ternura, do sublime tratamento dos tipos humanos que se movem e se revelam em trejeitos, em olhares, em manifestações de uma existência autêntica, amarga ou feliz na dádiva ou na avareza, no chicote ou no amor.

Charlot é um abraço antigo e jovem que nos procura, um rosto que nos convida para junto de si, do seu mundo irremediável onde o desespero ultimo é inacessível.

Aqui é o Circo. Aqui está-se bem, aqui seríamos capazes de reconstruir o mundo, de sermos garotos outra vez ou vagabundos de pés tortos, bigode, bengala, mas capazes também de acabar com a miséria e a dor silenciosa de todos os marginais, de todos os Charlots do universo, de todos os bobos que em muitos de nós subsistem.

Depois ficou a possibilidade do amor, da reconciliação forçada, a solidão de um circo que parte, de uma estrela rasgada, de um Charlot que se vai embora mas voltará, pés tortos, bigode, bengala, voltará porque é urgente que se beba mais, cada vez mais, deste cinema necessário para a criança que ainda nos habita.

POEMAS DO TEMPO PASSAGEM

por MARIA TERESA DE ALMEIDA DIAS

I — O ALIMENTO

Na terra se pôs uma semente
com as mãos
para as mãos continuarem
a cavar.

II — A FEIRA

As casas começam a aparecer
casas azuis verdes encarnadas
com rodas de música
as casas começam a aparecer
com pessoas de mãos dadas.

III — A EXISTÊNCIA

Há
em todas as bocas
um mas
que nos leva a comprar um ramo
de flores

IV — A PARTIDA

É uma mão acenando
única para ti e para ti e para ti
todos aqui neste largo
é o sentir da terra
é correr atrás dela.

PRÉMIOS FÓSFORO FERRERO DE LETRAS E ARTES

NA PRÓXIMA SEMANA DAREMOS OS RESULTADOS RELATIVOS À SÉTIMA SEMANA DO CONCURSO. ENTRETANTO, OS LEITORES PODEM CONTINUAR A ENVIAR AS SUAS PRODUÇÕES.

REGULAMENTO DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

1. — FOSFORO FERRERO organiza, com o patrocínio do «Diário de Lisboa-Juvenil» um concurso denominado «Concurso de Letras e Artes» a iniciar em 13 de Maio e com encerramento a 1 de Julho do corrente ano.

2. — O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de vinte e cinco anos de idade que não tenham qualquer livro publicado.

3. — São abrangidas as seguintes modalidades:

Reportagem ou ensaio.
Conto.
Poesia.
Fotografia.
Desenho, Pintura ou Escultura.

4. — As reportagens poderão fazer-se acompanhar de fotografias, o que constituirá elemento valorativo.

5. — Os originais deverão ser inéditos, nunca publicados antes, total ou parcialmente.

6. — Não se impõem normas relativas à extensão dos originais, sendo certo, porém que mais nos interessa a qualidade que a quantidade O sentido das realidades dos nossos concorrentes lhes aconselhará os limites a que devem atender tomando em linha de conta as possibilidades de espaço do nosso «Juvenil».

Apenas para a Reportagem ou Ensaio será permitida a continuação num «Juvenil» seguinte.

7. — As fotografias devem ser em papel brilhante, sem margens, formato 18×24.

8. — Os originais destinados ao concurso devem estar em nosso poder até sábado de cada semana.

9. — Não haverá devoluções.

10. — Os originais podem ser dactilografados. Considerando, porém, a dificuldade que a cópia à máquina suscita, aceitam-se os originais manuscritos.

Neste caso, só duas normas há a considerar:

1. — A letra deve ser bem legível;

2. — Os autores devem ficar com uma cópia em seu poder.

11. — A cada original premiado será atribuída a importância de quinhentos escudos. Isto significa que, durante as oito semanas do concurso, FÓSFORO FERRERO entregará em prémios a importância de vinte mil escudos.

12. — Os originais podem ser assinados com o nome do concorrente ou, se assim o preferirem, com um pseudónimo. Mas ainda neste caso a identificação é obrigatória.

13. — Da identificação consta:

a) Nome completo.
b) Idade.
c) Profissão.
d) Morada.
e) Número de telefone, se o tiver.
f) Retrato tipo passe ou qualquer outro, para efeito de publicação, em caso de prémio.

14. — Os originais recebidos e que não tenham sido premiados ficarão em poder do «Juvenil», que poderá distingui-los com a publicação.

15. — Todos os originais deverão ser enviados a partir de hoje com o seguinte endereço:

«CONCURSO FÓSFORO FERRERO» — «Diário de Lisboa-Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa-2.

16 — Os casos omissos serão resolvidos pelo redactor-orientador do «Juvenil» tendo em atenção a valorização do concurso, o interesse do Suplemento e a Justiça devida aos concorrentes.

Cada concorrente pode enviar um número ilimitado de produções, numa ou várias modalidades. Mas cada qual em seu sobrescrito.

Os concorrentes só poderão ser premiados uma vez em cada modalidade.

Basta enviar uma vez os elementos de identificação. Os retratos devem trazer no verso o nome do concorrente para evitar extravio ou confusão.